

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MULHERES DA VIDA?
UM ESTUDO SOBRE PROSTITUIÇÃO FEMININA**

ROGÉRIO ARAÚJO DA SILVA

**GOIÂNIA
OUTUBRO DE 2004**

RESUMO

Essa é uma pesquisa pioneira sobre prostituição adulta na cidade de Goiânia, especialmente sobre a prostituição feminina do tipo *trottoir*. Por essa razão, para contextualizar meu objeto, achei por bem apresentar um mapeamento geral da prostituição, incluindo a territorialização e a dinâmica do ofício da prostituição entre michês e travestis. A partir de dados obtidos através de pesquisa empírica, esse estudo discute aspectos da prática da prostituição, relações entre as profissionais do sexo, clientes, policiais e comerciantes, formas de classificação elaboradas pelas profissionais do sexo para orientação de seu cotidiano e técnicas corporais exigidas pelo ofício. Do ponto de vista teórico, minha reflexão pretende contribuir para a dessencialização e desnaturalização do conceito de identidade numa perspectiva que a entende como processual, fluida e relacional.

ABSTRACT

This is a pioneer research on adult prostitution in the city of Goiânia, specially on female prostitution like *trottoir*. For that reason, to put in context my object of study it is necessary to present a map of the general prostitution including the territorialization and the dynamic of the prostitution work between loverboys and transvestites. From the obtained data through the empirical research, this study considers aspects of prostitution practices, relation between the sex professionals, clients, officers and tradesman, classification types elaborated by the sex professionals for their daily orientation and corporeal techniques required by the work. From the theoretical point of view, my reflexion seeks to contribute to remove the essence and the naturalization of the concept of the identity in a perspective that understands it as procedural, dynamical and relational.

AGRADECIMENTOS

São muitos a agradecer, mas, de forma especial, gostaria de destacar minha eterna orientadora e amiga, Selma Sena, pela constante disposição em debater comigo sobre as questões relacionadas à pesquisa. Seu rigor na busca pela excelência fez com que meu trabalho tomasse novos rumos e se tornasse mais rico, além de me fazer amadurecer intelectualmente. Agradeço, também, aos membros da banca do exame de qualificação, Nei Clara de Lima e Luiz Mello, pelas dicas e sugestões para a continuidade do trabalho de pesquisa.

O meu reconhecimento estende-se ainda às pessoas que compõem os projetos de prevenção às DSTS/Aids direcionados aos profissionais do sexo em Goiânia, principalmente Maria Borges, coordenadora do projeto Flor de Pequi, que me recebeu com muito respeito e atenção. Agradeço ainda às agentes de saúde Aline e Lívia que discutiram e refletiram comigo sobre as situações vivenciadas durante a pesquisa e com as quais pude manter uma relação de confiança. Agradeço a Beth Fernandes, coordenadora do projeto Flor da Noite, pelo diálogo sobre as travestis e, especialmente, às agentes interventoras desse projeto, Jô e Isadora, a quem acompanhei no difícil trabalho das Rotas e com quem dividi situações de medo, mas também de descontração. Essa convivência me proporcionou a possibilidade de desvendar alguns códigos e linguagens do universo da prostituição de travestis. Agradeço também ao coordenador do Projeto Garotos da Vida, Weverson Barros, com quem pude conversar sobre a prostituição masculina em Goiânia.

Por último, dedico especial agradecimento a todas as mulheres profissionais do sexo que, comigo, compartilharam suas alegrias, tristezas, angústias, experiências e projetos de vida e que me fizeram encarar o mundo com outros olhos, pois, no difícil jogo da vida, “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

Esse trabalho foi realizado graças ao financiamento da CAPES.

SUMÁRIO

RESUMO.....	2
ABSTRACT.....	3
AGRADECIMENTOS.....	4
SUMÁRIO.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I.....	13
MAPEAMENTO E CONFIGURAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO EM GOIÂNIA.....	13
MAPA 1	16
MAPA 2	23
LEGENDA.....	24
1.1. CATEGORIAS DE PROFISSIONAIS DO SEXO.....	26
1.1.1 <i>Os michês</i>	26
MAPA 3.....	28
1.1.2 <i>As travestis</i>	38
1.1.3 <i>As mulheres</i>	54
MAPA 4 (REGIÃO DO DERGO).....	56
CAPÍTULO II.....	62
A PROSTITUIÇÃO FEMININA.....	62
2.1 A TRAJETÓRIA DAS PROFISSIONAIS DO SEXO.....	69
2.2 O COTIDIANO	75
2.3 O PROGRAMA	89
CAPÍTULO III.....	105
NEGOCIANDO IDENTIDADES.....	105
3.1 CONTEXTOS IDENTITÁRIOS	114
CONCLUSÃO.....	131
REFERÊNCIAS.....	139
DURKHEIM, ÉMILE. AS REGRAS DO MÉTODO SOCIOLÓGICO. SÃO PAULO: NACIONAL, 1995.....	140

**ESPINHEIRA, GEY. DIVERGÊNCIA E PROSTITUIÇÃO: UMA ANÁLISE
SOCIOLOGICA DA COMUNIDADE PROSTITUCIONAL DO MACIEL.
SALVADOR: FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA,1984..... 140**

*ALMEIDA, Mariana Caldeira Brandt; DAHER, Frederico. As características da
prostituição feminina na rua augusta e sua implicação no turismo. Disponível em:
www.puc-campinas.edu.br/pesquisa/i_semana_cientifica 144*

INTRODUÇÃO

O objeto desta pesquisa é a prostituição na cidade de Goiânia, em particular, uma modalidade específica de prostituição: o *trottoir* feminino. No entanto, por se tratar de um trabalho pioneiro sobre esse tema, apresento também – para contextualizar meu objeto – um mapeamento sobre outras categorias de profissionais do sexo que se dedicam à prática do *trottoir* nas ruas de Goiânia, como os michês e as travestis, além de outras modalidades de prostituição exercidas na cidade em casas fechadas, casas de shows e através de anúncios de acompanhantes em jornais.

Minha pesquisa com a prostituição feminina concentra-se em um grupo específico de mulheres que se prostituem em uma região da cidade de Goiânia denominada Dergo. Neste trabalho, textualizo a fala dessas mulheres sobre a atividade prostituinte em suas diversas dimensões, entendendo que o fato de estarem na prostituição constitui-se em eixo norteador de suas vidas. E, como o próprio título do trabalho sugere, este estudo busca desnaturalizar e destacar algumas representações que se fazem sobre a prostituição, sobre a prostituta e cujos indícios se pode perceber nas denominações “mulheres da rua” ou “mulheres da vida”. A questão que busco é: que vida é essa ou que vidas são essas? Parto, para isso, da perspectiva de que essas mulheres possuem não uma, mas várias vidas que não se restringem somente ao universo da prostituição e à atividade de prostituir-se. Assim, a vida na prostituição torna-se apenas uma faceta para o entendimento de outros papéis sociais que a profissional do sexo desempenha, como os de amiga, filha, mãe e esposa, papéis que

expressam identidades que são cotidianamente negociadas e renegociadas.

No primeiro capítulo, apresento as diversas modalidades de prostituição e as categorias de profissionais do sexo existentes em Goiânia, entendendo por modalidade tanto a ocupação espacial quanto o conjunto de práticas materiais e simbólicas necessárias ao exercício da prostituição (formas de exposição, relações com os clientes, tabelas de serviços, negociação de pagamentos etc.). Por categorias de profissionais do sexo considero, além das mulheres profissionais do sexo, os indivíduos que também se dedicam à prostituição, como homens e travestis que se expõem no cenário de Goiânia. Apresento, também, em virtude de suas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa, as instituições que desenvolvem projetos de prevenção às DSTS/Aids junto a esses profissionais.

Em relação às modalidades de prostituição, num primeiro momento, detenho-me na descrição de casas fechadas, (também conhecidas como casas de massagem, puteiros ou bordéis), casas de show de *strip-tease* e anúncios e classificados de jornais que oferecem o chamado serviço de acompanhantes. Em relação às casas fechadas e às casas de shows, é possível se ter uma idéia da dinâmica de funcionamento desses espaços e das relações que são estabelecidas entre as profissionais do sexo e seus clientes. Já em relação aos anúncios de jornais, apresento a proporção dos anúncios por categoria de profissional do sexo (homens, mulheres e travestis), as características físicas e psicológicas alegadas e os serviços oferecidos nesses anúncios.

Ainda no primeiro capítulo, apresento o mapeamento do *trottoir* na cidade de Goiânia que se encontra dividido por regiões específicas da cidade e por categorias de profissionais do sexo. Desse modo, num primeiro momento, dedico-me à descrição da prostituição masculina desenvolvida na região central da cidade pelos chamados michês, à dinâmica do espaço ocupado por eles e apresento dados sobre o perfil desses profissionais como idade, grau de escolaridade, violência, prevenção às DST/Aids e uso de drogas.

Exponho também suas representações em relação ao ofício que exercem e de que forma estas são articuladas no processo de construção de suas identidades. Investigo, além disso, que representações os agentes dos projetos de prevenção às DST/Aids têm desses profissionais.

Posteriormente, discorro sobre outra categoria de profissionais que se dedica ao *trottoir* na cidade, as travestis. Nesse tópico, apresento os principais pontos de prostituição de travestis em Goiânia e as formas pelas quais elas se apropriam desses espaços, transformando-os em territórios da prostituição. Exponho, também, como opera o sistema da cafetinagem em Goiânia e as implicações que dele decorrem. Descrevo, ainda, a dinâmica das relações que se estabelecem entre as travestis e seus clientes num contexto de interações que resulta em situações que são vivenciadas cotidianamente como a violência, as práticas sexuais e as representações que elas fazem desses clientes e que se expressa num sistema classificatório elaborado por elas. Outra questão abordada é o processo de construção da identidade da travesti, entendida nesse trabalho como estigmatizada, além de ser construída através de um jogo de atributos estigmatizantes. Compreendo que essa identidade está articulada ao processo de construção de um novo corpo obtido através do uso de hormônios e de silicone que, além de provocar uma metamorfose corporal, confunde as congruências entre sexo, gênero e desejo, quer dizer, entre identidades de gênero.

Por fim, ainda no primeiro capítulo, apresento o mapa e a descrição da prostituição localizada na região do Dergo, tema central da pesquisa, exemplificando que esta região assume as características do que se chama *ecologia da prostituição*, descrevendo o espaço físico do Dergo como uma área comercial que se constitui também em uma zona de prostituição. Ressalto que a prostituição exercida nesse local, o *trottoir*, difere muito, em termos de organização, de outras modalidades também existentes em Goiânia. O chamado *trottoir* ou prostituição de rua pertence a um fenômeno que a literatura convencionou chamar de “baixo meretrício” e que é, devido as suas singularidades, oferece um universo extremamente rico de

estudo.

No segundo capítulo, trato especificamente da prostituição feminina do Dergo, descrevendo como se efetuou o trabalho de campo junto ao grupo e fazendo algumas reflexões sobre a prática etnográfica junto a grupos ditos segregados. Após essa reflexão, apresento o que chamo de trajetória das profissionais do sexo. Nesse item, busco entender em que circunstâncias elas chegaram ao Dergo para se prostituírem para, a partir daí, traçar um perfil em termos de justificativas presentes em cada narrativa. Para entendimento dessas justificativas, apresento proposições teóricas de alguns autores sobre os motivos que levam um indivíduo a se prostituir e, em âmbito mais geral, sobre a função social da prostituição.

Outra questão que abordo é a forma como os moradores de Goiânia classificam e dividem a cidade, o que demonstra que, assim como habitantes de qualquer outro lugar, estes criam referências muitas vezes morais para classificar a cidade em regiões. Acerco-me também da perspectiva de entendimento de uma zona de prostituição, a partir de estudos geográficos e de suas noções de espaço e território. Entendo que o Dergo, enquanto um território específico, pode ser compreendido a partir da apropriação simbólica, identitária e afetiva dos seus ocupantes. Procuo entender, também, o cotidiano do Dergo, descrevendo a mobilidade de mulheres no local tanto no período da noite quanto do dia e a rotina de trabalho nos espaços utilizados para a prática dos programas. Assim, constato que, além de um horário fixo, as mulheres que se prostituem no Dergo encaram esses locais como ambientes comuns de trabalho. Neste sentido, ao serem normalizadas como em qualquer outro local de trabalho, as relações que aí ocorrem como suas intrigas, afinidades e rivalidades se tornam familiares.

O que pude verificar é que, ao contrário do que pensa o senso comum, uma zona de prostituição não é um ambiente caótico e de permissividade total. Assim como em outros locais, regras são estabelecidas e as infrações geram sanções, sendo interessante ressaltar que algumas dessas regras são expressões de uma moral convencional que se

aproxima muito dos valores morais da sociedade como um todo.

Outra questão tratada refere-se às relações estabelecidas entre as profissionais do sexo entre si, com os policiais e com os clientes e às representações que decorrem dessas interações. Nas relações estabelecidas entre elas, observa-se situações que envolvem, em alguns momentos, cumplicidade e, em outros, rivalidade. Já a relação entre as profissionais do sexo com os policiais, diferem das observadas em outros trabalhos sobre prostituição. No decorrer da pesquisa, pude verificar que as profissionais do sexo do Dergo possuem uma concepção depreciativa dos policiais. Desse modo, suas relações de convívio com eles não resultam, aparentemente, em laços mais estreitos de confiança. Outra forma de relação discutida neste trabalho é a estabelecida entre a profissional do sexo e seus clientes, tendo como foco de compreensão a dinâmica que rege o programa em termos da abordagem, dos serviços sexuais oferecidos e da tabela de pagamento. Demonstro, também, que no universo pesquisado, as profissionais do sexo criam mecanismos personalizados para cada programa, que incluem desde táticas de sedução e *performances* para atrair o cliente até um sistema de classificação do mesmo.

Outro aspecto tratado é a função social da profissional do sexo. No discurso das mulheres do Dergo é afirmado que a mulher prostituta assume um papel que transcende o campo dos serviços sexuais. Procurei captar, desse modo, que idéia elas têm em relação aos motivos que levam um homem a procurá-las e discuto as mudanças ocorridas nas relações entre homens e mulheres nas últimas décadas e, também, se essas mudanças alteraram a dinâmica da prostituição.

No terceiro e último capítulo, apresento minhas reflexões em relação ao processo de construção de identidades da profissional do sexo. Para isso, num primeiro momento, demonstro que percebem as mulheres profissionais do sexo do Dergo têm do próprio corpo, relacionando tanto os aspectos instrumentais quanto os expressivos do corpo e

refletindo sobre as formas de produção de sentido ligadas ao ofício da prostituição. Num segundo momento, busco compreender de que modo essas profissionais do sexo constroem suas identidades num contexto relacional, como essas identidades são negociadas cotidianamente e como são construídas pela marcação de diferenças inteligíveis, a partir de um sistema classificatório nativo.

CAPÍTULO I

MAPEAMENTO E CONFIGURAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO EM GOIÂNIA

Neste capítulo, apresento o mapeamento e a configuração geral da prostituição na cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás. Para compô-los, utilizei dados de observação, informações colhidas em entrevistas formais e informais com profissionais do sexo e dados secundários coletados por Ongs que desenvolvem projetos com esses profissionais. O objetivo do mapeamento é contextualizar o objeto específico de minha pesquisa – a prostituição feminina – e fornecer uma descrição de outras modalidades de prostituição e categorias de profissionais do sexo, visto que não há, até o momento, trabalhos sobre este tema na cidade de Goiânia. Os dados sobre a prostituição feminina foram coletados durante quatro meses de trabalho de campo realizado entre setembro e dezembro de 2003, junto às profissionais do sexo que se encontram nos bairros Aeroviário e Rodoviário, localizados na área da cidade denominada Região do Dergo.

A cidade de Goiânia divide-se em nove grandes regiões, que seguem alguns indicativos, como os pontos cardeais, no caso, as regiões Norte ou Sul, e pontos colaterais, que se referem às regiões Noroeste ou Sudoeste. Entretanto encontram-se também as regiões Central e Mendanha, com outros indicativos para sua localização. Vale esclarecer que, no decorrer deste trabalho, farei referência a algumas regiões, como a Região de Campinas ou a Região do Dergo, cuja definição foi elaborada pelos próprios habitantes de

Goiânia, que se reportam ao Setor Campinas como sendo uma região específica e, aos bairros Aeroviário e Rodoviário como pertencentes à chamada Região do Dergo.

Em Goiânia, encontram-se modalidades de prostituição como casas fechadas, casas de shows, anúncios de jornais e o *trottoir*, exercido nas ruas por mulheres, homens e travestis. Para definir uma modalidade de prostituição, considero tanto a ocupação espacial quanto o conjunto de práticas materiais e simbólicas necessárias ao exercício da prostituição (formas de exposição, relações com os clientes, tabelas de serviços, negociação de pagamentos etc.). Ao referir-me a categorias de profissionais do sexo, considero os indivíduos que se dedicam à prostituição, como mulheres biológicas,¹ homens e travestis que se expõem a esse cenário².

O *trottoir*, ou prostituição de rua, é a modalidade de prostituição mais visível, de reconhecimento imediato e de nítida configuração espacial, sobre a qual desenvolvo minha pesquisa. Espinheira (1984, p. 49) a caracteriza do seguinte modo:

É uma forma de prostituição individual exercida nas ruas das cidades. A mulher procura um lugar que lhe seja favorável e fica à espera de alguém que possa tornar-se um possível cliente. Normalmente a prostituta é reconhecida pela aparência, pelo fato de andar quase sempre desacompanhada, e por tomar a iniciativa de abordar as pessoas.

Na definição elaborada pelo autor, o termo *trottoir* não inclui outras categorias de profissionais do sexo, como homens e travestis, o que se torna problemático, visto que, hoje, a prostituição de rua não é exercida somente por mulheres, mas também por homens e travestis.

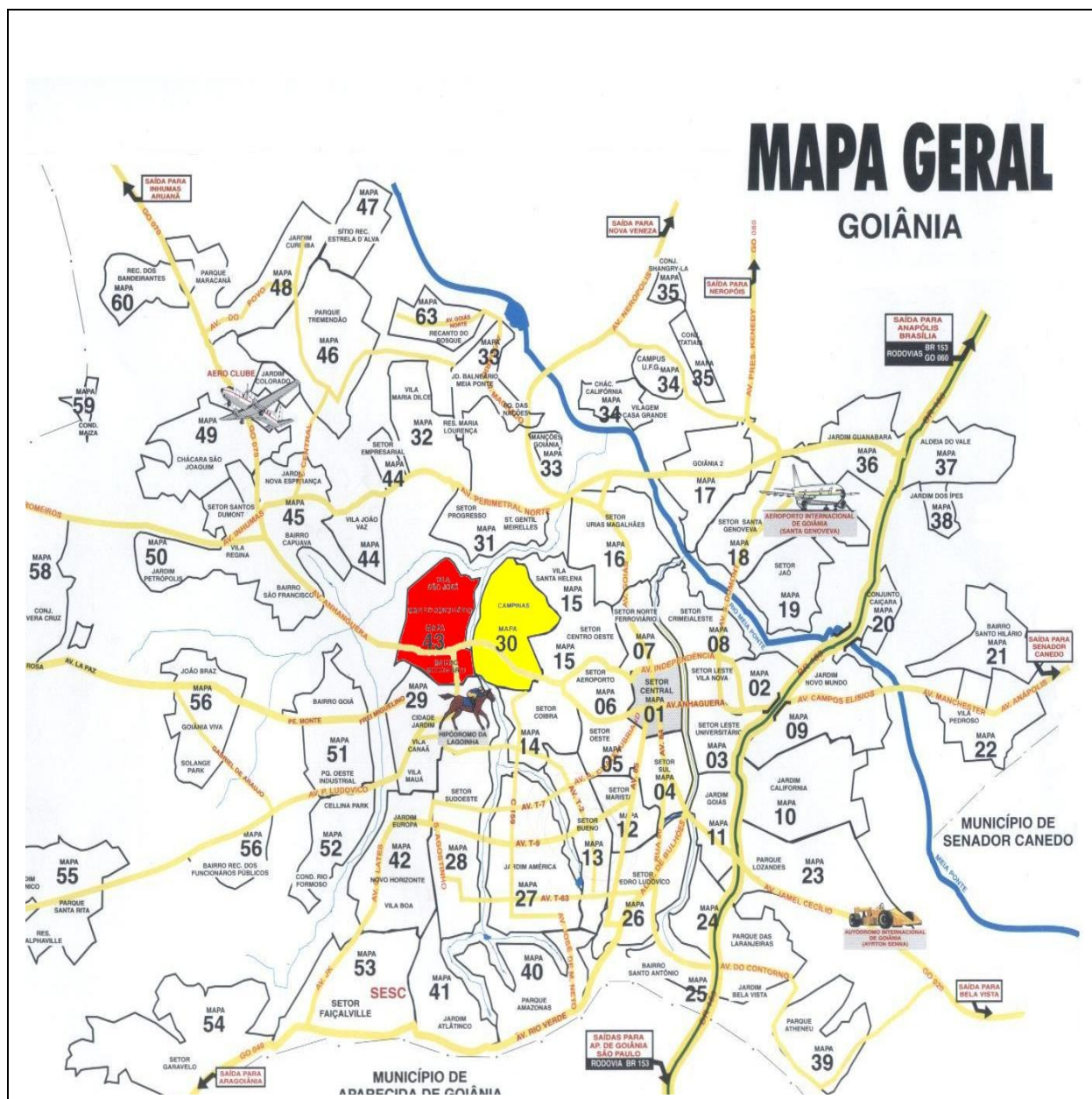
¹Esta definição de mulheres biológicas é necessária, porque as travestis, muitas vezes, se auto-definem como “mulheres”. As travestis, assim como os transexuais, constituem uma categoria denominada *transgêneros*, ou seja, indivíduos que constroem sua identidade tendo como referência o sexo oposto (para análise mais aprofundada, ver o trabalho de Bento, 2003). A utilização do artigo “a” para me referir ao substantivo “travesti” é intencional, pois leva em consideração a auto-definição da travesti e a das instituições que desenvolvem trabalhos com essa categoria, que se referem a elas no feminino.

²No mapa 1, a seguir, apresento o mapa geral da cidade de Goiânia e as regiões ocupadas por michês, mulheres e travestis para a prática da prostituição.

Em Goiânia, além da prostituição exercida nas ruas, encontram-se, também, as chamadas casas fechadas, conhecidas como puteiros.³ Outro termo usado é casa de massagem, mais comum nos anúncios de jornais. Nessa modalidade, a mulher não sai às ruas, o cliente é que se torna freqüentador do local. Esse tipo de casa pode ser o lugar de moradia ou apenas o ambiente utilizado pelas mulheres no decorrer do dia ou da noite para o exercício da prostituição e localiza-se em diferentes regiões da cidade, desde as mais nobres até as periféricas. Nos setores mais nobres da cidade, encontram-se as chamadas casas de luxo e, nas regiões mais periféricas, as casas mais simples. Não há dados precisos sobre o número desse tipo de casas em Goiânia, já que é difícil distingui-las de outras casas, pois não há nelas indicativo de que sejam destinadas à prática da prostituição, em decorrência, certamente, da questão legal, pois, na legislação brasileira, a manutenção dessas casas é considerada crime.

³ Puteiro deriva do termo puta, expressão comumente usada no Brasil para se referir às mulheres profissionais do sexo. Por extensão, puteiro é o local onde se encontram as putas.

MAPA 1



Fonte: Prefeitura de Goiânia.

Legenda

- Localização 01 - Prostituição de rua de travestis e michês (Região Central).
- Localização 30 - Prostituição de rua de travestis – (Praça A Região de Campinas).
- Localização 43 - Prostituição de rua de mulheres e travestis (Região do Dergo).

As informações aqui contidas sobre essas casas foram obtidas através de pessoas que as freqüentam ou as freqüentaram, tornando-se informantes nesta pesquisa, e, também, através de mulheres profissionais do sexo que, em algum momento da vida, exerceram a prostituição nesses estabelecimentos. A dinâmica deste tipo de local é a seguinte: as mulheres mantêm-se na casa, à espera do cliente; geralmente, as casas contêm vários quartos, utilizados para as práticas sexuais entre a profissional do sexo e o cliente, e um bar, onde são vendidas bebidas alcoólicas. O faturamento do dono ou da dona da casa compreende o lucro das bebidas vendidas no bar e o aluguel dos quartos. Uma das exigências do(da) dono(a) do estabelecimento é que as mulheres consumam e façam o cliente consumir o máximo que puderem, pois o lucro da casa depende disso. O dinheiro obtido com o programa, em geral, fica todo com a profissional do sexo, cabendo ao dono do estabelecimento o lucro da bebida vendida e do aluguel do quarto.

Em Goiânia, outra modalidade de prostituição é a exercida em várias boates e casas de shows, em que é comum a apresentação de *strip-tease*. De acordo com as informações obtidas, o perfil tanto da clientela quanto das mulheres que se prostituem é mais elevado. Por perfil entende-se os aspectos relacionados, no caso do cliente, à sua posição socioeconômica e, no da mulher, à sua aparência. Assim como nas casas fechadas, nesse tipo de estabelecimento a profissional do sexo é obrigada a fazer o cliente beber muito, preferencialmente, bebidas caras e cujo valor é bem mais elevado do que em outros estabelecimentos. No caso de o cliente não consumir nenhuma bebida, deve pagar uma taxa de consumação mínima para permanecer no local. Às mulheres que freqüentam tais boates, além da prática do *strip-tease*, é facultada a prática de programas com os clientes. No entanto, o programa não é realizado no local; a mulher se retira com o cliente para outro lugar.

Outra modalidade de prostituição existente em Goiânia é a oferecida em anúncios e classificados dos principais jornais da cidade, onde figura a designação

“acompanhantes”. Durante a semana, um jornal chega a trazer anúncios de mais de cem profissionais do sexo e de boates que oferecem shows de *strip-tease*, sendo que esse número pode ultrapassar a duzentos nos finais de semana. Trata-se de classificados com anúncios também divididos por modalidades: casas de shows de *strip-tease*, casas de massagem e os chamados “acompanhantes autônomos”.⁴ Nos anúncios das duas primeiras modalidades, encontram-se, geralmente, o telefone, o endereço e o horário de funcionamento do estabelecimento e, incondicionalmente, a foto de uma bela mulher como atrativo. Já nos anúncios dos chamados acompanhantes autônomos, o agendamento e a negociação do programa com o cliente se dão por meio do telefone, na maioria das vezes, telefone celular. Nesse tipo de classificado, em que são ressaltadas as características físicas e os serviços oferecidos pelos anunciantes constam, em maior quantidade, anúncios de mulheres e, em menor número, de homens e travestis, Fábregas-Martínez (2000), em análise da prostituição em Porto Alegre, verifica como se estrutura o universo da prostituição em espaços privados na cidade e, também, como são apresentados os anúncios de acompanhantes nos jornais, levando em consideração o gênero dos anunciantes, a idade, os preços dos serviços, o local e a oferta.

Nesta pesquisa, no entanto, levam-se em conta apenas as características físicas e psicológicas e os serviços oferecidos pelos profissionais. Nos anúncios de mulheres, as formas do corpo, a cor e a tez da pele, a cor dos olhos e o tipo do cabelo são recorrentes. Adjetivos como negra, morena, loira e ruiva são acompanhados de outros, como “linda negra”, “morena gata” e “loira perfeita”. Em relação ao corpo, são comuns expressões como “corpo perfeito” e outras como “corpo lindo”, “corpo violão”. Quanto às características psicológicas, as associações estão voltadas para atributos usualmente relacionados à feminilidade, como “doce”, “carinhosa” e “meiga”, contrapondo-se a outras características, como “selvagem” ou “fogososa”. Acerca dos

⁴Acompanhante autônomo refere-se ao indivíduo homem, mulher ou travesti que não mantém vínculo com nenhum estabelecimento, como casas fechadas ou casas de shows.

serviços oferecidos, as expressões usadas são “sigilo total”, “alto nível” e “bom nível”.

Já os anúncios de homens são mais sucintos e objetivos e empregam termos como “gato” e “malhado”, mais recorrentes, e também “forte” e “lindo”. Destaca-se, ainda, o tipo de clientela a ser atendida, sem restrições: “atendimento para ele/ela/casal”; quanto aos serviços oferecidos, também empregam-se expressões como “alto nível” e “topo tudo sem frescuras”. Essa idéia de “topo tudo” refere-se à possibilidade de, no ato do programa, o homem exercer o papel de ativo ou passivo,⁵ flexibilidade que não é encontrada entre os profissionais do sexo masculino que se prostituem nas ruas de Goiânia, os chamados “michês”, a serem descritos posteriormente. Os anúncios encontrados em menor proporção são os de travestis: numa lista de cerca de cem anúncios, verifica-se uma proporção aproximada de 75% de anúncios femininos, 20% de anúncios de homens e 5% de anúncios de travestis. Esse tipo de anúncio vem acompanhado de um nome feminino, acrescido do termo *travesty*, com “y”, como “Bia travesty” ou “Juliana travesty”. As características apresentadas são semelhantes às verificadas nos anúncios de mulheres. No entanto, é comum apresentarem um diferencial mediante o uso de expressões como “com um algo a mais”. Comparando-se os anúncios oferecidos nos classificados dos jornais de Goiânia, pode-se concluir que são bastante semelhantes aos anúncios analisados por Fábregas-Martinez (2000) em sua pesquisa realizada em Porto Alegre.

Outra modalidade bastante recente, e que se utiliza dos mecanismos de comunicação como a internet, é a chamada “ciberprostituição”. Nessa modalidade, a oferta de profissionais do sexo como mulheres, homens e travestis se dá via internet, sendo uma forma de prostituição bastante comum nas grandes cidades. Somente no estado de São Paulo, existem dezenas de *sites* destinados a esse tipo de comércio, que se tornou tanto para o profissional do sexo como para os provedores do *site*, algo bastante rentável. Em Goiânia, essa prática ainda não é muito difundida, pois apenas um número pequeno de profissionais se utiliza desse meio para divulgar seus anúncios.

⁵ O uso desses termos e suas implicações são discutidos mais adiante.

Minha pesquisa sobre o *trottoir* praticado em Goiânia teve como suporte para inserção em campo o contato com Ongs que desenvolvem projetos direcionados aos profissionais do sexo na cidade, como o Ipê Rosa, a Astral e a AGLT. Em contrapartida, registro aqui um breve histórico de cada instituição, suas linhas de atuação e projetos desenvolvidos.

O Ipê Rosa foi fundado em 1995 e é a mais antiga entidade voltada para a defesa dos direitos dos homossexuais em Goiânia. Atua realizando oficinas semanais de sexo seguro e de fortalecimento da auto-estima dos homossexuais, além de desenvolver também dois projetos entre os profissionais do sexo (homens, mulheres e travestis) na cidade de Goiânia, visando à redução da incidência de contaminação pelas DST/Aids. Um desses projetos, o Pequi Saudável, tem também como objetivo diminuir a incidência de contaminação das DST/Aids junto a gays, garotos de programa e travestis na cidade de Goiânia. Por meio desse projeto, são realizadas intervenções semanais nos locais frequentados por homossexuais, garotos de programa e travestis, para a oferta de material informativo e preservativos. Já outro projeto desenvolvido pela entidade, o Flor de Pequi, cujas atividades foram implementadas em 2002, é o único projeto em Goiânia a trabalhar exclusivamente com mulheres profissionais de sexo e tem como objetivo também levar informações que contribuam para a prevenção das DST/Aids, como o uso correto dos preservativos masculino e feminino. O trabalho desenvolvido por esse projeto, com sede no Setor Aeroviário, é diário e destina-se a atender às mulheres profissionais do sexo que se encontram na Região do Dergo, o que facilita o atendimento ao público-alvo. Além disso, semanalmente, são realizadas oficinas que tratam de temas como prevenção às DST/Aids, saúde da mulher (prevenção ao câncer de mama e do colo do útero etc.), beleza e noções sobre cidadania, direitos humanos e direitos da mulher. Dentre os projetos desenvolvidos na cidade de Goiânia

junto aos profissionais do sexo, foi com este que mantive maior contato, já que meu trabalho se trata de uma etnografia sobre a prostituição feminina.

A Associação de Travestis, Transexuais e Liberados de Goiás (Astral /GO) foi fundada em 21 de abril de 2000, e constitui-se numa organização não-governamental que tem como linha geral de atuação a luta pelos direitos humanos e prevenção às DST/Aids. Desde sua criação, a sede fica no Setor Campinas, bairro que, segundo os coordenadores da instituição, é de fácil acesso para os profissionais do sexo e travestis de Goiânia.

A entidade atua ministrando palestras gratuitas nas Universidades Federal e Católica de Goiás, enfocando temas como sexualidade e prevenção às DST/Aids e também oferece oficinas mensais sobre sexo seguro e fortalecimento da auto-estima. Assim como o Ipê Rosa, a Astral desenvolve dois projetos: o Garotos da Vida e o Flor da Noite. O primeiro foi implementado em 2002, com a finalidade de promover a conscientização sobre a necessidade de prevenção das DST/Aids entre os profissionais do sexo masculino e companheiros de travestis. Do projeto, constam intervenções semanais nos locais de socialização dos profissionais do sexo masculino, como ruas, avenidas e bares, onde são distribuídos preservativos e material informativo. O segundo projeto implementado em 2002 tem como objetivo reduzir a incidência de contaminação das DST/Aids entre os profissionais do sexo (mulheres e travestis) na cidade de Goiânia, com a realização de reuniões quinzenais nas chamadas casas-vida,⁶ e esclarecimentos aprofundados sobre DST/Aids e outras questões relacionadas a saúde, cidadania e auto-estima. O projeto visa, também, capacitar moradores dessas casas para que se tornem agentes multiplicadores de informações sobre a prevenção das DST/Aids junto à população-alvo. Assim como no projeto Garotos da Vida, o projeto Flor da Noite realiza intervenções semanais nos locais ocupados por mulheres e travestis para a prática do *trottoir* (ruas e avenidas) para distribuição de material informativo e preservativos.

⁶ O termo casas-vida é uma nomenclatura elaborada pelo Ministério da Saúde para se referir às casas noturnas ou residências de travestis e mulheres profissionais do sexo.

A Associação Goiana de Gays, Lésbicas e Transgêneros (AGLT) foi fundada em 1º de agosto de 1997, como uma entidade civil. Sua sede está localizada no centro de Goiânia e é uma instituição direcionada para um público mais abrangente, pois desenvolve programas de prevenção às DST/Aids, não somente para profissionais do sexo, mas para toda a comunidade GLBT (*gays*, lésbicas, bissexuais e travestis) de Goiânia. De suas ações, consta intervenção comportamental em bares, restaurantes, saunas, bosques e cinemas, visando à prevenção às DST/Aids.

Por meio da AGLT, me foi possível desenvolver um mapeamento mais apurado não somente dos profissionais do sexo que ocupam as ruas e avenidas da cidade de Goiânia para se prostituir, mas de todos os indivíduos que, de um modo ou de outro, buscam nos espaços urbanos, sejam eles abertos ou fechados, locais para o exercício da homosociabilidade. No mapa 2, a seguir apresento os locais freqüentados por homossexuais na cidade de Goiânia como bosques, bares, boates, cinemas, saunas, ruas e avenidas.

MAPA 2



Fonte: AGLT – GO

Legenda

- 1 - Sede da AGLT
- 2 - Bosque do Botafogo (área de pegação)
- 3 - Joãozinho Mercês - Bar.
- 4 - Ponto de Garotos de Programa
- 5 - Ponto de Travestis
- 6 - Músculo Y Poder - Sauna
- 7 - Três Chic - Sauna
- 8 - O Ceará - Bar
- 9 - Don Sebastian - Bar
- 10 - Local de caça livre (área de pegação)
- 11 - Bosque dos Buritis

- 12 - Jump - Boate
- 13 - Deck 824 - Sauna
- 14 - Parque do Areião (área de pegação)
- 15 - Parque Vaca Brava (área de pegação)
- 16 - Cinema Santa Maria
- 17 - Camelódromo Central (área de pegação)
- 18 - Kino's Thermas - Sauna 24 horas
- 19 - Du e Dudu Dance Bar (fechado)
- 20 - Cazullo's Bar (fechado)
- 21 - Thermas Botafogo - Sauna
- 22 - Exílio's Bar

modo geral, os projetos que trabalham com os profissionais do sexo na cidade de Goiânia,

independentemente da entidade, têm os mesmos objetivos, ou seja, a prevenção das DST/Aids, e seguem basicamente, também, as mesmas formas de intervenção. Outro ponto importante é que eles contam com o financiamento do Ministério da Saúde e com a parceria das Secretarias Estadual e Municipal de Saúde. Para isso, a entidade, no caso a Ong, passa por um processo de licitação que, geralmente, ocorre todos os anos. O projeto enviado para licitação deve estar estruturado de acordo com as exigências do Ministério da Saúde no que se refere ao atendimento de alguns quesitos, como público-alvo, formas de intervenção e orçamento para o desenvolvimento das atividades. Para ser aprovado, o projeto é avaliado em algumas instâncias: primeiramente, pela Secretaria Municipal de Saúde, depois pela Secretaria Estadual e, por fim, pelo Ministério da Saúde que, no caso, torna-se órgão financiador. Geralmente, os projetos são aprovados por um período de um a dois anos e, no final do desse período, a instituição que os executa solicita sua renovação junto ao Ministério da Saúde.

Em março de 2002, o Ministério da Saúde, sob a orientação da Secretaria de Políticas da Saúde e da Coordenação Nacional de DST e Aids, publicou a cartilha intitulada *Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da Aids*. Trata-se de um documento destinado a servir de referência e subsídio para o planejamento e a implantação de ações de prevenção das DST e da Aids dirigidas a profissionais do sexo, oferecendo preparação de recursos humanos para a implementação dessas ações, bem como para a supervisão e a avaliação de programas nessa área. A cartilha destina-se a trabalhadores das áreas de saúde e assistência social, lideranças dos movimentos de profissionais do sexo, agentes de saúde, multiplicadores e demais pessoas que trabalham com a prevenção das DST e da Aids entre profissionais do sexo.

É interessante notar, hoje, o posicionamento do Governo Federal em relação

aos profissionais do sexo, bem como sua relação com as organizações não-governamentais e a forma como trata a prostituição. No prefácio da cartilha anteriormente citada, consta que “as profissionais do sexo foram particularmente associadas à epidemia da Aids desde o seu início, em razão de uma conjunção de fatores decorrentes tanto de sua atividade profissional como de seu gênero, do estigma e da conseqüente discriminação” (BRASIL, 2002, p.4). Nesse ponto, a colocação da expressão “as profissionais do sexo” é problemática, pois exclui outros indivíduos que vivem da prostituição, como homens e travestis. Esse documento, portanto, adota procedimentos que levam em conta apenas a prostituição feminina e desconsideram que, hoje, a prostituição não é exercida somente por mulheres. É importante observar que cada categoria de profissionais possui suas particularidades que devem ser consideradas no planejamento e na implementação de ações junto a esses indivíduos.

Outro aspecto abordado na cartilha refere-se às respostas do governo e da própria comunidade às questões de mobilização e implementação de programas de prevenção dirigidos a esse segmento. Segundo o mesmo documento, as respostas desses programas de prevenção às DST/Aids não tiveram apenas um impacto epidemiológico significativo no que diz respeito à contaminação, mas inauguraram uma abordagem e uma política que ultrapassaram as fronteiras do trabalho proposto e passaram a incorporar importantes questões e discursos sobre a complexidade das experiências individuais e coletivas dos profissionais do sexo.

1.1. Categorias de profissionais do sexo

1.1.1 Os michês

Traço aqui, um perfil da prostituição masculina na cidade de Goiânia, com dados sobre sua localização espacial, composição do grupo, práticas e relações que se estabelecem nesse tipo de prostituição, a partir de dados obtidos junto aos projetos Pequ

Saudável, desenvolvido pelo Ipê Rosa, e Garotos da Vida, desenvolvido pela Astral.

Ao se abordar o que vem a ser a prostituição masculina, é necessário definir os termos utilizados para se referir aos homens que se dedicam à prática do *trottoir*, ou prostituição de rua. Perlongher (1987, p. 17) define o profissional do sexo masculino como *michê*, termo que possui dois sentidos:

Um alude ao ato mesmo de se prostituir, sejam quais forem os sujeitos desse contrato. Assim fazer *michê* é a expressão utilizada por quem se prostitui para se referir ao ato próprio da prostituição. Em alguns contextos – especialmente entre prostitutas e travestis – o termo pode ser aplicado também ao cliente. Numa segunda acepção, o termo *michê* é usado para denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente.

O autor utiliza a expressão “prostituição viril” para diferenciar essa variante de prestação de serviços sexuais em troca de uma retribuição econômica de outras formas vizinhas de prostituição homossexual, tanto a exercida pela travesti quanto a de outros dois gêneros que, segundo ele, são minoritários: o homossexual efeminado que vende seu corpo (chamado “*michê-bicha*”); e um tipo de transição, que parece estar emergindo ainda timidamente: o “*michê-gay*”. Perlongher (1987), no entanto, não descreve quais os protótipos discursivos e gestuais desses dois tipos, pois os objetos de sua pesquisa são o *michê* e a travesti. Para ele, em princípio, ocorre uma espécie de *continuum* na prostituição homossexual, que vai desde a “feminilidade” da travesti até a “masculinidade” do *michê*. O que interessa é que, numa mesma modalidade de prostituição, no caso, a prostituição masculina, pode-se encontrar categorias que se concentram em dois pólos distintos. Esses pólos relacionam-se a identidades de gênero e representações articuladas a *performances* gestuais e discursivas que, sem sombra de dúvida, são fundamentais nas interações estabelecidas entre o profissional do sexo e seu cliente. Num vértice do pólo, encontra-se a figura da travesti, que se prostitui vendendo uma representação artificial da feminilidade em seu excesso; e no outro, a figura do *michê*, que representa a masculinidade também em seu excesso, cuja representação gestual e discursiva se dá pela virilidade. Ambas as categorias

constroem suas identidades sexuais e representam seus papéis, tendo por base o que há de característico em cada gênero, magnificado pelo excesso. Nesse sentido, Perlongher (1987) recorre a algumas analogias elaboradas por autores como Fry e MacRae (1985, p.19), segundo os quais “o michê é o travesti do homem, assim como o travesti o é da mulher”.

Outra expressão utilizada para se referir ao profissional do sexo masculino é garoto de programa. Embora utilizado por algumas instituições, o termo garoto de programa está associado mais ao indivíduo do sexo masculino que tem como forma de exposição os anúncios de jornais. Nesse sentido, para fins de classificação, optei, neste trabalho, pelo emprego do termo michê, por envolver aspectos importantes que passam tanto pela forma de exposição, como ruas e avenidas, como pelos serviços prestados, pela postura e pela identidade que são fundamentais em minha etnografia.

Como se pode observar no mapa 3, a seguir, a prostituição de michês, os quais ocupam toda a extensão da Avenida Goiás, uma das principais da cidade e que vai desde a Praça do Trabalhador até a Praça Cívica, se concentra na região Central de Goiânia. Eles podem ser encontrados também espalhados por outras ruas do centro como a Rua 8, a Rua 2 e a Rua 3. No entanto o local de maior frequência é mesmo a Avenida Goiás; as outras ruas são caracterizadas mais como áreas ou pontos de “pegação”.⁷

MAPA 3

REGIÃO DO CENTRO DE GOIÂNIA

⁷ “Áreas de pegação”, segundo os informantes, são as áreas freqüentadas por homens que fazem sexo com homens (HSH). Trata-se de pontos freqüentados tanto por michês, em menor número, como por homens que vão à procura de sexo gratuito. Essas áreas em Goiânia são as ruas, as avenidas, os bosques, os banheiros públicos e alguns *shoppings*. (ver Mapa 2).



Fonte: Prefeitura de Goiânia.

Legenda

- Avenida Goiás – substituição de michês.
- Avenida Paranaíba – substituição de travestis.

A Avenida Goiás faz parte do plano urbanístico original da cidade e, juntamente com as avenidas Tocantins e Araguaia, forma o traçado urbanístico de Goiânia.

Constitui um dos pontos de maior fluxo de pessoas durante o dia, pois nela encontram-se agências financeiras, como bancos, além de vários escritórios de advocacia, e também um grande número de cursinhos pré-vestibulares. Até o ano de 2003, ela era ocupada ainda por muitos vendedores ambulantes, transferidos recentemente para o Mercado Aberto, localizado na Avenida Paranaíba. Há pouco tempo, a Avenida Goiás foi incluída no projeto de revitalização do centro de Goiânia, cujas obras visam ao resgate das principais características históricas dos chamados “centros antigos das cidades”, a exemplo de outras cidades como Salvador e Recife, que também passaram por esse processo. Assinala-se que, apesar de ter apenas 70 anos de fundação, a cidade de Goiânia já participou dessa tentativa de resgatar a arquitetura original do centro. Constam das obras realizadas na Avenida Goiás a restauração dos canteiros centrais e das calçadas laterais, bem como do Relógio da Avenida, monumento histórico da cidade em estilo *art déco*. O que se pode verificar é que, no período diurno, a avenida é utilizada para fins de comércio e negócios; já à noite, ela é ocupada pelos michês e sua clientela.

De acordo com as instituições que desenvolvem projetos junto a esses profissionais, a categoria dos michês é refratária às interações com os agentes interventores, para os quais “eles são todos iguais”, isto é, são mais fechados e agressivos. Outra visão é a de que eles falam muito pouco, principalmente sobre suas vidas e, geralmente, quando lhes é feita alguma pergunta de caráter particular, eles respondem de forma ríspida ou, na maioria das vezes, nem respondem. Assim, na opinião dos agentes, é difícil criar um vínculo de confiança com os michês.

O que pude observar é que os agentes interventores criam alguns estereótipos em relação a esses profissionais em decorrência do comportamento e atitude que estes mantêm quando são abordados nas ruas. Em ambos os projetos mencionados anteriormente, a forma de intervenção junto aos michês se efetiva por meio das chamadas “rotas”, em que os

agentes interventores saem no período da noite percorrendo as ruas onde há uma concentração desses profissionais. As intervenções são realizadas todas as sextas-feiras da semana, por uma equipe composta basicamente de cinco pessoas (um coordenador-geral e mais quatro agentes interventores). Em novembro de 2003, após uma conversa com o coordenador do Projeto Garotos da Vida, fiz um agendamento para participação em uma das intervenções.

Desde o início do trabalho de campo, tive o cuidado de manter uma conduta aceitável para o grupo pesquisado, na tentativa de evitar problemas futuros. Para isso, foram fundamentais algumas dicas fornecidas pelos agentes dos dois projetos. Uma regra importante é não portar objetos de valor como dinheiro, relógios ou aparelhos celulares, pois os michês, assim como as travestis, são conhecidos como indivíduos que praticam muitos furtos, não somente contra clientes, mas também contra transeuntes que passam pelas ruas do centro e, até mesmo, contra os interventores dos projetos. Essas práticas não chegam a gerar problemas com a polícia, porque os clientes não dão queixa na delegacia de polícia, por receio de se expor. Nesse sentido, a impunidade permanece, o que concorre para que os furtos sejam constantes.

Os assaltos são cometidos à noite e, no final da madrugada, os michês dirigem-se para um bar chamado Menestrel, localizado na região Oeste da cidade, ponto de encontro dos profissionais do sexo masculino e de travestis de Goiânia. Outro bar freqüentado pelos michês e travestis é o chamado Joãozinho Mercês, que fica no centro de Goiânia. Por duas vezes, no período da pesquisa, realizei visitas a esse estabelecimento para observações. Trata-se de um bar bastante conhecido na cidade, cuja clientela é composta basicamente por indivíduos pertencentes às categorias de trabalhadores com baixa remuneração.

Os michês são considerados como o público mais flutuante dentre os profissionais do sexo que se dedicam à prostituição de rua em Goiânia. A expressão flutuante

refere-se aos indivíduos profissionais do sexo que não permanecem por muito tempo em um ponto, nem mesmo em uma cidade. Dada essa mobilidade, numa mesma rua nem sempre são encontrados os mesmos rapazes. Como os agentes bem colocaram, em uma semana há um grupo de rapazes e, na seguinte, outro. As causas dessa mobilidade devem-se a alguns fatores, dentre eles, os furtos constantes, devido os quais “eles sempre devem sumir por um tempo”, para não ficarem “marcados” nas ruas por policiais ou pelos clientes vítimas dos assaltos; por isso há tantas mudanças dos rapazes para outras cidades como São Paulo e Brasília. Nas ruas, há sempre notícias de rapazes que acabaram de chegar de outro Estado ou de outros que se mudaram de Goiânia.

A prostituição masculina possui uma particularidade: é uma forma de prostituição autônoma em que inexistente a figura de uma pessoa que controla os rapazes como um cafetão ou cafetina. Entre essa categoria, o valor do programa é por volta de trinta reais, preço esse que pode ser negociado. Também o *ponto* é um fator relevante ao se analisar a prostituição de rua. Segundo os agentes interventores, ao contrário do que ocorre entre as travestis, não há uma rivalidade entre os michês nas ruas, por tratar-se de uma categoria flutuante. No que se refere aos vínculos de amizade, os michês afirmam não possuir amigos nas ruas e, sim, pessoas conhecidas, pois não podem confiar em ninguém.

A minha primeira observação dos michês de Goiânia deu-se no mês de novembro de 2003. Como combinado, encontrei-me com a equipe de intervenção às 21 horas, num bar no centro da cidade. Durante a trajetória de intervenção, foram vistos na esquina da Rua 2 com a Avenida Goiás dois michês. Um deles vestia uma camiseta regata e uma calça *jeans* bastante colada ao corpo, e era bastante malhado;⁸ o outro vestia uma camisa manga longa e uma calça *jeans*. O que observei é que o primeiro estava bem no estilo característico dos michês que ocupam a avenida Goiás (e também de acordo com a descrição realizada por

⁸ Malhado refere-se ao indivíduo que trabalha seu corpo na academia de ginástica visando a uma hipertrofia muscular. Para uma melhor ilustração, ver o trabalho de Courtine (1995).

Perlongher (1987) em sua pesquisa), ou seja, um rapaz másculo, cujas roupas demarcavam bem as formas do corpo, ressaltando-se sempre os aspectos da virilidade masculina. Já o segundo, vestido de uma maneira convencional, não dava indícios de ser um michê e sua identificação foi feita pelos agentes interventores que, com o tempo, passam a conhecer os rapazes que se prostituem nas ruas, pelo modo de andar, de olhar, pelo comportamento em geral. Para uma pessoa que não compartilha desses códigos, não é fácil fazer essa identificação. Entretanto, para a clientela dos michês, o reconhecimento é feito através da leitura dos sinais corporais e gestuais que eles mantêm nas ruas.

Há também outro ponto a se ressaltar nessa questão de emissão de sinais. Em uma das etapas da pesquisa, que consistia em um levantamento da área de prostituição de rua na região central de Goiânia, realizei por duas vezes uma observação de carro, sempre no período da noite, após às 22 horas. Após esse horário, é bastante comum um rodízio de carros que circulam em toda a extensão da Avenida Goiás, a maioria homens à procura de um programa com um michê. Os michês, geralmente, ficam nos canteiros que se encontram no meio da Avenida Goiás, que é de pista dupla. Eles olham de forma incisiva para os ocupantes dos carros que passam, e levam a mão a seus falos, numa demonstração de virilidade e disponibilidade para um programa.

No que se refere à abordagem dos michês pelos agentes interventores, destaca-se que o contato é bem rápido: o agente chega e entrega ao rapaz os preservativos, em média duas cartelas contendo cada uma três preservativos. São abordados não somente os michês, mas outros indivíduos que transitam pela Avenida Goiás no período da noite, como policiais, taxistas e motoboys.⁹ Também para esses é feita a distribuição de preservativos, o que compensa a dificuldade de classificação de quem realmente é michê. Segundo os agentes, muitos dos motoboys com ponto na Avenida Goiás fazem, eventualmente, programas de prostituição.

⁹ Motociclistas que transportam passageiros em Goiânia; são conhecidos também como mototaxistas.

Em relação ao baixo número de michês encontrado nas ruas, a justificativa, segundo os membros da equipe do projeto, foi o horário em que foi realizada a rota, por volta das 21 horas. Como observou um agente, é a partir das 22 horas que a prostituição masculina nas ruas de Goiânia se intensifica. Os agentes interventores não trabalham após as 22 horas por dois motivos: quanto mais tarde, maiores riscos eles correm nas ruas e mais difícil se torna voltar para casa, por falta de transporte.

Por intermédio do Projeto Garotos da Vida, me foi possível obter um perfil dos michês encontrados no centro de Goiânia. Os dados a seguir foram levantados em uma pesquisa realizada entre os meses de janeiro a dezembro de 2002 com cem profissionais do sexo masculino.

Perfil dos profissionais do sexo masculino em Goiânia

Idade dos profissionais do sexo masculino	
Até 18 anos	27%
18 a 25 anos	31%
25 a 35 anos	30%
Acima de 35 anos	12%
Total	100%
Escolaridade dos profissionais do sexo masculino	
1º grau	57%
2º grau	42%
3º grau	1%
Total	100%
Alguém (parente, namorada/do, esposo/a) sabe de sua orientação sexual	
Não	80%
Sim	20%
Total	100%
Foi discriminado ou sofreu algum tipo de abuso por parte de autoridades (polícia civil ou militar)	
Não	67%
Sim	33%
Total	100%
Nº de profissionais do sexo masculino que conhecem alguma ONG de direitos humanos	
Não	70%
Sim	30%
Total	100%
Profissionais do sexo masculino que migram para outras cidades	
Faz programa em outras cidades	57%

Não faz	43%
Total	100%
Nº de profissionais do sexo masculino que fizeram o teste HIV	
Sim	57%
Não	43%
Total.	100%
Nº de profissionais do sexo masculino que já tiveram alguma DST	
Sim	30%
Não	70%
Total.	100%
Nº de profissionais do sexo masculino que usam algum tipo de droga	
Usa	30%
Não usa	70%
Total	100%

Fonte: Astral – Projeto Garotos da Vida (2002).

Com base nos dados apresentados, verifica-se que, no que se refere à idade, os profissionais do sexo masculino são, em sua maioria, jovens de até 25 anos, o que corresponde a 58% do total de entrevistados. Sobre o grau de escolaridade, 57% concluíram apenas o 1º grau. Foi encontrado apenas um indivíduo com curso superior. Um dado que chama a atenção diz respeito à identidade do profissional do sexo masculino: a esmagadora maioria, 80% dos entrevistados, diz que ninguém da família ou parceira sabe de sua orientação sexual. Esse número, no entanto, pode estar mascarando uma incompreensão da própria pergunta, pois a expressão orientação sexual não é do domínio popular, visto que o michê, na maioria das vezes, não se assume como homossexual. Nesse sentido, quando questionado sobre sua orientação sexual, o profissional do sexo masculino pode entender a pergunta como relacionada a sua ocupação, ou seja, prostituir-se. Essa noção foi confirmada pelos agentes interventores, ao avaliarem que os michês não se definem como homossexuais. Em seus relatos, os michês justificam seu trabalho apenas pela necessidade econômica e o encaram como algo provisório.

A questão da identidade sexual do michê foi bem trabalhada por Perlongher (1987, p. 21) em suas pesquisas com michês da cidade de São Paulo. Para o autor:

Os michês não somente costumam encarar sua prática enquanto provisória, mas descarregam sobre seus parceiros homossexuais o peso social do estigma. O fato de não abandonar a cadeia

discursiva e gestual da normalidade lhes possibilita esses recursos.

É interessante notar que, segundo os agentes interventores, os michês de Goiânia, assim como os observados por Perlongher, em seus discursos, sempre dizem ser ativos. Sobre isso, convém destacar algumas observações a respeito das noções de ativo/passivo dentro da hierarquia construída nos relacionamentos homoeróticos. Para Fry e MacRae (1985, p. 48):

A superioridade social do “ativo” sobre o passivo é nitidamente expressa nas palavras de gíria que usamos para falar das relações sexuais como “comer” e “dar” [...] Quem “come”, vence, como um jogador de xadrez que tira as peças de seu adversário do tabuleiro “comendo-as”. Quem “come” está “por cima” e quem está por cima é quem controla.

Ainda segundo esses autores, nos grupos populares, os papéis de ativo/passivo são atribuídos a duas categorias opostas: os “machos” e as “bichas”. A primeira é sempre a dos ativos e a segunda é sempre a dos passivos. Na acepção popular brasileira, os machos não são homossexuais, pois exercem o papel de ativos e não perdem suas atribuições de masculinidade e virilidade, mesmo que mantenham relações sexuais com outro homem, no caso, as bichas passivas. Portanto, o que mantém a superioridade do michê no sistema hierárquico que se estabelece entre ele e o seu cliente é a sua afirmação de que é sempre o ativo, portanto superior ao cliente homossexual. Segundo os mesmos autores:

Esta maneira de organizar os papéis sexuais pode ser claramente vista na área da prostituição masculina. Resumindo e simplificando, os profissionais neste campo se dividem em “travestis” e “michês” [...] em principio, e de acordo com a nossa exposição das regras do jogo sexual, os michês “comem” enquanto os travestis “dão”. Mas podemos aproveitar este momento para matizar nosso argumento, pois, nas palavras de outro velho ditado, na “prática a teoria é outra”. Na privacidade da cama é freqüente que o travesti tome o papel “ativo”, como também não é raro que o michê seja “passivo” (Fry e MacRae, 1985, p.45-46).

Outro estudo que analisa a identidade do michê é o de Fabregas-Martínez (2000), em sua pesquisa com homens que se prostituem na cidade de Porto Alegre. Na concepção da autora:

Quando mergulha-se no mundo da prostituição masculina percebe-se que categorizá-la como homossexual é uma operação simplista, pois não encontramos tão facilmente uma identidade de homossexual, mas sim uma flutuação dos sujeitos por diferentes categorias sexuais que dependem do contexto em que se encontram em cada momento.

Neste sentido, a identidade do michê deve ser entendida dentro de um contexto

relacional em que categorias como homossexual, heterossexual e bissexual ganham, timidamente, um espaço nas narrativas dos sujeitos da pesquisa. Ressalta-se ainda, que a análise desses sujeitos merece cautela, uma vez que não se pode conceber suas identidades sexuais como estanques, por se tratarem de categorias situacionais. Nesse contexto, a masculinidade é concebida a partir de uma perspectiva relacional, sendo significada e resignificada no contexto das diferentes relações sociais estabelecidas pelos protagonistas do estudo.

Ainda segundo a autora, a atividade desenvolvida pelos michês e, mais especificamente, o fato de manterem relações sexuais com outros homens, os clientes, coloca-os em constante dilema na afirmação de sua masculinidade. Fabregas-Martínez (2000) acrescenta que a homossexualidade adota nesse universo, formas e significados diferenciados, em que um “estar homossexual”, característico dos discursos dos michês, é distinto de um “ser homossexual” que, na lógica desses profissionais, caracteriza as bichas ou os clientes. Dessa forma, o termo homossexual é utilizado como um adjetivo definidor das transas e práticas sexuais que envolvem homens e não aparece revestido de um caráter identitário. Seria mais representativo, portanto, falar de transa homossexual do que homossexuais transando. A homossexualidade, assim, é vista pelos michês como provisória e casual, justificada pela necessidade de dinheiro. E, ainda mais, é nesse contexto relacional, nessa constante ratificação da masculinidade que os homens que se prostituem constroem a sua masculinidade em oposição à feminilidade.

Outra questão que merece atenção são as formas de discriminação ou abuso por parte de autoridades como a polícia militar e a civil. Embora 67% dos entrevistados tenham relatado não sofrerem nenhum tipo de discriminação ou abuso, os agentes interventores afirmam ser freqüente esse tipo de queixa por parte dos michês. Constata-se, assim, uma contradição entre os dados obtidos através do questionário e as informações conseguidas

pelos agentes interventores em conversas informais com os michês nas ruas.

Quanto ao aspecto do fluxo dos profissionais do sexo masculino, como foi apresentado, 57% dos entrevistados afirmam que fazem programas em outras cidades, fato que é corroborado pelos próprios agentes interventores. Outro ponto que merece atenção é que apenas 30% dos entrevistados afirmam fazer uso de algum tipo de droga. Esse resultado talvez seja questionável, pois, em conversas informais com esses profissionais do sexo, constatou-se que o consumo de drogas é bastante freqüente. Já em relação à saúde, 57% dos entrevistados disseram já ter feito o teste do HIV e 70% afirmam nunca ter contraído nenhuma DST, o que parece demonstrar que os programas de prevenção às DST/Aids estão surtindo efeito. Ainda quanto ao nível de informação sobre Ongs que trabalham em prol dos direitos humanos, vale destacar que 70% dos entrevistados disseram não ter conhecimento de nenhuma instituição desse tipo, o que demonstra que o reconhecimento do trabalho desenvolvido por essas entidades junto aos profissionais sexo ainda não foi bem assimilado.

Nos depoimentos dos michês para os agentes interventores, percebe-se que a história de vida dos rapazes que fazem parte dessa categoria é muito parecida, ou seja, a maioria diz ter vindo do interior do estado para Goiânia na tentativa de seguir a carreira de modelo e, por não terem conseguido, tiveram de se prostituir. Oriundos de famílias pobres, além de se prostituírem, a maioria desses profissionais exerce outras profissões remuneradas durante o dia, geralmente em trabalhos que exigem pouca qualificação. Os locais de moradia são bairros periféricos de Goiânia ou até mesmo cidades do entorno, como Aparecida de Goiânia e Trindade. Esses dados foram obtidos junto ao projeto Garotos da Vida e, a partir deles, tem-se um perfil dos profissionais do sexo masculino na cidade de Goiânia.

1.1.2 As travestis

Os principais pontos de travestis em Goiânia são basicamente três: um está localizado no centro de Goiânia, com maior concentração na Avenida Paranaíba, entre as

Avenidas Araguaia e Goiás. Dos outros dois, um localiza-se na região de Campinas, próximo à Praça A e suas imediações, e o outro na região do Dergo, mais precisamente na Avenida Consolação e ruas circunvizinhas, no Setor Aeroviário. Os dados sobre a prostituição de rua exercida por travestis foram obtidos por meio do Projeto Flor da Noite. Durante um período de quatro meses, de setembro a dezembro de 2003, pude acompanhar a equipe desse projeto em várias intervenções, o que me proporcionou uma observação mais apurada desses profissionais.

Durante as observações das travestis, mantive um diário de campo, com anotações minuciosas de minhas impressões sobre o grupo, formadas a partir de conversas informais, de observação de atitudes, gestos, cenas e de tudo aquilo que pudesse servir de material para análise. Também pude coletar dados por meio de entrevistas realizadas com algumas travestis sobre a dinâmica da prostituição de rua exercida por elas em Goiânia, sobre as relações estabelecidas entre as travestis e seus clientes, sobre a violência, o uso de drogas e as estratégias sociais de estigmatização desses indivíduos. Nessa etnografia, protejo com o anonimato todas as pessoas com as quais mantive contato, bem como os informantes com os quais pude conversar ou realizar entrevistas. Embora as travestis nunca utilizem seu nome de registro e, sim, os chamados nomes de guerra, esses podem identificá-las imediatamente, daí o cuidado do sigilo nessa pesquisa.

A forma de intervenção junto às travestis é muito parecida com a realizada junto aos michês de Goiânia. O diferencial fica por conta da metodologia de abordagem, que é face a face e por pares. Essa metodologia foi criada pelo Ministério da Saúde para o combate à Aids junto aos profissionais do sexo, como uma alternativa à educação coletiva, baseada no repasse de informações básicas e uniformizadas sobre a epidemia. Na cartilha, *Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da Aids* (BRASIL, 2002), verifica-se que, de um modo geral, tal metodologia consiste na abordagem individual de

profissionais do sexo, na qual lhes é oferecida informação sobre a epidemia, tendo como perspectiva a própria história do sujeito. A abordagem pode ser realizada tanto por técnicos da área de saúde quanto pelas próprias profissionais do sexo, através da metodologia de educação por pares. A educação por pares consiste em capacitar técnica e pedagogicamente lideranças locais, oriundas e legitimadas pelo próprio grupo, que passam a ser responsáveis pela difusão de informações sobre a infecção pelo HIV e outras DST, de forma horizontalizada, entre seus pares sociais, visando diminuir o impacto da epidemia em seu grupo de origem. O que se pode constatar é que, tanto nas intervenções realizadas nas chamadas casas-vida como naquelas realizadas nas ruas, os agentes interventores pertencem ao grupo a que se destina o programa de prevenção, tornando-se, desse modo, agentes multiplicadores no seu grupo de origem.

As intervenções realizadas pelo projeto Flor da Noite junto às travestis e às mulheres que se prostituem na região de Campinas são realizadas todas as quintas-feiras por volta das 20 horas e têm como foco maior de intervenção as travestis. O itinerário preestabelecido pelo projeto envolve toda a região da Praça A, em Campinas, e se estende até a Avenida Consolação, localizada no Setor Aeroviário. Conforme os agentes interventores, as travestis começam a chegar em maior quantidade após as 22 horas. No entanto, as que ocupam a Avenida Consolação e imediações, no Setor Aeroviário, chegam mais cedo, em torno das 20 horas.

Na abordagem, é entregue ao profissional do sexo um *kit* contendo doze preservativos para cada travesti e seis para cada mulher. A explicação para o fato de as travestis receberem o dobro de preservativos está nas características do próprio programa que estas realizam com o cliente: freqüentemente, elas têm de desempenhar o papel de ativas e passivas, daí a necessidade de até três preservativos. É bastante comum as travestis mencionarem que o número de preservativos distribuídos pelo programa é muito pouco, ao que os agentes respondem que o objetivo do Projeto não é apenas fornecer preservativos para

manter o consumo por parte dos profissionais do sexo, mas ensejar uma maior conscientização sobre a importância do uso do preservativo no combate às DST/Aids.

No momento das observações sempre tentei evitar uma conduta que não correspondesse às normas internas do grupo pesquisado, para não gerar constrangimento e não comprometer o bom desenvolvimento da pesquisa. Como aponta Malinowski (1978), em uma pesquisa de campo, a observação diária de brigas, brincadeiras, incidentes triviais etc. é de suma relevância para o entendimento de determinadas regras do grupo. Outro procedimento relevante para o bom desenvolvimento de uma pesquisa é a adoção de um comportamento que esteja de acordo com as normas internas do grupo, ou seja, o pesquisador deve estar apto a perceber as “boas” e “más” maneiras que condicionam as condutas dos indivíduos do grupo que pretende pesquisar.

Para Berreman (1975), um dos pontos fundamentais para o bom desenvolvimento da pesquisa é, sem dúvida, o que ele chama de “controle de impressões”, cujo passo inicial consiste na apresentação do pesquisador junto ao grupo a ser analisado. Aponta o autor ainda que, ao se analisar uma sociedade fechada, o repúdio em relação aos estranhos é quase sempre recorrente, pois estes são quase sempre vistos como inimigos potenciais. Por isso, desde o início da inserção em campo junto às travestis, deixei-lhes claros os objetivos e as intenções da pesquisa. Um ponto que favoreceu minha inserção no grupo foi o fato da minha apresentação ter sido feita por membros do grupo de intervenção, pessoas já conhecidas pelas travestis, o que gerou proximidade e maior confiança.

Uma preocupação constante de minha parte referia-se à postura a ser mantida diante de uma travesti. Para isso, num primeiro momento, realizei apenas observações, evitando perguntas ou indagações. Convém acrescentar que a própria postura corporal do pesquisador é fundamental nesse tipo de interação. Ao contrário dos michês, as travestis são vistas pelos agentes interventores como pessoas mais acessíveis, o que permite manter um

diálogo mais aberto e próximo com elas, fato que pôde ser comprovado nas observações realizadas. No que se refere à interação face a face com as travestis, uma orientação dos agentes interventores é que se deve, quando em conversa com uma delas, dar-lhe máxima atenção, olhando-a nos olhos. Há consenso cultural em torno da idéia de que olho-no-olho gera confiança e, com certeza, o quesito principal no trabalho com grupos estigmatizados e marginalizados é a confiança. Outro ponto relevante é evitar olhares reprovadores. Por menos familiarizado com as práticas e atitudes do grupo, é preciso evitar esse comportamento, pois um olhar reprovador por parte do pesquisador, mesmo que involuntário, pode gerar problemas em relação ao grupo.

A inserção no trabalho de campo permitiu verificar que a linguagem utilizada pelas travestis profissionais do sexo é estruturada em gírias próprias, e que isso é muito comum nas conversas entre elas. Assim, para se efetuar um bom trabalho e observação de campo, é importante aprender a decodificar a língua usada pelo grupo. Nesse sentido, deve-se novamente lembrar Malinowski (1978) que, ao destacar o estudo de um grupo, chama a atenção para a possibilidade de se encontrar subgrupos que mantêm códigos culturais muito particulares, como os códigos de comunicação, que podem ser incompreensíveis para as pessoas que não pertencem ao grupo. Vale dizer que formas de comunicação peculiares são bastante comuns entre indivíduos de grupos que se encontram segregados.

Antes de participar das intervenções, procurei, junto aos agentes interventores, obter um perfil das travestis que se prostituem em Goiânia. De um modo geral, a travesti é percebida como despudorada e escandalosa. Além disso, se envolve freqüentemente em confusões com clientes e policiais, o que é encarado pelos agentes como algo problemático. Por isso, dentre os profissionais do sexo em Goiânia, a travesti carrega a imagem mais depreciativa, visão essa que pode ser entendida, segundo Goffman (1988), pelos atributos negativos construídos nas relações entre o indivíduo estigmatizado e a sociedade. Nessa

relação, ocorre uma imputação, ao indivíduo estigmatizado, de estereótipos associados a algumas atitudes e comportamentos que, acredita-se, ser inerentes à sua personalidade.

Para Goffman (1988), há três tipos de estigma nitidamente diferentes: um de ordem física, ligado ao corpo; outro de ordem moral, ligado ao caráter individual; e por fim os relacionados à origem, ou seja, à linhagem do indivíduo. No caso da travesti, o estigma está relacionado ao corpo, visto pelas pessoas como deformado, em virtude das transformações decorrentes do uso de hormônios e de silicone. Por fugir das formas da anatomia original, é necessário ressaltar que as transformações corporais das travestis podem causar repulsa nas pessoas que se autodefinem como normais. Entretanto, a percepção das travestis em relação às transformações ocorridas no próprio corpo se dá de outra forma. Esse mesmo corpo, metamorfoseado pelo uso do silicone e hormônios, pode para alguns gerar uma repulsa, mas para a travesti torna-se algo desejável, algo constitutivo da sua própria identidade. Além do estigma de ordem física, ou seja, ligado ao corpo, outro estigma associado à travesti está relacionado à sua moral. As travestis são vistas, antes de tudo, como homossexuais, sendo o exercício da sua sexualidade visto como contrário às regras morais de comportamento esperado pela sociedade.¹⁰

Outra questão no processo de interação nesse universo refere-se à relação das travestis com seus clientes, bem como com outras travestis. De acordo com a avaliação de alguns agentes interventores e, até mesmo de algumas travestis, a relação com os clientes é, em alguns aspectos, de poder. Segundo informações, há um jogo de poder entre o cliente e a travesti, no qual aquele quase sempre se sente superior a esta. Quanto aos furtos cometidos pelas travestis, a justificativa recai sobre a conduta do próprio cliente, que, segundo relatos, costuma procurar as travestis portando objetos de valor como relógio, celular ou muito

¹⁰ Esses mecanismos de estigmatização serão melhor desenvolvidos nos próximos capítulos, através da interpretação do processo de construção da identidade das profissionais do sexo feminino.

dinheiro, o que acarreta conflitos também no momento da negociação do programa. De acordo com os relatos, os furtos ocorrem porque o cliente se recusa a pagar o valor que foi combinado antes da realização do programa. Ao reagir, a travesti se coloca com indignação, agredindo fisicamente o cliente e tomando sua carteira de dinheiro. Na gíria dos profissionais do sexo, o cliente tem o hábito de “reluzir”, ou seja, mostrar para o profissional do sexo que está com muito dinheiro. Uma travesti relatou-me que, certo dia, um cliente ficou o tempo todo mostrando-lhe que estava com muito dinheiro, segundo ela, “um bolo de notas de 50 reais”: “Ele ficou reluzindo na minha cara todo aquele dinheiro e depois do programa, mesmo estando com todo aquele dinheiro, não quis pagar pelo combinado. Não deu outra! Eu avancei no cara e tomei a carteira dele e ainda disse que se ele reagisse eu iria matá-lo”.

Outro dado importante para o entendimento da dinâmica das ruas é o esquema da cafetinagem de travestis em Goiânia. No primeiro contato mantido com elas, apresentei-me como pesquisador e relatei-lhes os objetivos da pesquisa e sua vinculação com a Universidade. Nessa apresentação levantei a possibilidade de, em algum momento da pesquisa, entrevistá-las. Sobre isso, duas regras básicas foram negociadas: primeiro, não se mantém uma conversa longa com uma travesti enquanto ela está na rua, pois isso atrapalha o seu trabalho; e segundo, não se conversa com uma travesti sem se passar primeiro pela cafetina.¹¹ Minha apresentação para uma cafetina foi feita ali mesmo na rua e esta foi extremamente receptiva, mas solicitou que a conversa com as meninas¹² ocorresse em outro momento, pois, naquela hora e local, elas estavam trabalhando. Essa cafetina controla as travestis que se concentram na Avenida Consolação no Setor Aeroviário. Segundo ela, o período do dia é a melhor hora para conversar com as meninas, e o horário deveria ser o da tarde, pois estas trabalham até de madrugada e acordam depois do meio-dia.

¹¹ Cafetina é uma figura central na prostituição de rua de travestis em Goiânia. Trata-se de travestis mais velhas que mantêm uma casa ou controlam alguns pontos.

¹² Meninas é um termo freqüentemente usado para se referir às travestis. O mesmo termo é utilizado em relação à profissional do sexo feminino.

A organização da cafetinagem de travestis em Goiânia funciona sob a tutela de uma cafetina, geralmente uma travesti mais velha, que está há mais tempo nas ruas. Há três grandes cafetinas que controlam os principais pontos de prostituição de travestis em Goiânia, localizados na região Central, na região de Campinas e na região do Dergo. Entretanto, apenas com a cafetina que controla o ponto da Avenida Consolação, na região do Dergo, eu pude conversar. Isso se explica por algumas razões: a primeira está no fato de que a rota realizada pelo Projeto Flor da Noite, da qual pude participar, não cobre a região do centro de Goiânia, o que impossibilitou o contato com a cafetina dessa região; depois, não pude conhecer a cafetina da Praça A, na região de Campinas, porque ela não faz ponto no local. Por fim, segundo informações dos agentes interventores, essas duas últimas cafetinas são vistas como pessoas de difícil acesso. Eles próprios alegaram que, muitas vezes, em virtude da atuação delas, tiveram dificuldades de abordar as travestis.

Na casa de uma cafetina residem várias travestis. O papel dela é dar apoio às travestis de Goiânia ou às que vêm de outras cidades, as chamadas novatas. Segundo o relato de uma travesti, para “descer na rua”,¹³ a novata deve morar na casa de uma cafetina e pagar uma diária, que custa em média vinte ou trinta reais. Segundo essa informante, se a travesti não pagar a diária, na qual está incluída somente a moradia, cabendo à travesti manter-se com alimentação e outras despesas, ela não pode descer na rua. Uma delas, que já foi convidada para morar em uma dessas casas, disse em entrevista:

Eu não fui porque, em primeiro lugar, eu quero deixar bem claro que a rua é pública, a gente não paga pra se prostituir na rua. A gente não precisa passar por essa humilhação de que você “tem que descer”, trabalhar na rua, ganhar seu dinheiro e ainda ter que pagar uma porcentagem tanto, pra outra travesti. Então eu prefiro trabalhar longe de ponto de cafetina, nem que eu ganhe menos, nem que eu não ganhe nada, mas eu prefiro.

No entanto, por se tratar de uma travesti que não é novata, ela pode se dar ao luxo de não pagar pelo ponto, pois, como ela mesma comentou, as travestis mais velhas não pagam pelo ponto para uma cafetina; quem paga para descer na rua são as novatas. Quanto ao

¹³ Termo usado entre as travestis para se referirem ao *trottoir* ou prostituição de rua.

papel da cafetina e sua responsabilidade em relação à travesti que mora em sua casa, a informação que obtive foi a de que, ao morar na casa de uma cafetina, a travesti visa uma residência fixa, o que lhe assegura um local para morar e a possibilidade de trabalhar. Não foi possível obter uma proporção exata do número de travestis que se prostituem nas ruas e moram na casa de uma cafetina, mas tive a impressão de que a maioria das que se prostituem nas ruas de Goiânia está sob a tutela de uma cafetina.

Outro ponto de relevância para entendimento da dinâmica da prostituição de travestis nas ruas é compreender a relação que se estabelece entre elas e os policiais. Para que se tenha uma idéia, o termo utilizado pelas travestis para se referir aos policiais é alebãs.¹⁴ Uma travesti em entrevista, disse nunca ter sofrido nenhuma forma de agressão por parte de um policial. Na sua avaliação, existem, sim, problemas com policiais, mas os problemas são em decorrência do próprio comportamento da travesti. Como ela mesma colocou, “apresentam problemas as travestis que fazem baderna, que andam sem roupa e que roubam. Essas, sim, são consideradas marginais pela polícia, principalmente as que roubam”. Em indagações sobre extorsões ou sobre policiais que querem fazer um programa com a travesti sem pagar, obtive o seguinte relato:

Acontece de você ser assediada, porque muitas vezes só pelo fato de você tá na rua, ele por ser policial acha que tem o direito de fazer o programa sem pagar a gente. Mas em relação a espancamento, violência, eu nunca passei por isso. Graças a Deus eu nunca passei por agressão, um policial nunca me deu um tapa, nunca nem me empurrou. Mas eu já vi casos de colegas minhas que já levaram tapas, já bateram, já humilharam, já teve várias amigas minhas que já passaram por isso.

Quanto à dinâmica dos programas, observa-se que: a travesti fica na rua à espera de um possível cliente, que pode vir de carro ou moto. O valor do programa é sempre combinado antecipadamente, sendo, em média, trinta reais, o mesmo cobrado pelos michês. No entanto, uma travesti me disse que esse valor pode passar por um processo de renegociação, que depende muito do cliente e do seu perfil. Um fator relevante é a própria demanda por clientes, dada a alta concorrência: “em todo lugar à noite tem tanto travestis

¹⁴ Não foi possível saber qual a origem do termo alebãs. O que observei é que as travestis criam categorias nativas para classificação de atores e situações vivenciadas na prostituição. Neste trabalho, não foi possível analisar tais expressões que, por sua riqueza, serão objeto de um futuro trabalho.

como mulheres. Então há disputa de travestis com travestis, mulher com mulher, mulher com travesti e vice-versa. A disputa é grande”.

Pelas informações obtidas, 90% dos programas são feitos em motéis e 10% são realizados em lotes baldios ou dentro do próprio carro do cliente. Segundo as travestis, os clientes dizem preferir motéis, pois não querem se expor nas ruas, onde alegam correr risco de serem abordados por policiais e de sofrerem extorsão. Outro aspecto que interfere no valor do programa é a classificação do cliente pelas próprias travestis. Essa classificação estratificada está ligada a aspectos relacionados à idade, à aparência física e ao *status* socioeconômico. As travestis podem cobrar o programa tendo por base, como elas mesmas dizem, a “cara do cliente”. Ao ser abordada, a travesti analisa duas coisas: o carro do cliente e o modo como ele está vestido; se o carro for de luxo e se ele estiver bem-vestido, é sinal de que ele tem dinheiro e, nesse caso o programa pode sair mais caro.

O perfil dos clientes, segundo as travestis, é de homens mais velhos e casados, os denominados “mariconas”. Outro perfil é do cliente chamado *boy*. Para as travestis, o *boy* é o cliente mais jovem, de aparência física mais atraente. Com esse tipo de cliente, ocorre o chamado “fazer o vício”, prática que se caracteriza pelo fato de a travesti sair com o *boy* por um valor bem inferior ao cobrado normalmente, ou até mesmo fazer o programa sem cobrar nada. De acordo com relatos de informantes, essa prática de “fazer o vício” é bastante comum entre as travestis:

Isso é bastante comum, principalmente esses playboyzinhos, rapazinho, filhinho de papai, que vai pra rua procurar travesti só pra ter prazer e não pagar pra ter um programa. Então isso acontece, sim, e são muitas travestis que fazem isso [...] No meu caso, se chegar um rapazinho bonitinho, gostosinho e se falar eu só tenho cinco, dez reais e falar “vamo”, eu falo “então vamo”. Além de você tá saindo com uma pessoa bonita, simpática, ainda vai tá pagando você. Eu prefiro sair mais barato e se eu quiser eu vou e “faço o vício”.

Outro perfil de cliente das travestis são os chamados “malas”, termo que significa marginal. Ao ser perguntada sobre a existência de algum tipo de cliente com quem não faria programa, uma travesti respondeu que a decisão de fazer ou não o programa

depende do tipo do cliente: “Porque, eu, no meu caso, eu não vou sair com uma pessoa marginal. Eu não vou sair com ‘mala’. Eu não tenho preconceito, mas eu não saio com mala”.

Para identificar o cliente definido como mala, a travesti leva em consideração a forma de abordagem e a aparência do cliente:

Geralmente pela conversa da pessoa, nem todas às vezes você conhece a pessoa internamente. Eu vou te explicar melhor: o jeito da pessoa chegar em você e te abordar. A pessoa chega e fala – Oi, tudo bem? Como que você está? – Então, pelo jeito da pessoa, você sabe se ela é uma pessoa de bem, ou se é um marginal; você sabe só pelo jeito dele conversar com você. Geralmente ele chega de bicicleta, de mobiléte, né? Porque, você sabe, as pessoas da sociedade, até a forma dela se vestir você vê que ela é uma pessoa de bem. Agora o marginal não; ele chega em você de sandália havaiana, chega de short, com aquele short lá em baixo, com aquelas camisona cavada, aquelas tatuagem no braço.

De acordo com a mesma travesti, esses indivíduos têm o hábito de assaltá-las.

Como ela mesma narrou, já houve casos de ela sair com o mala e ser assaltada: “Porque já aconteceu casos comigo, de eu sair com o ‘mala’ fazer programa com ele, ele me pagar e depois pôr a faca em mim e tomar o dinheiro de volta. Porque ele estava de short, sandália havaiana, de bicicleta”. A partir da experiência e do tempo na rua, a profissional do sexo vai aprendendo a fazer essas leituras do cliente e até a criar códigos de identificação. De um modo geral, são códigos de leitura dos indivíduos que não fogem aos padrões de identificação utilizados pelo restante da sociedade, onde aspectos como o modo de falar e de se vestir são associados à posição socioeconômica do indivíduo, à sua informação social. Essa informação, assim como os símbolos que a transmitem, é reflexiva e corporificada, ou seja, é transmitida pela própria pessoa através da expressão corporal na presença imediata daqueles que a recebem. Para Goffman (1988), essa comunicação corporal se realiza por meio de símbolos que transmitem uma informação social para a leitura do indivíduo, como o comportamento e a vestimenta que são imediatamente associados à posição social. Esses mesmos códigos de leitura dos clientes são utilizados também pelas mulheres profissionais do sexo, como será tratado nos próximos capítulos.

Sobre a violência cometida contra as travestis por parte dos clientes, as informações obtidas demonstram que os casos de violência, na maioria das vezes, estão

associados à própria conduta das travestis. Segundo o relato de uma entrevistada, “se as travestis forem ‘legais’, ‘educadas’ e ‘sinceras’ com o cliente, não há motivos para agressão”. De acordo com as travestis as agressões provêm, por exemplo, de xingamentos e roubos, podendo chegar até a morte. Um termo utilizado por elas para a prática de assaltos é “fazer a Elza”. Se a travesti diz ter feito a Elza em um cliente, quer dizer que ela o roubou. Os motivos alegados para os assaltos são vários. Um deles deve-se à própria concorrência entre as travestis, como foi relatado. Um ponto com muitas travestis dificulta a obtenção de renda necessária para as diárias cobradas na casa de uma cafetina, o que justificaria a necessidade de cometer alguns assaltos.

Segundo relatos, as agressões por parte dos clientes ocorrem no momento do assalto. E quando o cliente não reage na hora, é comum vingar-se posteriormente. Como já foi dito, em geral, os clientes dificilmente denunciam os assaltos cometidos por travestis, para evitar uma situação de constrangimento na delegacia e, é nesse caso, que ocorrem as vinganças. De acordo com informações, quando a travesti rouba de um cliente, ele “marca a cara da travesti” e mesmo que se passem dias ou meses, ele volta e se vinga. Geralmente a vingança se dá por meio de agressões e atentados cometidos contra as travestis, havendo casos em que muitas são baleadas na rua.

A violência contra as travestis não ocorre somente por parte dos policiais ou clientes. A violência contra elas está também relacionada à homofobia, isto é, intolerância à homossexualidade. Ao perguntar a uma travesti o que ela considerava a parte mais difícil da prostituição nas ruas, ela confirmou:

A violência, o mais difícil pra mim é a violência [...] Às vezes você tá na rua, já teve casos comigo que eu já levei pedrada, já me bateram, já me assaltaram, já fizeram tanto coisa comigo, já me humilharam, sabe? Já me jogaram pedra. O meu medo é isso, o único medo que eu tenho é o da violência, sabe? Eu tenho medo de tá na esquina, assim numa rua, e chegar um e me dar um tiro, ou chegar um com um pedaço de pau, como já aconteceu comigo de levar uma pedrada, que eu quase desmaiei na rua. O único medo que eu tenho é esse. Eu não tenho medo da noite; eu tenho medo é da marginalidade [...] Porque a marginalidade não escolhe hora pra te atacar, pra te assaltar, pra te agredir, tanto fisicamente como verbalmente. Às vezes

you pass on the street during the day and you are verbally abused. You can't be physically because it's during the day, right? There's a lot of movement, a lot of people. So during the day it's more difficult. Now at night it's more complicated, because at night you're in the corner and you get hit with a gun and you don't know where it came from, no one saw. Sometimes you get hit with a brick, you don't know who it was, because you're wearing a helmet on your head or you're riding a motorcycle, on anything, car, bicycle, right?

Another important aspect in relation to the daily life of a transvestite is prejudice, which, as was seen previously, is directed at their identity, which is stigmatized. In the opinion of one of the interviewees, prejudice against transvestites is felt daily, such as rejections, through glances, in environments they frequent, both public and private:

If you are a transvestite and you enter a bank, you go to a school, you go anywhere in public, the people look at you from the tip of your nose to the end of your hair. The people look at you, and they comment on one another. So it's difficult. It's difficult for transvestites to go out every day dressed as a woman and disguised. It's difficult in relation to this.

What also attracts attention is the aspect related to perspectives and the life span of a transvestite. In this work, there was a concern to verify what occurs when a transvestite ages, since, as in any profession, there comes a moment when the individual needs to stop because of age. As there is no social security for this type of profession, such as retirement, there is an inquiry: what happens in the life of a transvestite when, due to advanced age and for health reasons, they decide to stop?

Generally, a transvestite does not reach the age of fifty, forty years, not even. Because it can be that they die assassinated, because there are many who die at twenty, twenty and two years. Most of them contracted the HIV virus, and they die soon. So it's like this, right? The life strategy of a transvestite, if she is a transvestite who does not prostitute herself, who has her own way of life, she can live several years, up to fifty, sixty, seventy years. Now, a transvestite who works on the street, does not live for a long time, because I never saw an old transvestite on the street, I never saw.

Another focus of investigation was the use of drugs, a common practice among sex professionals in a general way. What can be noted is that alcohol, marijuana and cocaine are the most used drugs. In Avenida Consolação, in one of the interventions,

pude observar uma travesti visivelmente drogada dizendo, aos gritos, na rua, coisas como: “Tô loca! Tô loca! Eu vou fazer a Elza hoje!”. Uma expressão singular para se referir ao indivíduo que se droga na prostituição de rua é “tá colocada”, que significa estar drogada. Uma entrevistada confirmou que é freqüente o uso de drogas e bebidas alcoólicas entre travestis que se prostituem, sendo a mais usada a maconha. Segundo ela, há travestis que deixam de tomar uma cerveja para comprar um cigarro de maconha. O motivo do uso de drogas, segundo essa entrevistada, está relacionado à necessidade de “agüentar a barra pesada e a noite”. De acordo com a mesma informante, “a maioria usa pra ficar doidona, pra ficar mais fácil pra arrumar programa, pra ganhar dinheiro, né? Porque tá drogada e ali ela enfrenta tudo, se precisar matar ela mata, se precisar morrer ela morre, se precisar brigar ela briga, se precisar roubar ela rouba”. Para ela, as travestis se drogam para “enfrentar a noite”. Nesse sentido, o uso de drogas torna-se uma justificativa, uma válvula de escape para a travesti que tem que lidar com as adversidades que o ofício da prostituição nas ruas traz.

Nas observações que fiz junto às travestis, o uso do silicone era tema recorrente. Nas ruas, elas exibem o tempo todo as partes do corpo onde foi aplicado o silicone, como seios e nádegas. Também os locais para a aplicação do silicone e as melhores bombadeiras¹⁵ para se fazer o serviço fazem parte das conversas entre elas. Grande parte das travestis, por exemplo, vai à Brasília fazer a aplicação do silicone, pois, segundo elas, lá é que estão as melhores bombadeiras. Entretanto, na própria cidade de Goiânia, existem algumas travestis que fazem esse serviço. De acordo com informações, a aplicação de um litro de silicone, mais o trabalho da bombadeira, fica em torno de trezentos e cinqüenta reais, o que se torna uma alternativa barata, se comparada à utilização das próteses médicas de silicone.

De um modo geral, o silicone acarreta algumas alterações no corpo, como o alargamento do quadril e o aumento das nádegas e dos seios. Quanto às partes do corpo onde mais se aplica o produto, a informação obtida é a de que não há uma regra, mas que, de um

¹⁵ Bombadeira é uma travesti que faz a aplicação de silicone em outras travestis.

modo geral, é nas nádegas. Quando indaguei o porquê da preferência por essa região do corpo, uma travesti me disse que nas ruas é a parte que os clientes mais olham. Como é do conhecimento comum, o atributo do corpo feminino que mais atrai o homem brasileiro são as nádegas e assim, a travesti busca, a todo custo, construir um corpo feminino que corresponda aos anseios do cliente. Entretanto, há uma grande incidência da aplicação de silicone em outras partes do corpo, como os seios.

O uso do silicone, para a travesti profissional do sexo, não somente relaciona-se à transformação do corpo, mas também à própria dinâmica da prostituição, que envolve aspectos ligados ao jogo de sedução estabelecido entre a travesti e o cliente no ato da negociação do programa. Além disso, envolve fatores mais subjetivos, que passam por questões mais complexas, que vão desde a necessidade de se obter um corpo mais atraente e feminino até a própria construção de uma identidade. Na concepção de uma informante, o silicone e seus benefícios estão relacionados a uma situação de poder. Para ela, o poder de uma travesti é diretamente proporcional à quantidade de silicone que ela tem no corpo. Na sua opinião, “quanto mais silicone, mais a gente se sente cobiçada, mais atraente, mais gostosa. Então, quanto mais silicone mais aqüé¹⁶ pra você”. E ressalta ainda, que a travesti com mais silicone no corpo torna-se mais requisitada pelos clientes. Portanto, além de proporcionar a possibilidade de um maior faturamento, o silicone e seus efeitos no corpo irão influenciar no comportamento da travesti nas ruas, o qual envolve toda uma *performance* para mostrar ao cliente os atributos corporais que ela adquiriu em virtude do silicone. O uso do silicone e dos hormônios proporciona para a travesti não somente uma transformação física do corpo, mas também um certo *status* junto ao grupo. Segundo alguns relatos, a travesti que não possui silicone, ou que o possui em menor quantidade, se sente inferior às demais, pois sua auto-estima está relacionada ao corpo que adquiriu.

Outro aspecto a ser considerado quanto ao uso do silicone pelas travestis são os

¹⁶ Aqüé na linguagem das travestis quer dizer dinheiro.

riscos que ele traz à saúde. Quem se utiliza do silicone tem consciência de que ele é prejudicial à saúde, mas como a prótese médica é muito cara, o uso injetável torna-se a única opção. De acordo com uma das entrevistadas:

É difícil existir uma travesti com prótese médica né? Apropriada pra isso. Então o uso do silicone industrial que é bem baratinho, que, com mil reais, mil e poucos reais você fica perfeita, põe silicone onde você quiser. Só que é uma aplicação sem anestesia, muito sofrida, né? E geralmente travestis que aplicam silicone, futuramente podem dar problema, porque o silicone age no seu corpo, ele anda no seu corpo inteiro. Eu já vi casos de travesti ter silicone no estômago, porque aplica no seio e desce pro estômago. Em algumas travesti desce silicone pros pés, então é muito arriscado.

É bastante comum o uso do silicone industrial,¹⁷ que pode levar, em alguns casos, à morte, como o de uma travesti que se prostituía na Avenida Consolação, região do Dergo. Segundo relato das colegas, ela já havia aplicado silicone em outras partes do corpo, como seios e nádegas, e a última aplicação foi realizada nas pernas. Houve complicações, pois o silicone entrou na corrente sanguínea e ela morreu. Uma informante complementou: “ela morreu, mas morreu como queria, linda!”. Ainda segundo um depoimento:

Silicone industrial é uma bomba no corpo de qualquer pessoa, tanto travesti como mulher. Silicone na veia de uma pessoa é bomba. Silicone é sorte, se você tiver sorte, você fica perfeita, do jeito que você quer. Em relação às pessoas portadoras do vírus HIV não pode aplicar silicone porque pode dar conseqüências graves, pode vir até morrer mesmo.

Em relação à utilização de hormônios no processo de transformações do corpo, uma informante menciona que os hormônios servem para dar forma ao corpo. Entretanto, em sua avaliação, os efeitos dos hormônios são mais lentos do que o uso do silicone. Ela se reporta também aos efeitos colaterais que, na sua concepção, podem ser físicos e psicológicos, principalmente se o hormônio for usado em doses altas:

A dose de hormônio forte causa dor de cabeça, enjôo, dores. Então por isso, a gente tem que saber usar o hormônio, porque tudo de mais é exagerado, então quanto menos você usar, menos efeitos colaterais você vai ter. E quanto mais você usar, mais nervosa a gente fica. Quanto mais hormônio a gente usar, mais o sistema nervoso fica abalado.

O que se pode concluir sobre os usos do silicone e dos hormônios pelas travestis é que eles vão além da construção de um novo corpo, pois se referem à elaboração de

¹⁷ Segundo as informantes, esse tipo de produto pode ser encontrado sob várias formas, sendo mais comum um tipo de silicone utilizado para o polimento de carros.

uma nova identidade. Para Benedetti (2000, p.47), “quando os sujeitos alteram seus corpos alteram também sua identidade social. É este o processo executado pelas travestis: elas investem na fabricação de um novo corpo para moldarem e incorporarem a identidade social de travesti”. É completa, ainda, dizendo que a identidade social do indivíduo passa também pela questão da sua orientação sexual, e que a identidade de uma travesti não pode estar automaticamente vinculada à categoria generalizante de “homossexual”, mesmo que as travestis mantenham, ainda que não exclusivamente, práticas sexuais homoeróticas. A identidade de uma travesti está antes associada à fabricação de um novo corpo do que às suas práticas e orientações sexuais. Essa concepção foi corroborada por mim nas observações e conversas realizadas junto às travestis. Em uma discussão travada entre uma travesti e um dos agentes interventores, aquela fazia questão de frisar que, enquanto travesti, ela deveria ser diferenciada dos homossexuais, dizendo: “Eu não sou homossexual, eu sou travesti e por isso vocês devem me tratar de forma diferenciada”. Incluir a travesti na categoria homossexual é simplificador e estanque, pois o processo de construção da identidade de gênero é fluido e complexo e, no caso das travestis que se prostituem, esse processo implica desde a construção de um novo corpo até a aprendizagem do feminino. Como coloca Benedetti (2000, p.58), “os diversos espaços de prostituição de travestis servem de camarim e palco para o processo de transformação do gênero”. Segundo o mesmo autor, o uso do hormônio e, conseqüentemente, seus efeitos no corpo e nas relações, parecem ser um instrumento ritual de passagem, porque é junto com os seios e as formas redondas do novo corpo que a travesti (re)nasce para o mundo, em identidade que se afirma e se comunica. Esse rito de passagem que se estabelece pelo uso do silicone e dos hormônios é complementado pela vestimenta, pelo salto alto, pela maquiagem e por toda uma gama de artifícios utilizados no aprendizado de se tornar mulher.

1.1.3 As mulheres

A prostituição feminina do tipo *trottoir* na cidade de Goiânia concentra-se basicamente na região denominada Dergo.¹⁸ Segundo estimativa das instituições que desenvolvem projetos direcionados especificamente a esta modalidade de prostituição, encontram-se, nessa região, cerca de duzentas mulheres espalhadas por várias ruas pertencentes aos bairros Aeroviário e Rodoviário, compondo, desse modo, a categoria mais numerosa dentre os profissionais que se dedicam à prostituição na cidade de Goiânia. O nome Dergo pertence a um terminal de ônibus localizado na Avenida Anhanguera, que faz a divisa dos bairros Aeroviário e Rodoviário. Nessa mesma região, encontra-se também a Rodoviária de Campinas, fato que contribui para a grande mobilidade de pessoas, sendo encontrados também vários hotéis populares, bares e clubes de carteado. Outro tipo de comércio bastante comum são as lojas atacadistas, principalmente de cereais e matérias de construção, o que favorece também um fluxo constante de caminhoneiros que vêm de outras cidades e estados.

A região do Dergo possui empiricamente todas as características para o desenvolvimento do que Espinheira (1984) chama de “ecologia da prostituição”. Segundo o autor, a prostituição não pode localizar-se livremente como as demais atividades legitimadas, pois as pressões sociais e o policiamento obrigam-na a restringir-se a locais que não apresentam interesses imediatos para o sistema, isto é, que não têm valor econômico elevado. Assim, a prostituição é obrigada a circunscrever-se a determinadas áreas de menor valor econômico e de *status*, geralmente bairros pobres ou mediações de zonas comerciais populares, ou ainda a áreas em que há uma excessiva mobilidade como aquelas próximas às estações ferroviárias, rodoviárias e portos. No caso da região do Dergo, um fator que favorece a grande mobilidade de pessoas é a rodoviária, utilizada para viagens interestaduais e o próprio terminal de ônibus do Dergo, que produz um deslocamento de pessoas tanto no período do dia quanto no da noite. Essa região é basicamente comercial, e nela encontram-se poucas casas residenciais.

¹⁸ Ver mapa 4 a seguir.

Logo no início da pesquisa, indaguei a algumas pessoas que vivem ou mantêm comércio no local se saberiam informar o tempo de existência da prostituição na região. A informação que obtive, foi a de que ela sempre existiu, não sendo possível levantar uma data precisa para seu estabelecimento e desenvolvimento na região. Em alguns relatos, senhores mais velhos disseram já ter freqüentado bordéis localizados nessa região ainda nos anos de 1960. Entretanto, um ponto deve ser ressaltado: as regiões do Dergo e de Campinas constituem as mais antigas da cidade de Goiânia, visto que, antes da fundação da cidade, em 1933, essas regiões pertenciam ao município de Campinas, que se tornou um bairro de Goiânia após a construção da capital. Ainda hoje é comum os moradores mais antigos referirem-se ao bairro de Campinas e à região do Dergo como uma cidade à parte. Nesse sentido, pode-se dizer que essa região se constituía em zona de prostituição antes mesmo de existir a cidade de Goiânia.

MAPA 4 (Região do Dergo)



Fonte: Prefeitura de Goiânia.

Legenda

- 1 – Prostituição feminina
- 2 – Prostituição de travestis

A prostituição feminina na região do Dergo é exercida de forma autônoma, não existindo o papel de um cafetão ou cafetina. Tanto no período diurno como no noturno é

possível encontrar mulheres espalhadas pelas ruas próximas ao terminal do Dergo. Os pontos de maior concentração são as ruas Serra Dourada, Damiana da Cunha, Avenida Santana e Viela das Bandeiras. Nesses locais, encontram-se estabelecimentos utilizados para os encontros sexuais entre as profissionais do sexo e seus clientes, comumente chamados de dormitórios. São ambientes fechados, com vários quartos que, durante o dia ou à noite, são alugados para as práticas sexuais entre as profissionais e sua clientela.

Em minhas observações de campo, constatei que existem vários desses estabelecimentos espalhados por toda a região e em frente aos quais a mulher profissional do sexo geralmente fica à espera de um possível cliente. Quando o consegue, ambos se dirigem para um desses estabelecimentos para a prática do programa, sendo que o valor estabelecido para a utilização do quarto é de cinco reais pelo período de uma hora. Esse preço pode variar de acordo com o tempo em que o quarto vai ser ocupado, e o valor é pago pelo cliente antecipadamente ao gerente ou administrador do local, que tem como auxiliar uma camareira que se ocupa da arrumação dos quartos. Quanto aos quartos, são bastante simples, contendo apenas uma cama de casal e um banheiro.

Outra característica desses locais é que neles não se vende bebida ou comida aos frequentadores, oferece-se apenas o quarto. A rotatividade nesses locais é intensa no decorrer do dia e da noite, e os quartos são utilizados por curto espaço de tempo. Não foi constatado que esses estabelecimentos sirvam como local de moradia para as mulheres profissionais do sexo que se prostituem na região do Dergo, mas verificou-se que, eventualmente, as profissionais do sexo que vêm de cidades do interior para se prostituírem na região ficam hospedadas nesses locais durante o período em que estão em Goiânia.

Hotéis e bares são também encontrados em grande número na região, entretanto se localizam, geralmente, próximos à rodoviária e não são utilizados para a

realização dos programas. Nesses estabelecimentos é comum o uso de uma placa com os dizeres: “Hotel familiar”. Sobre as razões de esses locais não serem utilizados para prostituição, foi alegado que as mulheres profissionais do sexo fazem muita “confusão e baderna”, o que afugentaria os outros hóspedes.

Já nos bares da região que servem também como pontos para o uso e tráfico de drogas é possível encontrar as profissionais do sexo e sua clientela. Outro tipo de estabelecimento bastante comum são os chamados carteados, casas utilizadas para prática de jogos de carta. Esses estabelecimentos, cuja clientela é composta basicamente por homens, funcionam tanto no período diurno quanto noturno, servindo também, eventualmente, como ponto para o tráfico de drogas.

Não foi encontrado nessa região nenhum estabelecimento caracterizado como casa fechada. Espinheira (1984), em sua pesquisa com a comunidade prostitucional do Pelourinho, em Salvador, Bahia, descreve algumas modalidades de prostituição exercida nos chamados espaços fechados, classificados pelo autor como bordel, castelo e casa-de-encontro. Para o autor, há uma nítida estratificação prostitucional, com uma distinção entre diversas modalidades em que essa atividade é exercida e, também, em relação ao nível social e econômico de cada uma das organizações prostitucionais. Na descrição do autor, os chamados bordéis são ambientes que propiciam divertimento e lazer e promovem a associação entre o cliente e a profissional do sexo, além de promover o consumo de bebidas, fumos, alimentos etc. Nesses locais, o trabalho da profissional do sexo não é independente, cabendo-lhe adequar-se às exigências do estabelecimento, como cumprimento de horários, valor do programa e incentivo ao cliente no consumo de bebidas ofertadas pela casa. Na região do Dergo não foi verificado esse tipo de estabelecimento.

Outro fato observado por Espinheira (1984) é que nos bordéis e casas fechadas, há um forte aparato de proteção e estreitas relações que se estabelecem entre as profissionais e

os gigolôs, cafetões, cafetinas e traficantes de tóxicos, que protegem as casas e as mulheres. As mulheres podem, eventualmente, morar nessas casas. Já o chamado castelo, outra modalidade descrita pelo autor, caracteriza-se como uma comunidade de mulheres que vivem e trabalham sob a tutela da chamada casteleira que, na verdade, assume o papel de cafetina. Essa forma de organização da prostituição é fartamente descrita pela literatura, principalmente nas obras de Jorge Amado, de forma romaneada. Há todo um folclore em torno dessa organização prostitucional, principalmente quanto à figura da casteleira, conhecida como “Dona”, “Tia” ou “Mãezinha”, retratada geralmente como uma mulher experiente, com dotes para cozinhar e com autoridade para interferir quando se faz necessário. Como é muito influente e respeitada junto às autoridades, assume também o papel de conselheira afetiva de suas meninas. O castelo caracteriza-se, desse modo, como uma comunidade que congrega laços estreitos e afetivos, em um ambiente de intimidade cujas relações entre as pessoas favorece a união como uma família extensa.

Já a chamada casa-de-encontro apresenta aspectos diferentes e sua estrutura é bastante simples. Sua característica básica é não possuir pessoal fixo, isto é, não dispor de mulheres. Sua atividade principal se resume em acolher pessoas que estão à procura de um local para se relacionarem sexualmente. A descrição de Espinheira (1984) sobre esse tipo de estabelecimento se aproxima muito das observações que coletei em Goiânia, nos chamados dormitórios. Nesse trabalho, classifico a prostituição exercida na região do Dergo como uma prostituição de *trottoir* exercida em espaços classificados como casas-de-encontro que, em Goiânia, recebem o nome de dormitório. Entretanto, esses espaços de prostituição descritos pelo autor constituem-se em tipos ideais de classificação, de acordo com os quais cada ambiente se estrutura seguindo regras muito particulares de organização.

E mesmo que ainda hoje se possam encontrar as modalidades descritas por Espinheira (1984), em minha pesquisa, em Goiânia, pude constatar que a prostituição assume

um caráter dinâmico e fluido, com várias modalidades, diferentes formas e espaços, como ruas, boates, casas de shows e anúncios de jornais. Isso gera mudanças significativas nas relações entre os profissionais do sexo entre si, com seus clientes e intermediários em um plano material e simbólico. Outro aspecto a se destacar é a diversidade de categorias de profissionais do sexo que hoje se dedicam à prostituição em Goiânia, como mulheres, homens e travestis, categorias essas bem demarcadas por suas singularidades e particularidades.

CAPÍTULO II

A PROSTITUIÇÃO FEMININA

Assim que me propus a compreender a prostituição na cidade de Goiânia, minhas maiores preocupações foram com o trabalho de campo e a metodologia a ser empregada para a obtenção dos dados e o bom desenvolvimento da pesquisa. Isso porque há, entre os pesquisadores, o consenso de que o trabalho com grupos estigmatizados ou segregados apresenta dificuldades adicionais que precisam ser pensadas cuidadosamente. Desse modo, antes de ir a campo, foi necessário que eu avaliasse estratégias e procedimentos a serem aplicados para que pudesse, a partir daí, sistematizar quais seriam utilizados nas observações e abordagens do grupo.

Estereótipos atribuídos aos indivíduos pertencentes às chamadas categorias “marginalizadas”, como os profissionais do sexo, podem representar um entrave ao trabalho de campo, pois existe a idéia de que o acesso a tais indivíduos é mais difícil por estes serem mais fechados e pouco receptivos. Entretanto, na minha pesquisa de campo, procurei demonstrar que as dificuldades podem e devem ser superadas e, para isso, parti da perspectiva segundo a qual somente na interação face-a-face com os sujeitos do grupo pesquisado é possível ao etnógrafo realizar negociações e construir estratégias para a obtenção dos dados e melhor desenvolvimento da pesquisa.

O trabalho de campo com as profissionais do sexo do Dergo foi realizado entre setembro e dezembro de 2003. Durante esses meses, realizei observações, conversas

informais, entrevistas gravadas e também manteve um diário de campo com o registro minucioso de minhas impressões sobre o grupo, suas normas de convivência, modos, atos, enfim, tudo aquilo que está presente no cotidiano dessas mulheres. Esses dados foram fundamentais para o entendimento da dinâmica da prostituição feminina, bem como dos aspectos subjetivos deste ofício e de outras instâncias da vida dessas mulheres, como a relação com a família, os amigos, os valores morais e os projetos pessoais.

Logo no início da pesquisa, alguns possíveis problemas foram identificados: a modalidade de prostituição tratada nesse trabalho, o *trottoir*, traz alguns aspectos peculiares, pois apresenta formas de organização, normas e condutas que, de um modo geral, podem dificultar a coleta de dados; nos espaços destinados à prática do *trottoir*, como ruas e avenidas, a violência e o tráfico de drogas estão sempre presentes, o que os transforma em territórios segregados cujo domínio está baseado em relações de poder que, na maioria das vezes, dão-se pela coerção física; como se trata de territórios segregados, o acesso aos mesmos torna-se mais complicado, devendo o pesquisador estar muito atento às normas de conduta estabelecidas entre os indivíduos que se apropriam desses espaços.

Um dos pontos fundamentais para o bom desenvolvimento do trabalho de campo é, sem dúvida, o que Berreman (1975) chama de controle de impressões. Para o autor, o primeiro passo do pesquisador consiste na sua apresentação junto ao grupo a ser pesquisado. Ao chegar a campo, todo etnógrafo se vê imediatamente confrontado com sua própria apresentação diante do grupo que pretende conhecer e, só depois de tê-lo feito, poderá passar à sua confessada tarefa de procurar compreender e interpretar o modo de vida dessas pessoas.

De um modo geral, os membros de qualquer grupo criam formas de identificação para os sujeitos, associadas aos papéis sociais que cada um representa dentro daquele universo. No Dergo, pude constatar que há identidades claramente atribuídas a cada sujeito, e um estranho que não seja classificado pelo grupo levanta de imediato suspeitas. Por

isso, no início do trabalho de campo, deixei claro para as entrevistadas quais eram minhas verdadeiras intenções em relação à pesquisa. Nos primeiros contatos com as profissionais do sexo dessa região, apresentei-me como pesquisador e lhes disse que o meu objetivo era realizar um estudo sobre o cotidiano das mulheres que se prostituem no local. É claro que, como coloca Berreman (1975), mesmo que sejam expostas as verdadeiras intenções e a identidade do pesquisador, os indivíduos irão lhe atribuir uma identidade particular, uma forma de identificação, pois a reação inicial dos sujeitos ao pesquisador que os estuda será sempre uma tentativa de identificá-lo em termos familiares, de identificá-lo como ator de um papel familiar.

Na Dergo, assim como em outras áreas de prostituição, os sujeitos têm papéis claramente definidos: primeiro, a própria profissional do sexo; segundo, o cliente; terceiro, os indivíduos envolvidos com o tráfico; quarto, os policiais; e, por último, os donos de comércio que também dividem o mesmo espaço (não há, como em outros locais pesquisados, a figura clássica de um cafetão ou cafetina)¹⁹. Qualquer pessoa que não seja automaticamente associada a alguns desses papéis usuais causará estranheza no grupo.

O primeiro contato que tive com as mulheres profissionais do sexo do Dergo se deu por meio do projeto Flor de Pequi, cuja sede se encontra no local. Procurei conhecer inicialmente os objetivos do projeto e de que forma o trabalho é desenvolvido junto às profissionais. Como mencionei anteriormente, o Flor de Pequi desenvolve um programa que visa à prevenção às DST/Aids junto a essas profissionais, sendo uma referência para as mulheres que se prostituem na região, pois, ao contrário dos demais projetos que atuam junto aos profissionais do sexo da cidade de Goiânia, nos quais as atividades de prevenção às DST/Aids se dão semanalmente por meio das chamadas rotas de intervenção, o trabalho desenvolvido pelo Flor de Pequi no Dergo é diário, o que proporciona uma maior proximidade entre essas mulheres e as agentes do projeto. A receptividade em relação à minha

¹⁹ Como exemplo ver os trabalhos de Espinheira (1984) e Leite (1992).

presença, tanto por parte da coordenadora do projeto como das agentes de saúde foi satisfatória desde o início, o que tornou possível, entre nós, a criação de um vínculo de proximidade e confiança.

Meus primeiros contatos com as profissionais do sexo foram intermediados pelas agentes desse projeto ou pela própria coordenadora. Foi preciso que ficasse claro para as mulheres minha identidade de pesquisador, o que me garantiu uma certa segurança e legitimou, de certa forma, minha presença no local. Como já mencionei, entre os grupos segregados, a identidade e os papéis sociais devem ser claros para que mal entendidos sejam evitados. No decorrer da pesquisa, eu poderia ser confundido com um jornalista ou até mesmo com um policial, o que geraria transtornos ou, até mesmo, inviabilizaria a pesquisa.

Desse modo, respaldado pelos integrantes do projeto, considero que a receptividade por parte das profissionais do sexo em relação à minha presença foi boa desde o início. Logo nos primeiros contatos, eu disse a elas que era pesquisador da Universidade Federal de Goiás, que estava ali para fazer uma pesquisa sobre a prostituição e que, durante alguns meses estaria freqüentando a sede do projeto para poder conversar com as mulheres da região, no intuito de entender um pouco do seu cotidiano. Curiosamente, no entanto, a maioria das profissionais do sexo não se reportava a mim como um pesquisador. Em virtude, certamente, da minha presença assídua na sede do projeto, elas começaram a me associar com um agente de saúde, papel que para elas é mais familiar e o que interpreto como um sinal de que a equipe desse projeto conseguiu respeito e confiança das mulheres.

Uma das primeiras constatações que fiz no início do trabalho de campo foi a de que o pesquisador deve estar atento às normas de comportamento e à linguagem do grupo que pretende pesquisar, para que, no decorrer do trabalho de campo, não venha a passar por situações constrangedoras. Desse modo, algumas expressões comuns do vocabulário do etnógrafo como *observação e informante*, nessa pesquisa em particular, não puderam ser

utilizadas. Logo no início, fui advertido pela coordenadora do projeto de que eu jamais deveria dizer que estava “observando” ou que estava à procura de “informantes”, pois, segundo ela, esses termos designam os chamados “olheiros” da polícia que delatam os traficantes. Por isso, no meu texto, não me refiro aos sujeitos pesquisados no Dergo como informantes. Para referir-me aos mesmos, utilizo termos mais genéricos como mulheres ou profissionais do sexo.²⁰

No início da pesquisa de campo, mantive uma conduta apenas de observador e ouvinte do grupo, na perspectiva de Cardoso de Oliveira (1996), para quem o trabalho antropológico compreende três momentos – o olhar, o ouvir e o escrever – definidos por ele como atos cognitivos. O olhar e o ouvir cumprem a função empírica do trabalho, a coleta de dados e o escrever fazem parte do momento de análise e interpretação dos dados. Desse modo, logo nos primeiros contatos com as profissionais do sexo, mantive uma postura apenas de observador e ouvinte. Meu objetivo era captar nas conversas informais que se estabeleciam entre elas quais os temas mais recorrentes, para que, a partir daí, me fosse possível estruturar uma entrevista.

Uma das técnicas que utilizei para a obtenção de dados foi a realização de entrevistas gravadas. O uso desse instrumento de coleta de dados é bastante rico, visto que, por meio dele, é possível obter, na íntegra, o discurso dos sujeitos pesquisados. Porém, ao se optar por essa técnica, algumas dificuldades podem surgir. A primeira refere-se à reação dos entrevistados que, ao se verem diante de um gravador, podem ficar inibidos e deixar de dizer algo que diriam espontaneamente numa conversa informal. No momento das entrevistas, a maior preocupação das mulheres era com o sigilo das informações, havendo, por parte delas, a preocupação em saber se aquilo que seria gravado seria ouvido por mais alguém além de mim e qual a finalidade das entrevistas. Diante disso, ao entrevistar alguma profissional do sexo, eu precisava deixar claro que todas as informações obtidas ficariam em sigilo. Outro

²⁰ O termo informante só será usado nos comentários e citações de outros autores que usam este termo.

compromisso exigido foi a garantia do anonimato: era necessário esclarecer às entrevistadas que, em nenhum momento, seu nome seria utilizado ou anotado no roteiro estruturado para a entrevista. Essa informação era obtida em conversas informais realizadas anteriormente, e usada apenas durante a entrevista.

Quanto ao trabalho com a coleta de dados por meio de entrevistas gravadas, existem alguns aspectos que estão relacionados ao que se deseja obter em termos de informações. Para Queiroz (1983), existem alguns procedimentos a serem seguidos quando se escolhe trabalhar com entrevistas e essa opção dependerá dos objetivos que cada pesquisador possui ao formular um projeto de pesquisa. Para a autora, existem três formas distintas de entrevista:

1. a primeira é a entrevista rigorosamente orientada por perguntas do pesquisador, numa utilização do diálogo em que falam alternadamente o pesquisador e o informante, ao qual não é dada liberdade de conduzir a conversa, nem a iniciativa de fala. Neste caso, o diálogo entre pesquisador e informante tem por objetivo a coleta de informações precisas por meio de perguntas e respostas efetuadas de maneira direta como, por exemplo, no questionário.
2. a segunda é a entrevista com roteiro ou semi-orientada, em que o pesquisador, em espaços de tempo determinados, efetua uma intervenção para trazer o informante aos assuntos que pretende investigar. Nesse tipo de entrevista, o informante fala mais do que o pesquisador e dispõe de certa dose de iniciativa, mas, na verdade, quem orienta todo o diálogo é o pesquisador que segue um caminho pré-estabelecido e faz intervenções no sentido de impor este caminho ao informante.
3. na terceira entrevista, a livre, o pesquisador, depois de um breve diálogo inicial, limita ao máximo suas intervenções, de tal modo que a fita registre um

verdadeiro monólogo do informante. Esta modalidade tem sido considerada a mais apropriada para a coleta tanto de histórias de vida, quanto de depoimentos pessoais. Nesse tipo de entrevista, o sujeito pesquisado pode expressar-se mais livremente e apontar assuntos de seu próprio interesse.

Em minha pesquisa, optei pela combinação de dois tipos de entrevista, a livre e a com roteiro. Num primeiro momento, apliquei a entrevista aberta com o objetivo de obter um breve histórico de vida dessas mulheres, no intuito de saber de onde vieram, o que fizeram e como começaram a se prostituir. Posteriormente, observei se suas trajetórias de vida coincidiam em alguns pontos. Na avaliação de Queiroz (1983), a pretensão desse tipo de entrevista é que o entrevistado narre livremente, pois tanto é importante o que relata, quanto é importante também o ritmo de seus pensamentos e de suas recordações, nas quais se nota um encadeamento de ações, de acontecimentos e de circunstâncias no tempo.

Para enriquecer minha etnografia, tive como objetivo, desde o início da pesquisa, criar possibilidades que permitissem uma maior expressão da subjetividade dos sujeitos pesquisados. Desse modo, para obter subsídios para a estrutura do questionário, inicialmente, eu apenas ouvia as profissionais do sexo em conversas informais realizadas na sede do projeto, durante as quais as mulheres falavam de forma livre sobre assuntos de seu interesse. A partir daí, me foi possível obter, nas falas dessas mulheres, uma seqüência dos temas mais recorrentes, os quais foram integrados à estrutura do roteiro de entrevista. Meu objetivo era compreender alguns aspectos presentes na prostituição, como os conflitos, as rivalidades e as cumplicidades que se estabelecem nas relações entre elas, com os clientes e policiais, bem como temas como violência, uso de drogas e práticas sexuais, além da interpretação que elas fazem do corpo e do ofício da prostituição. Outro assunto abordado no decorrer dessas conversas era a vida delas fora do local de trabalho, no que se refere a formas de lazer e relações com familiares e amigos.

As entrevistas foram realizadas na sede do projeto sempre no período da tarde, horário de seu funcionamento, sem agendamento prévio. Como houve uma certa resistência por parte de algumas mulheres a serem entrevistadas, principalmente quando tomavam conhecimento de que seriam gravadas, tive a preocupação de selecionar um grupo de colaboradoras com as quais pudesse manter conversas mais assíduas. Outro fator que contribuiu com a coleta de dados foi minha permanência na sede do projeto, que é, de certo modo, um centro de convivência para as mulheres que se prostituem na região do Dergo. Na rua, dificilmente poderiam ocorrer conversas mais longas e sem interrupções.

No decorrer do trabalho de campo, um momento extremamente rico para observações, foi minha participação nas oficinas realizadas pelo projeto Flor de Pequi, direcionadas para as mulheres que se prostituem no Dergo. Ali, semanalmente, são discutidos temas como prevenção às DST/Aids, saúde da mulher, beleza, noções de cidadania etc. Essas oficinas contam com a participação de umas trinta mulheres em média, o que configura uma situação ímpar que me permitiu observá-las e ouvi-las em um contexto de sociabilidade.

2.1 A trajetória das profissionais do sexo

Ao tomar-se a prostituição como objeto de investigação, é natural indagar quais motivos levam um indivíduo a se prostituir ou, em um âmbito mais geral, quais fatores contribuem para que essa atividade continue existindo. Em princípio, deve-se ter em mente que a prostituição é um fenômeno social complexo e multifacetado, muito distante da homogeneidade que por vezes lhe é atribuída. Deve-se considerar que a existência e a permanência da prostituição requer a conjunção de fatores sociais, econômicos, culturais e biográficos, diferentemente combinados, o que inviabiliza a construção de um modelo explicativo monocausal, rígido e estático para seu entendimento. Entretanto muitos são os trabalhos que entendem a prostituição a partir da perspectiva do desvio. Espinheira (1984),

assim define a prostituição feminina:

A prostituição é concebida como uma derivação (deturpação do sentido) do ato sexual legitimado pelos costumes ou pelo casamento, transformando-o em fonte de renda. Para que haja prostituição há a necessidade de participação da mulher – a que vende a sua força de trabalho, no caso, a capacidade sexual – e do homem, que compra o direito de usá-la por determinado momento. Dessa associação resulta a compra e a venda do desempenho sexual da mulher. (p.40)

Para o autor, a prostituição decorre de fatores de ordem social e econômica que compelem as mulheres à prostituição como atividade profissional. Para ele, a prostituição, entendida como uma atividade principalmente econômica, é sustentada pela tolerância social, já que os sujeitos são impelidos na prática desse ofício. Além disso, ao ser identificada como econômica a causa da prostituição, torna-se possível apostar em uma possível redenção da profissional do sexo, quando suas condições de vida melhorarem. Ao apontar os motivos que levam uma mulher a se prostituir, a maioria dos trabalhos trazem o discurso das próprias profissionais do sexo, geralmente ancorado na justificativa da necessidade financeira e de sobrevivência. Justificativa também presente nos discursos das mulheres que se prostituem no Dergo, o que confirma essa representação da prostituição como uma forma de sobrevivência de um grupo de pessoas que se encontra expropriado de outras opções de trabalho, sendo a expropriação identificada como a causa do problema. Contudo, na tentativa de entender a prostituição apenas do ponto de vista econômico, deixa-se de compreender outras facetas que ela apresenta, ainda que se saiba que a apreensão total de qualquer fenômeno social seja impossível.

A tentativa de compreender a função social da prostituição é um aspecto recorrente nas pesquisas sobre este tema. Concebida geralmente como um “mal necessário”, essa atividade contribuiria para a manutenção da família e do casamento. Para Espinheira (1984) o ideal do casamento monogâmico instituído culturalmente, impõe aos indivíduos uma conduta sexual dentro de padrões definidos de comportamento. Para ele, a interdependência entre casamento monogâmico e conduta sexual livre leva à permissão para o funcionamento,

dentro de padrões institucionalizados, da prostituição em seus diversos graus e formas de organização. Ressalta também que no sistema de casamento monogâmico, a virgindade da mulher antes do casamento e as limitações relativas à conduta sexual são idealizadas, o que torna a prostituição funcional, na medida em que ajuda a preservar determinadas normas e valores, e disfuncional por ser uma expressão de comportamentos divergentes. A prostituição é colocada num plano inferior da gradação valorativa da sociedade e a prostituta, num papel social destituído de direitos sociais, o que torna essa atividade paradoxal por existir em função do seu oposto, que é a conduta sexual legitimada, representada pelo casamento e organização da família.

Na avaliação de Espinheira (1984), a prostituição entendida como um mal necessário, constitui um incômodo tolerado, pois funcionaria como uma espécie de válvula de escape para o incontrolável desejo sexual do macho que realiza suas mais recônditas fantasias e necessidades fora do casamento. Dessa maneira, tem-se preservada a figura sacralizada da esposa como mulher imaculada, com a qual o sexo vincula-se à reprodução, e à pureza virginal da “moça de família”. Culturalmente, tanto no campo simbólico quanto no imaginário social, a prostituta desempenha papéis que seriam inconcebíveis para a “mulher de família”. Vista como sexualmente livre, despudorada, sem dono, sedutora e ativa na arte da conquista, a mulher profissional do sexo possui na imaginação social, atributos que atizam o desejo dos homens e atemorizam as esposas. E independente das profundas transformações sociais que fizeram com que as mulheres conquistassem direitos civis e sexuais equivalentes aos homens, essa representação da prostituição e da prostituta mantém-se, curiosamente, atualizada.

Logo no início da pesquisa, tive como objetivo entender em que circunstâncias as mulheres chegaram ao Dergo para se prostituírem, para que, a partir daí, me fosse possível traçar um perfil em termos de justificativas presentes em cada narrativa. Nas entrevistas, a primeira questão colocada foi: Como você veio parar aqui? A maioria das mulheres

entrevistadas relatou que iniciou-se na prostituição por motivos financeiros e que foi para o Dergo por indicação de uma amiga que já se prostituía no local. Em termos de trajetória de vida, grande parte das mulheres diz que já foi casada e que após a separação do marido - que na maioria dos casos não paga pensão alimentícia – viu na prostituição uma forma de prover o sustento dos filhos. Essa justificativa, associada ao sustento da família, aparece nas seguintes falas:

É até engraçado como eu vim parar aqui. É por causa de uma mochila pra minha filha levar pra escola. Eu vim pra cá na intenção de ganhar dez reais. Esse dia foi o dia que eu ganhei mais dinheiro. Eu saí do meu serviço, e falei assim - eu vou lá no Dergo pra ganhar dez reais pra mochila da minha filha - aí vim na intenção de ganhar só dez reais e ir embora. Eu ganhei duzentos ou foi trezentos. E nunca mais saí daqui.

Eu comecei a fazer programa há quase onze anos atrás. Foi através de umas colegas minhas. Eu tinha separado do marido, tava com filho pequeno, aluguel pra pagar, água, energia. Aí uma colega minha me convidou pra eu vir pra cá.

Nas narrativas das mulheres entrevistadas, esses dois aspectos aparecem quase sempre: a necessidade financeira, geralmente relacionada ao sustento dos filhos, e a indicação de uma amiga ou familiar que já se prostituía. Em relação às trajetórias de vida, pude verificar na pesquisa que, na maioria dos casos, trata-se de mulheres que já foram casadas e que se iniciaram na prostituição já na idade adulta. Sobre suas origens e outras ocupações, as mulheres, em grande parte, diz ter vindo de cidades do interior de Goiás ou até mesmo de outros estados como Bahia ou Maranhão para trabalharem como empregadas domésticas em Goiana, tendo chegado, em alguns dos casos, a exercer a profissão de costureiras. Algumas, no início, conseguiam conciliar a função de empregada doméstica ou costureira com a prostituição, mas logo optaram pela segunda atividade, por ser mais rentável. O tempo de exercício na prostituição entre as mulheres pesquisadas vai de quatro a vinte anos, sendo que algumas tiveram como primeiro local para se prostituir o próprio Dergo. Já outras, antes de virem para este local, exerceram outras modalidades de prostituição, como o trabalho em casas de shows de *strip-tease* ou em casas fechadas de cidades do interior do estado de Goiás. Por seus relatos de vida, foi possível descobrir que a maioria, antes de entrar na prostituição,

foi casada e constituiu família ou tornou-se mãe solteira. Outro dado está relacionado ao número de filhos: grande parte das mulheres que se prostituem na região do Dergo tem de dois a cinco filhos. Ao serem indagadas se esses filhos foram concebidos em relacionamentos diferentes, a maioria diz que são filhos de um mesmo parceiro. Nos discursos dessas mulheres, fica evidente que ter filhos de um mesmo parceiro é moralmente positivo, pois atesta um comportamento respeitável antes da inserção na prostituição. Para elas, há uma divisão em suas vidas, que se traduz na distinção que fazem entre a vida que levavam antes da prostituição e a vida que levam hoje.

No ano de 2003, foi realizada uma pesquisa pelo Projeto Flor de Pequi com cerca de cem mulheres, com o objetivo de traçar um perfil das profissionais que se prostituem na região do Dergo e que traz algumas variáveis como média de idade, escolaridade e renda mensal.

Perfil das profissionais do sexo da região do Dergo

Idade
Menor de 18 anos 0%
De 20 a 30 anos 36%
De 31 a 40 anos 44%
De 41 a 50 anos 14%
Acima de 50 anos 6%
Total 100%
Grau de escolaridade
Analfabeta 16%
1º grau incompleto 4%
1º grau completo 16%
2º grau incompleto 38%
2º grau completo 24%
3º grau incompleto 2%
3º grau completo 0%
Total 100%
Renda mensal
1 salário mínimo 13%
2 salários mínimos 28%
3 salários mínimos 25%
4 salários mínimos 18%
Mais de 5 salários mínimos 16%
Total 100%

Fonte – Projeto Flor de Pequi – Ipê Rosa

O que se pode observar a partir dos dados apresentados é que cerca de 44% das mulheres que se prostituem no Dergo possuem entre 31 e 40 anos de idade; 36% têm entre 20

e 30 anos, o que indica que 80% dessas mulheres encontram-se na faixa etária entre 20 e 40 anos de idade. Outro dado interessante é que a proporção de mulheres com mais de 50 anos de idade é de 6%, percentual bastante apreciável, levando-se em consideração de que há uma idéia de que, na prostituição, encontram-se apenas mulheres jovens. Na pesquisa de campo, encontrei uma mulher com a idade de 63 anos que ainda se prostitui. Desse modo, ao tomar-se o Dergo como exemplo, mesmo considerando o tipo de modalidade de prostituição que se desenvolve nesse espaço, o *trottoir*, verifica-se que as mulheres que se prostituem no local são, em maior proporção, mais velhas. Em relação à prostituição de crianças e adolescentes, não foi percebida a presença de garotas menores de idade se prostituindo no local. Segundo informações, as adolescentes que se prostituem estão nas chamadas casas fechadas.

Em relação ao nível de escolaridade, o percentual de mulheres analfabetas é de 16%, número bastante elevado. Já o número de mulheres com o 1º grau completo ou incompleto é de 20% e o de mulheres com o 2º grau completo ou incompleto é de 62%, o que demonstra que a maior proporção de mulheres que se prostituem no Dergo possuem um nível de escolaridade relativamente elevado. Outro dado refere-se à renda mensal dessas profissionais. A partir dos dados apresentados, verifica-se que a menor proporção de mulheres, cerca de 13%, têm uma renda de até 1 salário mínimo. Já as que possuem renda de dois salários mínimos correspondem a 28%, sendo esta a maior proporção. Verifica-se também que o percentual de mulheres com renda de 3 salários mínimos é de 25%, o que demonstra que a maior parte delas, cerca de 53% possui uma renda mensal que vai de 2 a 3 salários mínimos. Já a proporção de profissionais com renda de 4 a 5 salários mínimos ou mais, corresponde a 34% do percentual, número elevado, considerando-se a média de salários dos trabalhadores de baixa renda no Brasil. Uma das justificativas dessas mulheres para permanecerem na prostituição está, sobretudo, na possibilidade de um rendimento maior, comparando-se às atividades que muitas exerceram antes de se prostituírem, como a de

empregada doméstica ou costureira.

2.2 O cotidiano

Ao longo da pesquisa, notei que era importante entender de que forma os moradores de Goiânia classificam e dividem a cidade. Para isso, no trabalho de campo, algumas pessoas foram questionadas sobre seu conhecimento das áreas destinadas à prostituição. Em suas falas, quase sempre, os moradores de Goiânia se reportam à região de Campinas e, em particular, à Praça A e à região do Dergo como áreas destinadas à prostituição. Importante também saber qual a referência que os moradores de Goiânia têm particularmente dos bairros Aeroviário e Rodoviário, pertencentes à chamada região do Dergo.

Na pesquisa, pude verificar por meio de conversas, que os moradores de Goiânia, no que se refere à região do Dergo, fazem algumas associações: primeiro, com o local onde se encontra o terminal de transporte coletivo do Dergo; segundo, com a prostituição; terceiro, com o local onde fica o terminal rodoviário; quarto, com o local onde fica o Trovão Azul, bar que durante muitos anos esteve nessa região, mas que há cerca de cinco anos foi fechado. Esse bar, quando em funcionamento, era freqüentado pelas profissionais do sexo do Dergo e sua clientela, o que gerava várias reclamações por parte da vizinhança, que sempre reclamava do barulho e das brigas constantes no recinto. Uma denúncia bastante veiculada pelos jornais locais era de que esse estabelecimento servia como local para tráfico de drogas e prostituição infanto-juvenil, o que gerou fiscalizações por parte do Ministério Público e do Juizado da Infância e Juventude e, conseqüentemente, o fechamento do lugar. É interessante notar que, apesar de não mais existir, o bar continua a ser uma referência simbólica da região, sendo comum encontrarem-se homens que se referem às profissionais do sexo que se prostituem no Dergo como “as mulheres do Trovão Azul”. Atualmente, um estabelecimento bastante freqüentado pelas profissionais do sexo e sua clientela é um bar chamado Chispita,

localizado em frente à rodoviária e que, tanto no período do dia quanto da noite, permanece bastante movimentado, o que o tornou também um ponto de referência da região. Como se pode observar, os moradores de Goiânia, assim como os de qualquer cidade, criam referências para classificar a cidade em regiões que, muitas vezes, são total ou parcialmente, morais. Sobre isso, Parck (1984) elabora o conceito de região moral, entendendo que a população citadina tende a segregar as pessoas de acordo com seus comportamentos e temperamentos em áreas que não são necessariamente um lugar de domicílio, mas apenas um ponto de encontro, um local de reunião. De fato, a região do Dergo pode ser entendida como uma região moral, pois trata-se de um local onde prevalece um código específico que separa e marca comportamentos definidos como desviantes: prostituição, uso e tráfico de drogas e constantes furtos.

Antes de descrever e interpretar o cotidiano das profissionais do sexo que se prostituem no Dergo, considero relevante abordar alguns aspectos relacionados à compreensão de uma zona de prostituição, como as noções de espaço e território. Segundo Ribeiro (2002), o conceito de território foi resgatado pela Geografia nos anos oitenta em diferentes escalas, mas principalmente para o entendimento das cidades e da ocupação de áreas por minorias étnicas, religiosas e sexuais, conformando novos arranjos espaciais e tendo como matriz as diferenças culturais. Nesse sentido, a região do Dergo exemplifica o modo como a prostituição se distribui espacialmente pela cidade, resultando nos chamados “territórios de prostituição”.

Um território pode ser identificado a partir da apropriação simbólica, identitária e afetiva do espaço. Nesse sentido, segundo Silva (2002), de um modo geral, pode-se dizer que a territorialidade e o território são identificados através de duas dimensões: a de domínio ou controle e a simbólica ou afetiva. O território, diferentemente do espaço, é um instrumento de exercício do poder, visto que o poder só se materializa no espaço através do território. Na visão do autor, o território possui três facetas distintas: a física, ou seja, o espaço

territorial, entendido como área; a organizacional, definida como as regras e o controle (poder) atuantes dentro do espaço territorial; a existencial, que pode ser entendida como a identidade do território e que vai subentender limites, mesmo que não sejam físicos, entendidos como fronteira. Nessa perspectiva, os territórios urbanos podem ser demarcados por limites precisos, como o limite de atuação de uma delegacia de polícia ou uma escola. Já outros territórios urbanos são demarcados por limites simbólicos, como posturas, formas de conduta, vestimenta e até mesmo formas de comunicação oral entre seus ocupantes.

Creio que pode-se entender a região do Dergo como um território, localizado em uma área específica da cidade, sendo permeado por um sistema organizacional, no qual as relações de poder se manifestam através de regras e controles atuantes dentro desse espaço. Além disso, há também uma faceta existencial, pois o terminal do Dergo é tomado como um limite físico preciso para a demarcação desse território. Já os limites simbólicos podem ser demarcados por posturas, formas de conduta e de comunicação das profissionais do sexo que ali se encontram.

Ainda de acordo com Silva (2002), quando se trata de entender os territórios de prostituição, há quase sempre o questionamento: por que o chamado meretrício se localiza em um lugar e não em outro com as mesmas características? Na opinião do autor, para responder a esta pergunta, deve-se atentar para três pontos iniciais: 1) a localização da prostituição no interior da cidade obedece, de forma geral, aos processos de segregação espacial (áreas residenciais e comerciais); 2) a localização da prostituição é influenciada por fatores legais, como a criação de normas e regulamentos para o meretrício, além do controle policial sobre a prostituição e suas áreas; 3) fatores internos da prostituição também vão influir na localização do meretrício dentro da cidade, existindo de certa maneira, uma segregação espacial interna na prostituição.

Sobre sua localização, como pôde ser verificado no capítulo anterior, a zona de

prostituição do Dergo está situada em uma área basicamente comercial, o que confirma que as áreas destinadas à prostituição obedecem às normas de segregação espacial. Assim, a prostituição é obrigada a circunscrever-se a determinadas áreas de menor valor econômico e de *status*, geralmente bairros pobres ou mediações de zonas comerciais populares. Em relação ao controle legal dessas áreas, pude verificar que, no Dergo, o controle policial se dá por meio das frequentes batidas policiais realizadas nos bares, carteados e nos chamados dormitórios. Já a segregação espacial interna na prostituição pode ser observada na cidade de Goiânia, assim como em outras cidades do Brasil, pela estratificação existente entre as modalidades de prostituição. As chamadas casas fechadas localizam-se em espaços diferentes: nas regiões mais nobres da cidade estão as casas de luxo e nas regiões mais periféricas, as casas mais simples. Em relação à modalidade de prostituição do tipo *trottoir*, observa-se uma divisão espacial muito clara entre as categorias de profissionais do sexo (mulheres, michês e travestis) no que se refere à ocupação das ruas e avenidas, sendo os territórios ocupados, delimitados e defendidos por cada um desses grupos específicos.

Nesse sentido, o entendimento do processo de segregação nos espaços urbanos pode ser visualizado pela formação dos chamados guetos. Para Silva (2002), a formação de guetos pode ser considerada como a imposição de uma territorialidade de exclusão, pois os indivíduos não controlam o território ao qual pertencem, nem sentem orgulho de tal pertencimento. O que ocorre é a tentativa de grupos dentro do gueto de tomarem a posse do território, que deixa de ser um gueto para se transformar propriedade de determinado grupo. E completa, ainda, que as diversas territorialidades urbanas são, de certa forma, uma maneira dos diferentes grupos urbanos se imporem como grupo no contexto de fragmentação da cidade moderna. O território, ao mesmo tempo em que dá identidade ao grupo, é a base para a afirmação de poder, sendo seu controle fonte desse poder.

Na minha pesquisa, pude constatar que, entre as travestis, o controle sobre o

território se dá de forma ostensiva sobre um conjunto de ruas ou uma determinada área. Tanto na região Central, como nas regiões de Campinas e do Dergo, há uma demarcação de fronteiras entre as ruas e avenidas que se estabelece através da reivindicação de posse sobre estes espaços.

Já entre as mulheres profissionais do sexo do Dergo, ao invés de uma relação de posse sobre o território, existe uma noção de pertencimento. Nas falas são sempre recorrentes expressões como: “nós aqui do Dergo” ou “as mulheres aqui do Dergo”, que demarcam a fronteira do grupo em relação aos de fora. Quando perguntadas sobre a existência de “pontos”, ou seja, ruas ou avenidas que são apropriadas por um indivíduo ou por um grupo, a informação que obtive é a de que não há essa preocupação ou mesmo uma demarcação de pontos entre as mulheres. A relação que elas possuem com o território manifesta-se na idéia de uma apropriação simbólica e afetiva do espaço que ocupam. Segundo Ribeiro (2002) esse elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico é denominado “topofilia”. Na visão dessas mulheres, ao mesmo tempo em que o Dergo representa um local de segregação e de estigmatização, ele é vivido também, como um ambiente onde se estabelecem relações de convívio, pois é aí que as mulheres trabalham, fazem amizades e, de certo modo, constroem suas vidas.

Entretanto, mesmo que não exista entre as mulheres profissionais do sexo do Dergo uma demarcação de pontos, ao se tomar a região como um todo,²¹ pode-se verificar de forma clara que há uma delimitação espacial entre as mulheres e as travestis, pois, nas ruas ocupadas pelas mulheres, não há a presença de travestis e vice-versa.

Como se pode observar, existe uma base física para o estabelecimento e o desenvolvimento de um território de prostituição, entretanto este deve ser entendido também como um espaço cujos ocupantes constroem relações de convívio que se manifestam em um

²¹ Ver mapa 4

plano simbólico. Na concepção de Leite (1992, p.70)

A zona é um mundo como outro qualquer, às vezes tenho a imagem romântica de uma cidade dentro da cidade. Tem gente que acorda cedo, tem gente que acorda tarde, gente com ressaca, gente alegre, gente triste. Igual ao mundo de fora, só que é o mundo de dentro. Há cordialidade de cidade pequena, mas há também a possibilidade de explosão de uma violência típica de cidade grande”.

Desse modo, a região do Dergo pode ser entendida como uma cidade à parte, pois nela existe um cotidiano particular. Entre os pesquisadores, é comum o uso da expressão “mundo da prostituição” para se referir à prostituta e ao meio em que ela exerce o seu ofício. Haveria, assim, dois mundos que, aparentemente, não se dizem respeito mutuamente. De um lado, o “normal”, que supostamente comportaria o maior continente de habitantes, e de outro, o “desviante”, que transgride os códigos consagrados da normalidade. Creio que essa divisão moral mais dificulta do que facilita uma interpretação mais realística da prostituição. Mais importante que essa oposição, contudo, é entender como funciona esse mundo a partir de dentro.

No que se refere ao fluxo de mulheres, a região do Dergo apresenta algumas características bastante interessantes. A presença de mulheres é visível nos períodos da manhã, tarde e noite, os quais funcionam como turnos de trabalho. Nas entrevistas foi possível constatar que cada mulher profissional do sexo possui horário fixo para estar no Dergo. Algumas chegam por volta das oito da manhã e vão embora às quatorze horas, outras chegam às quatorze e saem às dezoito e algumas chegam por volta das dezenove horas e ficam a noite toda. Desse modo, em qualquer horário é possível encontrarem-se mulheres espalhadas pelas ruas da região.

A rotina do trabalho foi observada por mim ao entrar em um dos estabelecimentos utilizados para a realização dos programas, os chamados dormitórios. Numa tarde, pedi à coordenadora do projeto Flor de Pequi que fôssemos a um desses dormitórios para que eu pudesse conhecer a estrutura interna do local e sua dinâmica. Ao entrar no recinto, pude observar que havia um grande pátio que dava para vários quartos, utilizados

para a realização dos programas. Em um canto do pátio, havia uma área coberta, onde estavam sentadas várias mulheres assistindo à Televisão. A coordenadora do projeto e eu nos sentamos junto a elas e começamos a conversar. O bate-papo ocorreu sobre questões de seu cotidiano: os programas, o movimento dos clientes e outras questões como filhos, família e religião. O interessante foi que, nesse momento, pude observá-las e ouvi-las em seu ambiente de trabalho, visto que a maioria das conversas havia sido efetuada na sede do projeto. Observei que, em um dos quartos, havia vários armários que, segundo informações, são usados para guardar os pertences das mulheres que utilizam o local. Durante o período em que lá estive, pude notar que toda mulher que chegava, guardava sua bolsa em um dos armários e, sempre que ia embora, a pegava. Pude constatar, então, que além de um horário fixo, as mulheres que se prostituem no Dergo encaram esses locais como ambientes comuns de trabalho.

Nessa perspectiva, se esses ambientes forem normalizados como um outro local de trabalho qualquer, as relações que aí ocorrem (intrigas, afinidades e rivalidades) também se parecem com as existentes em outros lugares. Por meio de conversas informais e entrevistas com essas mulheres, obtive a informação de que, de um modo geral, a relação entre elas é amigável. Como pode ser observado na fala de uma entrevistada:

Em relação a brigas não existe da minha parte, porque eu não sou de intrigas, às vezes quando eu sinto assim, que a pessoa quer brigar comigo, eu saio de perto, eu deixo ela falando sozinha, eu não sou mulher de brigar, não sou.

A mesma entrevistada relata ainda que, entre as mulheres no Dergo, não existe uma competição pelo ponto, como ocorre entre as travestis, mas, sim, intrigas entre elas devido ao número de programas que cada mulher consegue fazer por dia:

Muitas das vezes, se você fizer assim...Vamos supor, você faz cinco programas, e a outra não faz nenhum, aí ela já começa - Não! Essa aí hoje! Eu não sei o que é? Ela deve tá com sorte! aí começa a insultar, jogar piadinha, e se você for uma pessoa ignorante, aí você vai partir pra ignorância, sabe? Agora como eu não sou de briga, eu pego a minha bolsa e vou embora, e deixo ela lá, falando sozinha.

No entanto, as brigas e discussões entre as profissionais do sexo estão presentes

no cotidiano do Dergo. Em alguns casos, a briga fica apenas no bate-boca, mas, na maioria das vezes, chega-se à agressão física. Uma entrevistada me relatou que as brigas e agressões entre as mulheres são comuns e que, para permanecer no local, é preciso ter uma boa relação com as outras profissionais, pois, na sua avaliação, o ambiente é muito “pesado”. Pude observar que grande parte das brigas e rivalidades entre elas está relacionada com as chamadas novatas²².

No decorrer da pesquisa, participei de uma conversa entre um grupo de profissionais na sede do projeto, na qual me foi relatado que duas mulheres haviam sido expulsas do Dergo. Quando perguntei-lhes o motivo da expulsão, elas me disseram que essas mulheres, vindas de uma cidade do interior, estavam ali há pouco tempo e já estavam arrumando confusão com as outras do local. De acordo com o relato, “elas já chegaram botando banca”. Segundo as regras, uma profissional novata pode se prostituir no local, contudo, sua postura no início deve ser de humildade em relação às mulheres que estão ali há mais tempo.

O que pude verificar em minhas observações é que uma mulher recém-chegada ao Dergo, geralmente, vem acompanhada de uma amiga que já se prostitui no local, o que evita problemas com outras profissionais, já que essa amiga torna-se uma espécie de mediadora e protetora. Outra fonte de desavenças com as novatas está na concorrência, pois, segundo informações, uma mulher recém-chegada ao Dergo desperta mais o interesse dos clientes, principalmente se for mais jovem.

Desse modo, mesmo que no Dergo não exista explicitamente uma demarcação de ponto ou um esquema de cafetinagem, como observei entre as travestis, as mulheres estabelecem regras internas que devem ser cumpridas. Nesse sentido, podemos constatar que a inclusão de uma novata no local está relacionada a dois fatores: primeiro, à sua forma de

²²A novata na concepção das profissionais do sexo é a mulher que chegou há pouco tempo no local para se prostituir. Ela pode ser uma iniciante na prostituição, tendo o Dergo como primeiro local de prostituição ou pode ser uma mulher que se prostitui já há algum tempo, mas que veio de outra cidade ou local.

inserção, ou seja, por meio de uma amiga que já se prostitui; e segundo, ao seu comportamento, que deve seguir as regras internas de convivência estabelecidas entre as profissionais.

Outra forma de prevenir brigas e discussões entre as profissionais do sexo é a normalização estabelecida pelos donos(as) dos estabelecimentos que alugam os quartos para a realização dos programas. Segundo relatos, para que a mulher utilize o estabelecimento, uma das regras impostas pelo proprietário do local é não permitir o consumo de bebida alcoólica dentro dos quartos. O objetivo dessa medida é evitar que o cliente fique embriagado e comece alguma briga ou confusão. E se porventura, a mulher entrar em uma briga, seja dentro do local ou até mesmo na calçada, fica vetada sua entrada novamente no recinto.

Uma placa que se encontra logo na entrada de um dos estabelecimentos mais freqüentado pelas profissionais me chamou atenção durante a pesquisa. Nela havia o seguinte aviso - “proibido a entrada de mulheres que roubam, drogadas e sapatões”. Segundo informações de algumas mulheres que freqüentam este lugar, essa é uma norma imposta pelo proprietário do local, extremamente rígido, segundo elas, com as profissionais que freqüentam seu estabelecimento. O que se pode verificar é que, ao contrário do que pensa o senso comum, uma zona de prostituição não é um ambiente caótico e de permissividade total. Assim como em outros locais, regras são estabelecidas e sua infração gera sanções. E mesmo que algumas dessas regras sejam impostas para evitar brigas nos locais e, conseqüentemente, problemas com a polícia, como no caso da proibição da entrada de mulheres que roubam ou que utilizam drogas, algumas são expressões de uma moral convencional como, por exemplo, a proibição da entrada das chamadas sapatões.

Observei, também, que nas relações de convivência entre as profissionais do sexo do Dergo, os grupos fechados se formam entre elas. Nas entrevistas, mesmo as que declaram preferir andarem sozinhas, geralmente são encontradas em duplas ou em grupos de

três ou quatro. Já em relação aos vínculos de amizade, elas alegam que não há entre elas intimidade ou relações estreitas de amizade, como na fala seguinte:

Olha! Eu tenho amizade com todo mundo, nunca briguei com nenhuma delas, cumprimento todo mundo, mas não tem aquela amizade de falar assim – colega íntima! Amiga íntima! – é uma amizade do tipo – Oi tudo bem? – Não é uma coisa muito íntima.

Em alguns relatos, foi utilizado por elas o termo *companheiras de trabalho* para se referir a outras mulheres que também se prostituem no local, o que cria a impressão de que há distinção entre as relações estabelecidas no ambiente de trabalho e aquelas estabelecidas em um ambiente mais íntimo ou familiar. A percepção que as mulheres têm da prostituição como uma ocupação fundamentalmente profissional será discutida no próximo capítulo.

Outra questão abordada na pesquisa foi a relação entre as profissionais do sexo e os policiais. Por meio de conversas e entrevistas, obtive a informação de que os problemas com a polícia dependem bastante da conduta da profissional do sexo e das colegas com quem anda:

Olha! Eu nunca tive problema nenhum com policial, toda vida eu respeitei os profissionais. Quer dizer, se ele chegar e pedir pra mim - abre sua bolsa - eu abro minha bolsa, não tenho o que esconder dentro da minha bolsa, nunca aconteceu de eu ser abordada por um policial, nem aqui nem em lugar nenhum! Isso também envolve muito o tipo de pessoa que você tem do seu lado, do tipo de pessoa que você convive do seu lado. Tem pessoas que só do polícia olhar ele já aborda quem tá perto e eu procuro evitar esse tipo de pessoa.

Segundo informações, existem mulheres no Dergo que são vistas como “caçadoras de brigas e de confusões” e cuja conduta está relacionada ao uso de drogas e ao consumo excessivo de álcool. Outro tipo de comportamento que pode acarretar problemas com a polícia é a prática do roubo por parte de algumas mulheres. Uma entrevistada me relatou que, tempos atrás, tinha problemas com a polícia e que isso devia-se à prática de furtos que ela cometia contra os clientes: “Porque antigamente eu levava os homens pro banho, dava banho neles né? Aí a minha parceira vinha e catava o dinheiro deles, você entendeu? Aí ela vinha e catava o dinheiro. Aí, por essas pequenas coisas, já fui parar em distrito, já fui parar no quinto”.

Várias pesquisas constatam que a prática de furtos contra clientes envolvem, às vezes, esquemas elaborados que exigem a participação, inclusive, de grupo de pessoas. Em sua pesquisa com a prostituição no Pelourinho, em Salvador, Espinheira (1984), descreve que a prática do roubo tanto por mulheres quanto por travestis é algo corriqueiro, definindo essa especialidade como *suadouro*, ou seja, “a posse de bens de outra pessoa no momento em que esta se encontra em pleno ato sexual, por um parceiro cúmplice que se aproveita da situação da vítima. Quase sempre o *suadouro* é executado por um grupo composto de travestis e prostitutas, organizados em grupo” (p. 12). No Dergo, os furtos podem também envolver a participação de grupos, como podemos verificar no relato desta entrevistada:

Eu o levava pro banheiro, deixava a porta aberta, aí a parceira já tava lá, porque a gente trabalhava de três, né. Eu levava o homem pro banheiro, tava dando banho nele, deixava a porta aberta, a outra ia e catava o dinheiro, nisso eu ficava envolvendo o homem lá dentro do banheiro. Aí quando a outra pegava o dinheiro falava – coisinha! Telefone! Vem atender. Aí eu falava assim...Pera aí, que eu já volto, vestia a roupa, saía lá fora, o moto-boy já tava esperando, o dinheiro já tava dividido e eu ia embora.

No entanto, segundo informações, a prática do roubo hoje em dia não é mais tão corriqueira no Dergo quanto o foi no passado. A maioria dos locais utilizados para esse fim já não existe mais, alguns foram demolidos e outros fechados. Outra questão que dificulta o roubo são as regras impostas pelos donos dos estabelecimentos que alugam os quartos para a realização dos programas e que não admitem esse tipo de conduta. Algumas profissionais alegam que, geralmente, o roubo é praticado por mulheres viciadas em droga, que assaltam qualquer pessoa que esteja passando pelo local. Avaliam também que a maioria dessas mulheres viciadas não se ocupam em fazer programas, vão ao Dergo apenas no intuito de roubar.

Contudo, as relações entre as profissionais do sexo e os policiais podem assumir outras formas que não somente a de coerção. Como aponta Freitas (1985), entre policiais e prostitutas há um convívio relativamente harmônico, embora se trate de atores que representam ordens opostas: se à polícia cabe, por um lado, manter a ordem legal, as

prostitutas, por outro, exercem uma atividade organicamente ligada ao lenocínio²³ e, portanto, potencialmente ilegal. No entanto, tal convívio é possível pois:

O convívio que se estabelece entre tais atores resulta muito mais de compromissos que são tacitamente negociados do que de regras ditadas pela polícia. As cafetinas, por exemplo, apesar de serem definidas como criminosas pelo Código Penal Brasileiro (art. 229), não só são toleradas como muitas vezes protegidas sem que para isto seja necessário o uso de corrupção. (Freitas, 1985, p. 67)

Em sua pesquisa, o autor verificou que as prostitutas e cafetinas são extremamente importantes como objeto de interações estratégicas: elas repassam para a polícia informações sobre pessoas suspeitas e procuradas nos estabelecimentos. No entanto, Freitas (1985) constatou, ainda, que a prostitua tomada como informante da polícia é somente a prostituta de ambientes fechados, como as de bordéis. E que o fato de muitas residirem nesses locais, as torna mais eficazes enquanto “informantes”, pois elas dispõem de tempo para criar laços mais sólidos com clientes, policiais e “suspeitos” e podem observar melhor o “movimento” do bordel. Verificou, também, que a prostituta de rua é percebida pelos policiais como “pior”, sendo vista por eles como “ladra”, “perigosa” e “drogada” e que “só sabe fazer fofoca e dar informações erradas”. Freitas (1985) expõe, ainda, que além do papel de informante, outros laços podem se estabelecer entre prostitutas e policiais como: amizade, namoro ou mesmo o rufianismo. A eficácia dessas relações, contudo, deriva dos auto-interesses destes atores, os quais estabelecem uma relação de confiança e lealdade entre si. Em minha pesquisa no Dergo, pude constatar que as relações entre as profissionais do sexo e os policiais são diferentes e considero que isso se deve ao fato de que, na região do Dergo, não se encontra a modalidade de prostituição praticada em locais fechados como os bordéis e também ao fato de que as relações de convívio entre os policiais e essas profissionais do sexo não resultam, aparentemente, em laços mais estreitos de confiança.

²³ O lenocínio é uma atividade definida como criminosa pelo código Penal Brasileiro. Esta consiste em “induzir ou atrair alguém à prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone” (Art. 228); ou: “manter por contra própria ou de terceiros casa de prostituição” (art. 229); ou “tirar proveito da prostituição alheia participando diretamente de “seus lucros” (rufianismo) (art. 230); ou “promover ou facilitar a entrada no território nacional de mulher que nele venha exercer a prostituição, ou saída de mulher que vá exercê-la no estrangeiro (Art. 231).

Pelas informações coletadas no trabalho de campo, pude verificar que as profissionais do Dergo possuem uma concepção depreciativa dos policiais. Algumas relatam que, em muitos casos, eles agem com brutalidade no momento da abordagem. Como a região é conhecida como um local utilizado para o tráfico de drogas, em vários momentos pude presenciar batidas policiais realizadas nos bares e carteados à procura de drogas ou presidiários foragidos. Uma entrevistada me relatou que, geralmente, as batidas realizadas nos locais utilizados para a prática do programa ocorrem de forma truculenta, pois as mulheres em companhia de clientes não podem se vestir antes da entrada da polícia no quarto; alegam também que os policiais não deixam que ninguém fale nada, o que é considerado por elas um abuso de autoridade. Entretanto, na sua avaliação, nem todos os policiais agem de forma autoritária e truculenta, sendo até possível manter uma “boa relação com alguns”, o que não implica, necessariamente, em ser informante de policiais. Para algumas mulheres, não sofrer agressões e extorsões por parte de policiais pode ser definido como uma boa relação.

Durante a pesquisa, não me foi relatado o envolvimento de policiais com o tráfico de drogas ou com o esquema da prostituição. Porém, por medida de segurança, não fiz nenhuma pergunta sobre possíveis esquemas envolvendo policiais e traficantes ou qualquer outro tipo de atividade ilícita. No decorrer das entrevistas, se em algum momento a mulher sentia que estava havendo um direcionamento para este tipo de assunto, ela logo mudava o tópico da conversa. Como declarou uma entrevistada: “Aqui a gente não vê nada, a gente não sabe de nada. É uma questão de eu querer viver pra cuidar das minhas filhas”. O que posso dizer é que, se existe no Dergo uma rede de relações de cumplicidade entre policiais e mulheres profissionais do sexo, ela não pôde ser desvendada por mim.

No decorrer do trabalho de campo, pude entender de que forma operam as leis e normas numa zona de prostituição. Considero que, nas ruas, as penalidades para quem infringir o código de conduta estabelecido podem ser mais severas, podendo chegar, em

alguns casos, à própria morte do indivíduo. No período da pesquisa, houve o assassinato de uma mulher que, segundo informações, foi morta porque estava envolvida com o tráfico de drogas. Essa morte se deu de forma brutal, seu corpo foi encontrado degolado próximo a uma igreja localizada na região. Quando as questioneei sobre os possíveis motivos do crime, percebi seu embaraço. Informações mais precisas em relação a esse caso me foram dadas por uma profissional do sexo usuária de drogas, com quem pude estabelecer um vínculo maior de confiança. Segundo suas informações, muitas mulheres que se prostituem no Dergo são usuárias de drogas e também trabalham como “aviãozinho”, ou seja, distribuidoras de drogas. Como muitas dessas usuárias contraem dívidas com os traficantes, a morte de uma delas serve de exemplo para as outras.

Durante o trabalho de campo, pude verificar o poder que o tráfico de drogas exerce no Dergo. Em alguns momentos, a região passou por verdadeiras situações de sítio e muitas mulheres eram proibidas de sair às ruas devido às coerções de traficantes. Durante um certo período, uma profissional do sexo ia à sede do projeto buscar preservativos para algumas mulheres que, segundo ela, não poderiam sair às ruas porque estavam com medo dos traficantes. Segundo ela, existem algumas mulheres que, por estarem envolvidas com o tráfico e por serem protegidas dos traficantes, exercem um papel de autoridade no Dergo, sendo temidas pelas demais e chegando, em alguns casos, a tomar o dinheiro de outras mulheres que também estão no local. Segundo informações, essas mulheres não chegam a se prostituir como as outras, mas que estão ali somente pra “caçar brigas e confusões”, como declarou-me uma entrevistada: “elas vêm pra cá somente para infernizar a vida da gente”. Desse modo, como bem observa Leite (1992), em uma zona de prostituição, “Há cordialidade de cidade pequena, mas há também a possibilidade de explosão de uma violência típica de cidade grande”.

2.3 O programa

Em minha pesquisa, uma questão importante é a compreensão da dinâmica que rege a relação entre a profissional do sexo e o cliente em termos da abordagem, dos serviços sexuais oferecidos e da tabela de pagamento. Eu também estava interessado nas possíveis situações de conflito decorrentes dessa interação, no conteúdo dos programas e nas restrições e regras relativas ao trabalho de prostituição. A primeira observação relativa à interação entre as profissionais do sexo e seus clientes é que a profissional cria mecanismos personalizados para cada programa, que incluem desde táticas de sedução e *performances* para atrair o cliente até um sistema de classificação do mesmo.

Em relação às formas de abordagem para o programa não há regra. Isso depende do contexto de interação entre a profissional do sexo e o cliente. Desse modo, a iniciativa de abordagem tanto pode partir da mulher quanto do cliente, conforme registrado em duas entrevistadas:

O cara passa, a gente tá parada. Aí o cara vem e pergunta quanto que é o seu programa, aí a gente fala o valor. Ele pergunta como é o programa - se é completo²⁴, se é incompleto - a gente responde, e se o preço dá pra ele, aí a gente faz.

Tem uns homens que a gente que tem que chegar. Aqui no Dergo a gente tem que chamar, porque são várias mulheres, a gente tem que incentivar o homem, se não ele não vem.

Para atrair o cliente para o programa, cada mulher utiliza artifícios muitos particulares. Algumas têm como atrativo de sedução, a *performance* corporal nas ruas: a forma de andar, os gestos e olhares, conforme uma profissional que diz usar o corpo no jogo de sedução com os clientes:

Eu uso o corpo, pra chamar o homem eu uso o corpo. Do tipo, por exemplo, se eu ficar em pé e começar a desfilar na passarela, ele vai perceber, homem olha muito o corpo, bunda! Coisa que mais chama a atenção do homem é bunda, se dá uma viradinha e dá uma andadinha na passarela ele vai...Aí faz assim com a mão ele vem, ele vem nem que pra falar que não vai, mas ele vem.

No entanto, muitas das táticas e mecanismos de sedução não passam,

²⁴ O programa completo é aquele que envolve a prática do sexo vaginal, oral e anal.

necessariamente, pelo uso de *performances* corporais. Muitas dizem utilizar como tática de sedução o diálogo com o cliente. Na avaliação de algumas mulheres, em princípio, a mulher deve ser educada, carinhosa e atenciosa com o cliente no momento da abordagem; entretanto o diálogo pode ser intencionalmente direcionado pela profissional para uma conversa mais picante, na qual são expostas as práticas sexuais que poderão ocorrer no programa:

Para atrair o cliente eu seduzo o homem ali mesmo na rua, eu falo – Vamo lá bem! Pra eu te dar uma chupadinha! Meter gostoso! Uma hora nós vamos ficar lá à vontade, sem pressa. E começo a acariciar.

Após o passo inicial da abordagem, outra etapa para a realização do programa é a negociação do valor monetário e dos serviços oferecidos pela profissional do sexo. No Dergo, o valor médio do programa é de vinte reais; no entanto esse valor pode variar dependendo do que for solicitado em termos de práticas sexuais ou da necessidade financeira da profissional no momento. Como na fala de uma entrevistada:

Eu nunca transei pelo preço da chave²⁵, porque eu acho que sou melhor do que uma cama, mas tirando isso, depende do que eu deixei lá em casa, e como está a minha casa. Tá entendendo? É que às vezes eu saio, venho aqui, eu tenho uma filha de oito anos que toma remédio controlado, às vezes eu venho pra cá, ela não tem o remédio dela pra hoje, então se o rapaz falar pra mim - eu tô com oito reais disponível - que é o remédio dela, eu vou parceiro, não pensa você que eu não vou não! Porque que eu vou.

Outro fator que influencia o valor do programa é o movimento do dia. Em um dia de menor movimento, algumas mulheres, para não voltarem para casa sem dinheiro, podem fazer o programa por quinze, dez ou mesmo cinco reais. Algumas acreditam que os dias de maior movimento são os dias úteis, porque há um fluxo maior de homens no local, geralmente trabalhadores da região. Já outras consideram que o melhor dia é o sábado, no período da tarde. Sobre o melhor horário, algumas avaliam que o período de maior fluxo de clientes é entre 18 e 20 horas. Segundo informações, esse horário é de grande movimento, porque os homens saem do trabalho e, antes de irem para a casa, passam pelo Dergo.

O valor do programa, na maioria das vezes, está relacionado à natureza dos serviços sexuais solicitados pelo cliente: o chamado “programa completo”, que inclui sexo

²⁵ O preço da chave é o preço pago pelo quarto onde se realiza o programa. Por um período de uma hora paga-se normalmente cinco reais.

vaginal, oral e anal custa em torno de quarenta reais. Entretanto, a maioria das mulheres que entrevistei diz não fazer o completo com o cliente, fazendo restrições, principalmente, em relação ao sexo anal. No entanto, uma entrevistada me relatou que a maioria das mulheres faz o completo, pois a maior procura do cliente é o sexo oral e anal.

Outro dado interessante foi descoberto em relação às práticas sexuais solicitadas pelos clientes. Nas entrevistas com as profissionais do sexo, perguntei-lhes se além da prática do sexo anal e oral, os clientes solicitavam ainda outras práticas, algo considerado por elas como “diferente” ou “incomum”. Nos relatos, obtive a informação de que muitos homens pedem para ser penetrados. Esse dado me causou uma certa surpresa, já que, como se sabe, é nas relações sexuais com michês e travestis que o cliente costuma assumir um papel passivo. Sobre as noções e representações de ativo e passivo nos grupos populares é interessante o trabalho de Fry e MacRae (1985). No entanto, os autores abordam apenas as noções de ativo e passivo nas relações homoeróticas, não estendendo a análise para as relações heterossexuais. Não tive acesso a nenhuma obra que analisasse as práticas sexuais nas camadas populares. A maioria dos trabalhos que abordam a sexualidade nesse segmento relacionam o corpo, ora a práticas contraceptivas, como o trabalho de Leal (1994), ora à saúde e à doença, como os trabalhos de Boltanski (1989), Alves e Minayo (1994) e Carvalho (2002).

Pelos relatos que recolhi, pode-se pressupor que nas relações heterossexuais estabelecidas entre os clientes e as profissionais do sexo feminino, exercer o papel de passivo torna-se, de certo modo, uma conduta “desviante”, tomando por base os valores e tabus em relação à sexualidade e às práticas sexuais dos integrantes das camadas populares. Em relação à demanda solicitada para esse tipo de prática, a informação que obtive, foi a de que grande parte dos clientes que procuram as mulheres do Dergo para fazerem um programa, independente da idade, pedem para serem penetrados. Como pode ser verificado no relato de uma entrevistada:

A maioria dos homens estão pedindo, não é só um ou dois não, a maioria estão pedindo, são vários. Eu tinha um cliente que ele gostava que eu penetrasse uma vela de sétimo dia nele, e eu ficava morrendo de medo daquela vela quebrar dentro dele (risos). E eu ficava assim...Meus Deus o que é isso!? E eu não era muito acostumada com esse tipo de coisa né? Aí ele passou a trazer banana, banana nanica, aquelas banana nanica verde, já vinha com a camisinha. Ele não transava comigo não, o negócio dele era só penetrar nele, com a banana ou com a vela de sétimo dia, e tinha que enfiar tudo!

Ao serem questionadas se esse tipo de solicitação vem ocorrendo há muito tempo, obtive a informação de que somente nos últimos dez anos, o que fez com que grande parte das mulheres tivesse que se aparatar com objetos como vibradores e consolos. É interessante ressaltar que a avaliação das profissionais do sexo em relação a esse tipo de pedido por parte dos clientes é depreciativa. É comum elas colocarem em dúvida até mesmo a orientação sexual do cliente:

Eu acho que os homens estão virando boiôla²⁶, a maioria. Só que eles estão com vergonha né? Só que eles estão com vergonha, mas a maioria dos homens estão virando. Porque às vezes ele não tem coragem de sair com um homem, então ele acha mais fácil, mais acessível, sair com uma mulher.

Não há por parte das profissionais do sexo uma assimilação desse tipo de pedido como uma fantasia ou fetiche do cliente, mas sim como uma negação da virilidade esperada do homem. Esse dado descoberto na pesquisa apenas aponta parte de um problema que ainda se encontra desconhecido nos estudos acadêmicos: como os indivíduos pertencentes às camadas populares vivenciam suas práticas sexuais e de que forma estas estão relacionadas às representações e às subjetividades em torno de sua sexualidade.

É importante, neste trabalho, entender que papel representa a profissional do sexo atualmente. No imaginário social, ainda é vigente a associação da mulher prostituta com uma pessoa que se presta aos serviços sexuais nas suas mais variadas formas, sendo criada uma dualidade de papéis femininos que se encontram em pólos opostos. De um lado encontra-se a figura imaculada da mulher da casa, esposa e mãe e, no outro extremo, a mulher da rua, permissiva e promíscua, que se presta às práticas sexuais que jamais poderiam ser reproduzidas com as esposas.

²⁶ Termo depreciativo utilizado para se referir ao homossexual masculino.

No entanto, entre as profissionais do sexo do Dergo, prevalece o discurso de que a mulher prostituta assumiria um papel que transcende o campo dos serviços sexuais. Dentro das narrativas dessas mulheres, observa-se uma justificativa de que os clientes procuram uma profissional do sexo não apenas para obtenção de sexo, mas para conversar e expor seus problemas, o que pode ser tomado como uma autoavaliação do papel delas. Desse modo, elas assumiriam também uma função vista como mais digna em seu ofício. Em minha pesquisa, quis captar, no discurso das mulheres entrevistadas, que idéia elas têm em relação aos motivos que levam um homem a procurá-las, e qual a incidência dos clientes que as procuram apenas para conversar.

Nas entrevistas, perguntei às profissionais se o fato dos clientes as procurarem para conversar é uma prática corriqueira. Obtive a informação de que isso é bastante comum, sendo possível até mesmo obter uma estimativa percentual de que cerca de 20% dos clientes as procuram apenas para esse fim. Uma entrevistada me relatou que, muitas vezes, ela tem que assumir o papel de “psicóloga” com o cliente, ouvindo seus problemas e desabaços. Ressalta também que, geralmente, eles relatam os problemas que têm com a esposa, com os filhos e no trabalho:

O homem é muito depressivo, geralmente o homem que procura alguma mulher na rua é porque ele sente falta disso em casa, sabe? Não tem aquele dialogo, aquela amizade, aí ele procura fora, na rua. Às vezes não é nem tanto pro sexo, às vezes é pra desabafar um pouco [...] às vezes nem chega a fazer o programa. Às vezes ele tá com tanto problema, o problema dele é tão depressivo, que ele não tem aquela disponibilidade pra sexo, sabe? Moral da história – ele nem consegue ficar com o pênis ereto. Aí ele vai embora. O problema dele é psíquico. É o que eu falo pra eles – Falo, olha! Não adianta você tentar se você tá com problema psíquico.

Outra entrevistada faz a mesma alegação dos motivos que levam um homem a procurá-la:

Eles falam que procuram na rua o que eles não tem em casa. Carinho! Porque muitas vezes eles chegam em casa, a mulher só tá brigando, estressada, nervosa. Outras vezes ocorre a questão dele tá nervoso e querer uma distração, uma coisa diferente, tá nervoso por causa de problema de trabalho e com a esposa. Acontece do cara tá chateado, chateado demais. Aí como se diz, lá no quarto, num carinho eu tentando fazer o órgão dele levantar, ele pegou e falou – Não! Fica quieta! Vamos ficar só conversando – Aí ficamos só conversando, ele tomando cerveja, e ficamos até vencer o horário do quarto. Ele procura assim, uma distração, uma pessoa pra se abrir.

Na concepção de Giddens (1993), a busca contemporânea pelo prazer no relacionamento conjugal presume o desaparecimento da distinção entre as mulheres “respeitáveis” e aquelas que, de algum modo, estão marginalizadas da vida social ortodoxa, como as mulheres prostitutas. Entretanto, considero que, nos dias de hoje, mesmo que haja uma certa erotização nas relações conjugais, há, em nossa sociedade, uma dicotomia entre a figura imaculada da mulher como mãe e esposa e a figura da mulher prostituta. Em alguns relatos das profissionais do Dergo, me foi possível obter a informação de que os clientes ainda fazem a distinção entre o que realizam em termos de práticas sexuais com a esposa e o que procuram na rua. Fato esse observado na fala de uma profissional do Dergo: “eles falam que vão procurar na rua uma coisa diferente, que em casa é só o estilo papai e mamãe, e vão procurar na rua um sexo anal e oral. A explicação deles é essa”.

Para Giddens (1993), do ponto de vista dos gêneros masculino e feminino, a “revolução sexual” dos últimos trinta ou quarenta anos não é apenas um avanço neutro na permissividade sexual. A revolução na autonomia sexual feminina gerou uma reavaliação da própria sexualidade masculina e o conseqüente questionamento: será que os homens permaneceram intocados pelas mudanças que as mulheres ajudaram a realizar? Para o autor, as interpretações na concepção da transmutação do amor romântico excluiu os homens, que são retardatários nas transições que ocorrem atualmente. Para ele, pelo menos na cultura ocidental, a época atual é o primeiro período em que os homens estão descobrindo que eles próprios são homens, ou seja, possuem uma “masculinidade problemática”.

Deve-se entender que as relações entre homens e mulheres atendem a outros anseios e expectativas. Goldenberg (1999) avalia quais foram as mudanças substanciais que ocorreram nas relações entre homens e mulheres nas últimas décadas. Hoje, mais do que nunca, homens e mulheres são quase iguais; escolhem-se mais livremente; podem muito mais facilmente separar-se; há entre os cônjuges menor diferença de idade e de escolaridade do que

antes; cada parceiro reconhece com maior boa vontade a autonomia e o espaço que o outro reivindica; têm amigos, prazeres e distrações comuns. A mulher não passa mais os dias em casa aguardando a volta do marido; e o marido não espera ser o único responsável economicamente pelo sustento da família. Esse tipo de relacionamento conjugal embasado no chamado amor confluyente, onde o “para sempre” não é mais base de idealização, resulta nos chamados casamentos monogâmicos sucessivos, uniões em que os pares vivem intensamente tudo de forma partilhada, mas cuja duração não ultrapassa alguns poucos anos.

Acredito assim, que diante dessas mudanças sociais o homem em nossa sociedade viu-se obrigado a repensar seu papel e sua identidade de gênero, o que gera, na opinião de Nolasco (1995), “uma crise de identidade masculina”. Nesse sentido, para o autor surge a indagação: o que é ser homem no contexto contemporâneo? Na sua opinião, em uma sociedade sincrética e pluralizada, há uma indeterminação dos papéis sexuais e da própria masculinidade. E diante dessa crise de identidade, o homem se dá conta de que possui uma “masculinidade problemática” que deve ser repensada diante das expectativas do que se espera do “tornar-se homem”, condição na qual atributos como virilidade, posse, poder e competitividade passam a ser questionados e problematizados.

Esses elementos fazem parte de uma perspectiva causal em que a construção da representação de uma “nova” mulher implicaria necessariamente a de um “novo” homem. Contudo as análises de gênero ainda não partem da perspectiva de que homens e mulheres encontram-se em pé de igualdade. E mesmo que o masculino, como modelo, venha sofrendo sucessivas relativizações, no cotidiano da maioria dos homens, a masculinidade e seus atributos ainda têm uma função norteadora compulsória de seus comportamentos.

Desse modo, pode-se refletir sobre uma das funções da mulher profissional do sexo: a de ser ouvinte dos anseios dos homens diante de crises que envolvem conflitos relacionados à família, ao trabalho e a própria noção de masculinidade. Vista como pessoa

marginal na sociedade, a mulher profissional do sexo, torna-se uma ouvinte dos conflitos íntimos masculinos que não são abordados com a família ou com os amigos. Ao mesmo tempo em que assumem uma função subordinada de prestadora de serviços sexuais remunerados, elas podem encontrar uma dignidade escassa e provisória no papel de confidentes.

Não me foi possível entrevistar clientes que freqüentam o Dergo, entretanto pude observar, ao longo de minha permanência no local e em conversas com as profissionais, que os clientes que vão em busca de programa, apresentam um perfil heterogêneo. É visível a presença de rapazes muito jovens e homens de idade mais avançada. Já em relação à posição socioeconômica, segundo informações das próprias profissionais do sexo, a maioria dos clientes provêm de camadas mais pobres, geralmente trabalhadores do comércio local. Entretanto é comum algumas mulheres relatarem que fizeram programas com clientes de posição mais elevada, principalmente profissionais liberais como advogados, engenheiros etc.

Sobre as restrições em relação à pessoa do cliente, ao contrário do que supõe o senso comum, a mulher profissional do sexo não se sujeita a fazer o programa com qualquer cliente. No caso do Dergo, essas restrições assumem um consenso entre as mulheres no que se refere ao cliente embriagado. Na opinião dessas mulheres, esse tipo de cliente é o que mais gera problemas, sendo visto como pessoa que geralmente causa brigas e confusão, como se pode observar na avaliação de uma entrevistada:

Eu não saio com homem bêbado, porque é péssimo, homem bêbado é só problema é só confusão. Porque aí não funciona, o pênis não levanta porque tá bêbado, aí eles querem o dinheiro de volta. Aí fica grilado – Não! Eu não vou sair daqui enquanto não gozar, eu não gozei, você não me fez gozar, eu tô te pagando - então eu já não saio.

Contudo a decisão última em aceitar ou não um cliente depende das experiências de cada profissional do sexo. Uma entrevistada me disse que se recusa a fazer programa com um homem que tenha o corpo tatuado. Quando a questioneei sobre o porquê

dessa restrição, ela me apresentou os mesmos estereótipos convencionais que atribui o uso da tatuagem a indivíduos “marginais” e “drogados”. O que pude constatar é que as mulheres profissionais do sexo, mesmo passando pelo processo de estigmatização que se deve aos estereótipos que lhes são atribuídos como promíscuas, vulgares e escandalosas, realizam o repasse desses valores para os indivíduos que elas consideram depreciados socialmente.

Já outras profissionais fazem objeção à idade do cliente. Uma delas me relatou que se nega a fazer programa com rapazes muito jovens, principalmente se forem da idade de sua filha, ou seja, dezoito anos, porque não se sente bem. Já outra entrevistada disse que não sai com homens muito jovens porque estes clientes são mais exigentes do que os de mais idade e também mais propensos a agressões:

Os mais velhos são mais experientes, são mais sossegados, o que você faz por eles agradecem e tudo bem. Agora os menos experientes são muito exigentes, dá muito trabalho. Nossa! Dá trabalho! Olha! Demora dentro do quarto, exige muito, você entende? Sem contar quando no final de semana eles passam de carro ou a pé fazendo vandalismo. Passam pela gente e querem pegar, amassar, quando não passa xingando, joga pedra, joga casco de cerveja. Faz gracinha querendo passar o carro por cima da gente na calçada. Eles dão trabalho mesmo.

Uma questão recorrente nos trabalhos sobre prostituição é a violência. Como observa Gaspar (1985), a relação de violência que permeia as interações entre a profissional do sexo e seus clientes, geralmente está embasada em um processo de atribuição de estigmas. Em sua pesquisa, a autora demonstra que, quando analisada pelo cliente, a imagem da prostituta aparece como a de uma pessoa perigosa, sedutora, escandalosa e violenta. Os clientes relataram à pesquisadora, em entrevistas, que as prostitutas fazem uso corrente de palavrões, possuem o hábito de falar alto e exibem uma constante disposição para brigas e confusão. A autora acrescenta ainda, que a violência no universo pesquisado é bastante presente:

O uso da violência é legitimado como forma de coerção ou defesa [...] o atributo ‘escandalosa’, além de caracterizar o comportamento dessas mulheres, é um mecanismo que mantém sob ameaça os clientes que desejam algo que vá contra o combinado – desde o não-pagamento do preço tratado a exigências de práticas sexuais contrárias à disponibilidade da mulher, passando pela agressão física. (Gaspar, 1985, p.99)

A autora também observa que a alegada agressividade da prostituta, definida

como conduta imprópria e desagradável, em certos momentos pode ser usada por elas próprias como mecanismo de controle e defesa. Isso porque estas entram em relação íntima com homens que, na maioria das vezes, são desconhecidos, expondo-se a riscos que podem ocasionar situações de violência.

As mulheres, na minha pesquisa de campo, quando questionadas sobre a incidência da violência por parte dos clientes, relatam que a agressão física não é comum e, quando ocorre, é por descuido da própria profissional do sexo, que se coloca em situações de risco, como sair de carro com um cliente desconhecido para outro local. Também pude verificar que as mulheres criam estratégias para evitar situações de risco e conflitos com os clientes, as quais, com o tempo, vão se tornando regras a serem seguidas por outras profissionais. Uma dessas táticas é receber o valor combinado pelo programa antecipadamente. Antes de entrar para o quarto com o cliente, a profissional do sexo exige o pagamento, para evitar que o cliente se recuse a pagá-la depois do programa realizado.

Outra situação que pode acarretar uma situação de violência com o cliente é a quebra do acordo estabelecido em relação aos serviços sexuais negociados para o programa. No momento da negociação do programa a mulher já deixa claro o que faz e o que não faz e a quebra desse acordo pode gerar uma situação de conflito entre a profissional e o cliente. Interessante também é que grande parte das mulheres se recusa a ter dois coitos com o cliente em um mesmo programa. Para elas, cada coito sexual, seja ele vaginal ou anal, encerra-se no momento da ejaculação, e se o cliente quiser ejacular por uma segunda vez, o programa deve ser pago em dobro:

Se o cliente quiser gozar duas vezes ele tem que pagar dois programas, o certo é isso, ele pagou por uma vez, por um programa, ele não pagou por dois. É aquele ditado, ninguém vai limpar uma casa duas vezes, por um preço de uma vez, ninguém vai limpar né?

A maioria dos relatos sobre violência contra as profissionais do sexo se refere à saída com o cliente desconhecido para fora do Dergo, o que já resultou até mesmo na morte

de algumas mulheres. De acordo com informações, essa situação ocorre geralmente com a profissional do sexo novata, que desconhece certas estratégias de segurança utilizadas na realização dos programas. Na avaliação das profissionais, esses mecanismos e estratégias vão sendo apreendidos com a própria vivência na prostituição. A seguir, apresento o relato de uma profissional do sexo do Dergo que passou por uma situação de violência com um cliente por ter saído para outro local:

Eu não entro em carro, eu só faço programa aqui mesmo, eu não saio daqui. Eu tive uma situação de violência uma vez, porque eu era inexperiente e entrei no carro errado. O homem simplesmente me levou pro mato, com uma faca enorme! Enorme! E me levou pro matagal lá perto de Abadia de Goiânia.²⁷ Chegou lá, uma chuva! Chegou lá ele falou pra mim – Oh! Você vai me chupar até cinco horas da manhã, e depois eu vou te matar – e ele com uma faca, aí eu pensei, esse homem vai me matar! Aí eu abri a porta do carro, quando eu fui pular ele laçou no meu cabelo, porque meu cabelo era grande né? Laçou no meu cabelo assim, com aquela faca no meu pescoço, aí quando ele tirou a faca, que ele foi passar a marcha, eu pulei! Inclusive a minha bunda aqui assim é tudo acabada. Eu pulei do carro e fiquei num matagal. Aí eu fiquei chorando lá, subi pra estrada e pedi uma carona pra um homem que tava passando, eu morrendo de medo! E voltei pra casa. Ele não ia só me estuprar não, ele ia me matar!

Um dos elementos que compõem o sistema de segurança das profissionais do sexo é a leitura que fazem do cliente e que inclui tanto a forma como estes se apresentam como sua aparência. Em um momento da pesquisa, pude presenciar uma cena bastante interessante entre uma profissional do sexo e um possível cliente. A mulher estava na calçada e foi abordada por um homem em uma moto. Conversaram por alguns minutos e logo ele foi embora. Ela se aproximou de mim e disse que com um cara daquele ela jamais sairia, pois, com certeza, ele estava mal intencionado. Quando a interpelei sobre a razão de sua atitude, ela me disse que, com o passar do tempo, a mulher que se prostitui vai criando mecanismos para identificar um cliente que possa colocá-la em uma situação de perigo. Disse-me que se recusou a sair com aquele homem por alguns motivos: primeiro, ele a abordou em uma moto e em nenhum momento retirou o capacete durante a conversa; segundo, ele fez a proposta para que o programa fosse realizado em um local fora do Dergo; e terceiro, vendo sua recusa em sair para um local afastado, ele fez a proposta de pagar um valor mais alto pelo programa. Segundo a profissional, o fato dele não ter tirado o capacete é sinal de que não queria mostrar

²⁷ Cidade próxima à Goiânia.

o rosto, o que já indica que ele não queria ser identificado; também o fato do cliente ter pedido para fazer o programa fora do Dergo foi outro ponto negativo, pois, a maioria dos clientes, normalmente, usa um dos vários estabelecimentos do local que oferecem quartos para a realização do programa, sendo também comum a profissional do sexo utilizar sempre o mesmo local para receber seus clientes; finalmente, o oferecimento de um valor mais elevado foi outro indício, pois a experiência das mulheres indica que nos casos de violência fora do Dergo, o cliente teria oferecido um valor mais elevado para que a mulher aceitasse fazer o programa.

Desse modo, pode constar que esses códigos de leitura do cliente pelas mulheres são fundamentais nas relações que se estabelecem em seu cotidiano. Entretanto são códigos que são apreendidos com o passar do tempo, sendo comum nos relatos das mulheres que já sofreram violência a justificativa de que só passaram por isso quando ainda eram novatas na prostituição e desconheciam essas regras e códigos.

Outro artifício utilizado pelas profissionais do sexo para recusarem um cliente é o que elas denominam intuição. Ao serem questionadas sobre as leituras que fazem do cliente, a maioria diz utilizar a sua intuição, não expondo de forma clara como a intuição opera, mas reportando-a um plano subjetivo e particular. Como é possível observar na fala de duas entrevistadas:

Então geralmente, se eu conhecer aquela pessoa eu vou, e às vezes também eu uso um pouco a minha intuição, então eu olho aquela pessoa e vejo - apesar de que, quem vê cara não vê coração, né?.

Eu uso a minha intuição, tem o tipo de cara que eu olho no rosto dele e parece que o meu santo não bate como o dele.

Para complementar meus dados etnográficos apresento, a seguir, dados coletados pelo Projeto Flor de Pequi no ano de 2003, sobre a violência contra as mulheres profissionais do sexo do Dergo.

Violência contra mulheres profissionais do sexo na Região do Dergo.

Você e seu parceiro brigam freqüentemente?
Sim 60%
Não 40%
Total 100%
Já se feriu alguma vez em uma dessas brigas?
Sim 80%
Não 20%
Total 100%
Seu parceiro consome álcool ou droga?
Sim 75%
Não 25%
Total 100%
Isto afeta o comportamento dele com você e os filhos?
Sim 85%
Não 15%
Total 100%
Seu parceiro já forçou você a ter relações sexuais quando você não queria?
Sim 30%
Não 70%
Total 100%
É comum a mulher sofrer abuso emocional, físico ou sexual em algum momento da vida. Isto já ocorreu alguma vez com você?
Emocional 40%
Físico 30%
Sexual 30%
Total 100%

Fonte: Ipê Rosa – Projeto Flor de Pequei (2003)

Entre as mulheres do Dergo é comum o fato da maioria ter um companheiro com quem mantém um relacionamento estável, podendo ou não morar com ele. A partir dos dados apresentados, pode-se constatar que essas relações são conflituosas, permeadas por brigas, agressões e drogas. A pesquisa demonstra que, em 60% dos relacionamentos, as brigas são freqüentes, sendo que 80% das mulheres dizem ter se ferido alguma vez e que 75% dos parceiros consomem álcool ou usam algum tipo de droga. Supõe-se que a violência nestas relações esteja relacionada ao consumo de álcool ou drogas por parte dos parceiros. Nesse sentido, pode-se fazer a seguinte indagação: o que representa para essas mulheres a figura desse companheiro ou marido e qual seria a sua função?

A princípio, deve-se desmistificar alguns atores presentes no universo da prostituição, como o cafetão. Ao contrário do que se pensa, a figura clássica do cafetão ou cafetina está desaparecendo da prostituição. Atualmente, as relações no universo da prostituição se configuram de outro modo, o que resulta em novas formas de organização do

ofício. Como pôde ser observado no primeiro capítulo, a prostituição está se fragmentando em diversas modalidades como a praticada nas ruas, bares e boates, além dos anúncios de jornais e *sites* da internet que são utilizados para o oferecimento dos serviços dos profissionais do sexo, sem que haja, necessariamente, a figura de um mediador. Desse modo, essas novas modalidades favoreceram significativas mudanças nas relações entre os atores até então presentes na prostituição, como a figura de um cafetão ou cafetina. Nesse sentido, faço a seguinte indagação: Quem seria hoje o cafetão?

Em seu livro, Leite (1992) descreve qual o papel e a função que o cafetão exerce no universo da prostituição:

Depois do trabalho de sedução, ele só aparece para buscar a grana e levar a mulher para casa. Nesse ponto há um desejo da mulher: a necessidade do marido. Cafetão é chamado de marido, na zona. Ele pode não transar com ela todo dia, mas todo dia vai buscar a grana. De vez em quando aparece de tarde e faz uma cenazinha de ciúme para a mulher que fica demorando no quarto. Mas até esse “ciúme” tem a função profissional da rotatividade, é claro. Mas ela cria a fantasia de “daqui a pouco meu marido vem me buscar”, e aparece aquele homem de banho tomado, barba feita, elegantíssimo, cheiroso, que dormiu o dia inteiro. E ela sai toda feliz com ele de braços dados. [...] Mas o mito do cafetão ser bom de cama é isso: um mito. Pode ser que ele seja bom quando vai para a cama com ela no começo da sedução, e isso é um processo longo. Ele começa acostumando a mulher até o ponto de a mulher ficar felicíssima de transar com ele, mesmo tendo tido uma transa melhor na zona durante o dia. [...] Daí é uma transa por mês e olhe lá. Mesmo porque ele não pode ir para a cama todos os dias com ela, cafetão não vive de uma mulher só, tem que dar atenção às outras também.(p. 57).

A autora ressalta o fato do cafetão ser chamado de “marido” na zona de prostituição. Nesse aspecto, pude encontrar algumas semelhanças nas falas das mulheres do Dergo, nas quais em nenhum momento foi mencionado o termo cafetão, sendo até afirmada a sua inexistência. “Aqui não tem essa coisa de cafetão, mulher goiana é muito esperta, ela não se deixa ser roubada, porque quando começa a explorar, quando começa a querer tirar dinheiro ela cai fora”. Entretanto, como já mencionado, a maioria diz ter um companheiro ou marido, que pode exercer o papel de um cafetão ou, como elas mesmas colocam, de um gigolô.

Sobre o perfil desse companheiro, pude verificar, por meio de conversas e entrevistas com as profissionais que este, geralmente, é um homem jovem e que exerce uma

ocupação de baixa remuneração ou se encontra desempregado. É, na maioria das vezes, usuário de drogas e cabe à mulher profissional do sexo sustentá-lo no vício. Quando as questionei sobre os motivos de terem um companheiro, grande parte das mulheres expôs uma necessidade afetiva, geralmente ligada a um estado de carência:

As garotas de programa são muito carentes. Porque aqui elas dão carinho, mas não recebem. O cara aparece hoje, depois passa um mês, às vezes aparece de novo, mas não procura por ela, procura por outra na frente dela. Então qualquer um que joga uma lábia e trata melhor, ela cai e logo se apaixona e se envolve. Porque é aquele ditado - você tem até dez, quinze homens numa noite, dando carinho, tendo carinho, conversando, transando, mas você acaba terminando a noite sozinha. Vai pra cama e dorme sozinha, sem ninguém alí do seu lado. Pra segurar a barra se você tá com um filho doente, pra conversar com você, pra ver se você tá com problema, se você tá angustiada, se você tá doente. Então é assim.

Entretanto, a mesma entrevistada expôs que numa relação estável há perdas e ganhos, pois um relacionamento fixo pode atrapalhar o trabalho da profissional do sexo.

Atrapalha, porque se você se envolver com uma pessoa, por exemplo, eu me envolvi com um cara e passava uma semana sem sair, só ficava lá com o cara, não preocupava, a hora que o dinheiro acabava começava de novo. Então isso atrapalha o seu desempenho profissional, porque nesse meio tempo de relacionamento o cara sempre fala – ah! Não vai sair hoje! Fica comigo – e o cara não me dá nada. O cara que a mulher se envolve com ele sendo garota de programa, ele só quer ser gigolô dela. Às vezes nem em termos de tomar o dinheiro dela, mas às vezes em termos de tá transando de graça, porque existe dois tipos de gigolô, aquele que a prostituta mantém e aquele que a prostituta não mantém, mas se ele aparecer e ficar quinze dias com ela é quinze sem ela lucrar nada. Aí ele vai embora, ela tá sem dinheiro, as conta atrasada, aí ela tem que começar a batalhar pra poder pagar as contas.

Nesse sentido, além dos agravantes do relacionamento, como brigas e agressões, um companheiro pode representar um empecilho para a profissional do sexo, pois, como declarou a entrevistada, “nesse período ela fica sem faturar”, dedicando-se exclusivamente a ele. Contudo, a maioria das mulheres que possui um companheiro exerce a prostituição normalmente, sem que o relacionamento atrapalhe seu ofício. E aquelas que possuem uma relação mais estável, como viver maritalmente com estes homens, mesmo que na maioria dos casos, seja uma relação de conflito, reportam-se a eles como pessoas que as ajudam financeiramente, sendo também uma referência de afeto e carinho. Quase todas têm a ilusão de que, um dia, esse companheiro as tirará da prostituição, como disse uma entrevistada: “quando ele tiver condições ele vai me tirar dessa vida”. Desse modo, considero que independente do papel desempenhado por esse homem, seja ele de cafetão, gigolô ou

marido, a figura masculina para a profissional do sexo torna-se desejável e assume uma funcionalidade.

CAPÍTULO III

NEGOCIANDO IDENTIDADES

Um dos objetivos da pesquisa é entender que percepção que as mulheres profissionais do sexo do Dergo têm do corpo e se essa representação possui alguma singularidade relacionada ao ofício que exercem. Desde o início da pesquisa, parti do pressuposto de que esse grupo não poderia ser homogêneo no que tange às representações simbólicas do corpo, pois, seus componentes, embora exerçam o mesmo ofício, possuem percepções diferentes acerca do próprio corpo, decorrentes de fatores como idade, fenotípia e tempo de vivência na prostituição. Entretanto, a despeito de tais singularidades, considero que as mulheres pesquisadas possuem um universo simbólico específico a partir do qual percebem e ordenam suas experiências corporais de forma específica.

Para o entendimento do corpo humano como suporte de signos, me apoio em Rodrigues (1979), que apresenta o corpo como um objeto cognitivo e afirma que para compreendê-lo sociologicamente, para que se possa transformá-lo em objeto das Ciências Sociais, é necessário apenas aplicar a ele a distinção que os sociólogos formulam entre o que chamamos de aspectos “instrumentais” e o que denominamos aspectos “expressivos” do comportamento humano. Decorrentes destes aspectos, tem-se, respectivamente, a atividade instrumental do corpo, que procura saber para que ele serve, e a atividade expressiva, que é simbólica, à qual convém indagar o que está sendo dito. Nesse sentido, estudar a apropriação simbólica do corpo é estrategicamente importante para os cientistas sociais, uma vez que ele

é, sem dúvida, o mais natural, o mais concreto, o primeiro patrimônio que o homem possui. Entretanto, ainda segundo Rodrigues (1979), mesmo que o homem assuma este caráter “natural” e “universal” do corpo, a mais simples observação em torno de dele poderá demonstrar que o corpo humano como sistema biológico é formatado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe social e por outros intervenientes sociais e culturais. Nesse mesmo sentido, o corpo pode ser tomado como um dado social que se expressa por códigos e símbolos:

O corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir. Se considerarmos todas as modelações que sofre, constataremos que o corpo é pouco mais que uma massa de modelagem à qual a sociedade imprime formas segundo suas próprias disposições: formas nas quais a sociedade projeta a fisionomia do seu próprio espírito [...] Em cada sociedade poder-se-ia levantar o inventário dessas impressões - mensagens e descobrir-lhes o código: bom caminho para se demonstrar, na superfície dos corpos, as profundezas da vida social. (Rodrigues, 1979, p.62-63)

Desse modo, meu objetivo é entender no universo pesquisado de que forma as mulheres profissionais do sexo, dentro de um quadro de aspectos expressivos e simbólicos, percebem e representam seus corpos e que tipo de sinais são emitidos por ele, ou seja, pretendo indagar o que está sendo dito e o que esse corpo significa, pois, a partir daí, é possível entender a dinâmica social do grupo. Uma das perspectivas da qual parti para entender o corpo da mulher profissional do sexo é a de que a representação do seu corpo tanto como um sistema de significação quanto como uma forma de atribuição de sentido está, de certo modo, relacionada a sua ocupação, ou seja, ao ofício de se prostituir. No início da pesquisa, julguei que elas tinham uma relação erotizada com o próprio corpo, a partir da qual buscavam artifícios para se tornarem atraentes a todo custo, visto que, no jogo da atração e da sedução entre a profissional do sexo e seu possível cliente, seria utilizada predominantemente a *performance* corporal.

Para entender o corpo e sua relação ao aspecto da atividade instrumental, ou seja, compreendê-lo em seu sentido mais utilitarista, me apoio em Mauss (1974) que elabora a seguinte concepção de técnica corporal:

Entendo por essa palavra as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos [...] as técnicas possuem uma especificidade, mas esta especificidade é o caráter de todas as técnicas. Toda técnica propriamente dita tem sua forma. (1974, p. 211-213)

Para que se possa compreender o sistema de técnicas corporais, é necessário entender, primeiramente, que o mesmo segue alguns princípios de classificação, como a divisão por sexo e idade. No entanto, na minha pesquisa, o maior interesse refere-se à classificação das técnicas corporais em sua relação com o rendimento. Para Mauss (1974, p.220), “as técnicas corporais podem classificar-se em relação a seu rendimento, em relação aos resultados do treinamento. O treinamento, como a montagem de uma máquina, é a procura, a aquisição de um rendimento”. Esta perspectiva de técnica corporal pode ser remetida, assim como em outras ocupações, para o ofício da prostituta que utiliza o corpo no jogo da sedução com o cliente. Em virtude da sua ocupação, o corpo da mulher profissional do sexo passaria por todo um processo de treinamento, no qual sua maneira de se vestir, de andar, de olhar e de se comportar estaria intimamente ligado ao jogo da sedução e da atração. Pode-se considerar, também, que esse processo de construção esteja ligado à busca de uma eficácia, pois o objetivo da profissional do sexo é, prioritariamente, a obtenção de favores ou de dinheiro.

Como descreve Gaspar (1985) em sua pesquisa com profissionais do sexo de Copacabana, Rio de Janeiro, nas boates, a maioria das profissionais do sexo usa calças compridas muito justas e *collants* de *lycra*, um tecido que tem grande demanda pela capacidade de modelar o corpo, em cores fortes: amarelo, dourado, prateado, vermelho. A elasticidade permite que as calças compridas e o *collant* sejam extremamente justos, ressaltando os contornos das nádegas e pernas, marcando a curva da cintura e o volume dos seios. Já o uso corrente dos saltos altos, que produzem uma elegância de porte através do alongamento das pernas, é uma exigência tanto no período da tarde quanto da noite. E a maquiagem, também sempre presente, põe em foco os olhos, órgãos privilegiados como

emissores de significados, principalmente no campo dos envolvimento eróticos. Esse apelo sensual à vestimenta é corroborado pela postura corporal e pelo conjunto de gestos.

A aparência e a *performance* das mulheres profissionais do sexo pesquisadas pela autora, mulheres jovens de classe média, que se prostituem em boates da zona Sul do Rio, correspondem à imagem que, geralmente, se tem da prostituta. As profissionais do sexo pesquisadas por mim, entretanto, não se enquadram nesse perfil, são provenientes de camadas populares e se prostituem nas ruas. E mesmo que o corpo da mulher profissional do sexo, em geral, passe por um processo de treinamento no que se refere à maneira de andar e de se comportar para atrair o cliente, as percepções que as mulheres profissionais do Dergo têm em relação aos usos e representações do corpo divergem em alguns aspectos do que ocorre com as demais.

Em princípio, se tomaria por dedução que a percepção que as mulheres que se prostituem têm em relação aos seus corpos estaria ligada a um corpo erotizado e extremamente sexualizado, o que, de certo modo, nortearia sua percepção e desempenho no ofício que exercem. Entretanto, mesmo que a noção de erotização esteja presente nos relatos dessas mulheres, percebe-se que elas apresentam outras formas de significação em relação ao próprio corpo.

O uso das técnicas corporais, no caso das mulheres do Dergo, está ligado mais à dissociação entre corpo e prazer e corpo e sentimento. Normalmente, no que se refere à mulher profissional do sexo e suas práticas sexuais, há a indagação: a mulher profissional do sexo sente ou não prazer em suas relações sexuais com os clientes? O que pude observar nas falas das mulheres pesquisadas é que há intencionalidade em dissociar o corpo do prazer. Essa dissociação se dá no processo de aprendizado do ofício. As profissionais dizem que, na maioria das vezes, quando estão com o cliente, seu único objetivo é proporcionar-lhe prazer mecanicamente. Entretanto, algumas mulheres confessaram que, eventualmente, se o cliente

for carinhoso ou se elas sentirem alguma atração pelo mesmo, o prazer pode ocorrer, mas que isso é algo bastante raro. Há, por parte das mulheres, uma idéia de dissociação entre corpo, sentimento e prazer, elementos que, na concepção do amor romântico, não podem ser dissociadas. Por isso, meu intuito é entender qual o significado das noções de afeto, sexo e prazer para essas mulheres.

Um dos aspectos abordados na pesquisa que pode ser remetido as essas noções de carinho e afeto entre as profissionais do sexo está relacionado ao beijo na boca, prática que se constitui um tabu entre elas. O que pude perceber por meio de conversas e entrevistas com as profissionais do sexo é que o beijo na boca torna-se um divisor simbólico entre sexo e sentimento. Há quase que um consenso entre as mulheres que se prostituem em não beijarem e nem se deixarem ser beijadas, o que, em muitos casos, pode gerar uma situação de conflito caso o cliente queira beijá-las no ato do programa. Na avaliação delas, o beijo está relacionado ao sentimento:

Eu acho que o beijo na boca é uma coisa muito íntima. E aquilo ali pra gente não é uma coisa íntima, aquilo ali pra nós é uma coisa de momento é uma coisa que a gente não tá ali por prazer, por sentimento, por tesão, a gente tá ali por dinheiro, tanto que, se os homens dessem o dinheiro pra gente e não levasse pra cama seria bem melhor. Pra nós seria uma maravilha, mas a gente tá ali pelo dinheiro, a gente não tá ali por amor, por prazer ou por uma atração. Então um beijo na boca é uma coisa muito íntima. Eu imagino assim, é uma coisa íntima, é uma coisa quando você gosta, quando você tá apaixonada. Então, é você não ter aquela intimidade com o freguês, aquele laço.

O que pude perceber é que o beijo na boca, assim como o prazer, pode ocorrer eventualmente com o cliente, embora isso seja muito raro. A alegação por parte delas é a de que o beijo, como visto na fala anterior, estaria relacionado ao carinho e ao afeto, sentimentos que não são associados aos clientes. Em sua concepção, a prática de beijar na boca está associada somente ao companheiro ou ao parceiro com quem elas mantêm uma relação mais estável. Outro argumento usado para evitar o beijo na boca é que o beijo pode despertar um sentimento de afeto pelo cliente, o que constitui um risco para a mulher profissional do sexo. Uma entrevistada me relatou que o ato de beijar um cliente ou se deixar ser beijada sempre é evitado pela profissional do sexo, me confessando que ela mesma já teve essa atitude e que

acabou se apaixonando pelo cliente, o que, na sua avaliação, é algo extremamente negativo, pois, como ela mesma colocou “a mulher prostituta jamais deve se apaixonar por um cliente, porque isso é um romance sem futuro”.

O uso do preservativo é outro ponto que constitui um divisor simbólico entre sexo e sentimento para as mulheres pesquisadas. Nos relatos, me foi possível obter a informação de que, nas relações sexuais com os clientes, é sempre colocado como principal requisito o uso do preservativo, entretanto as mulheres, quando questionadas sobre o uso do preservativo com o companheiro ou parceiro fixo, dizem não usá-lo. Na concepção delas, o uso do preservativo está associado ao cliente, ou seja, à pessoa com quem se deve tomar precauções. Não vêm riscos e necessidade em usá-lo com o parceiro, por acreditarem que, com eles, elas estão seguras. Desse modo, há dois aspectos que norteiam a divisão simbólica que essas mulheres fazem entre o sexo e sentimento: o beijo na boca e o uso do preservativo. A relação com os clientes está sempre embasada na idéia do sexo sem sentimento, do não beijo na boca e o constante uso do preservativo. Já com o companheiro, o sexo está associado ao carinho, ao afeto e, conseqüentemente, ao beijo na boca e o não uso do preservativo. Desse modo, as profissionais do sexo criam no ato de dissociarem corpo e sentimento formas de representação singulares que se manifestam em atitudes e comportamentos claramente definidos.

Para obter dados sobre os cuidados com o corpo e sua relação com o ofício que exercem, nas entrevistas perguntei às mulheres que representação elas têm do próprio corpo e se há relação entre ele o ofício que exercem. E se isso implicaria em algum cuidado especial. O que pude perceber é que, embora a questão da estética e da sensualidade não deixem de ser mencionadas, elas são colocadas, na maioria das falas, em segundo plano, sendo o corpo percebido como um instrumento de trabalho que exige manutenção para um bom funcionamento:

Eu não paro pra pensar sobre meu corpo. Eu paro pra olhar como uma profissional. Então eu me vejo assim - eu tô ali pra fazer o cara gozar, eu faço ele gozar e o serviço tá feito. Eu não paro pra me observar. Eu acho que a importância do meu corpo é eu tá sadia, e eu me prevenir das doenças e eu me cuidar. Em relação ao meu corpo, eu sempre procuro um ginecologista, se eu tô sentindo alguma coisa eu sempre tomo os remédios devidos que eu tenho que tomar, eu uso o preservativo. Você tá entendendo? Então eu não abuso do meu corpo, pra falar – Não, eu não to nem aí! Se pegar pegou! – Não, sem preservativo eu não transo com ninguém por preço nenhum. Já fiz até ultrasonografia intravaginal, porque mesmo com o preventivo às vezes não dá uma doença, mas fazendo um exame mais minucioso, dá pra prever.

Nas falas das mulheres, é sempre recorrente a preocupação em evitar as DST ou a Aids. Elas têm medo de ficar doentes, o que as tornaria impossibilitadas de trabalhar, como na frase de uma entrevistada: “O meu corpo é tudo, se eu ficar doente como é que eu vou trabalhar, como vou cuidar dos meus filhos?”. Sobre a percepção utilitarista do corpo por mulheres de camadas populares, pode-se citar o trabalho realizado por Carvalho (2002), em sua pesquisa com mulheres portadoras de câncer de mama atendidas no Hospital das Clínicas em Goiânia. Nessa pesquisa, a autora demonstra que a percepção que as mulheres têm do corpo e, em particular da mama, é utilitarista:

Esse orgulho de ser saudável, de não adoecer constantemente, remete também à concepção utilitarista do próprio corpo. Ou seja, a idéia que elas têm é a de um corpo instrumentalizado para a maternidade, para a produção, para o trabalho, para a manutenção da subsistência; afinal, elas são integrantes da classe trabalhadora urbana, cuja forma de sobrevivência repousa no uso da força física. (Carvalho, 2002, p.28)

Esta preocupação em manter um corpo saudável pode ser aferida através dos dados de uma pesquisa realizada pelo Projeto Flor de Pequi no ano de 2003, sobre DST e Aids, na qual 84% das mulheres diz se recusar a transar com o cliente se este lhe pedir para fazer o programa sem o uso do preservativo, o que foi corroborado por meu trabalho de campo. Na mesma pesquisa realizada pelo projeto, foi perguntado à mulher profissional do sexo se o dinheiro é mais importante do que correr o risco de contrair uma doença sexualmente transmissível, e 98% das entrevistadas disseram que não. Entretanto, através de relatos de algumas entrevistadas, obtive a informação de que existem muitas mulheres que ainda fazem alguns programas sem o uso do preservativo. Isso quando o cliente, no momento da negociação do programa, oferece um valor mais alto para que não seja usado o preservativo. No trabalho de campo, também obtive o dado de que a maioria dos clientes

ainda pede para fazer o programa sem o uso do preservativo, alegando que estão saudáveis. Entretanto, as profissionais do sexo utilizam argumentos e táticas para convencê-los a usar o preservativo:

Quando o cliente pede pra transar sem o preservativo, geralmente eles falam e alegam – não, eu sou casado, eu não tenho nada não - aí eu, é claro! Para não ofender ele, né? Eu falo: não, meu bem! Eu tenho medo não é de você, eu não confio é na sua mulher, vai que ela não tá dando só pra tu?

Como se pode observar, uma das táticas de persuasão que as mulheres usam com o cliente é colocar sobre a esposa do mesmo a dúvida do contágio. Outra forma de evitar a realização do programa sem o uso do preservativo e, conseqüentemente, o risco de contaminação por DST/Aids, é o uso do preservativo feminino. Uma das táticas utilizadas por elas é colocá-lo no ato do programa sem que o cliente perceba. Entretanto seu uso por parte das mulheres que se prostituem no Dergo ainda é pequeno, em virtude do seu valor elevado em comparação ao preservativo masculino. O projeto Flor de Pequi o distribui para apenas 30 mulheres que são cadastradas pelo programa, recebendo, cada mulher, uma quantidade de 12 preservativos por mês. Outro fator que contribui para o não uso desse tipo de preservativo é a resistência por parte de algumas mulheres em usá-lo, muitas dizem que já o experimentaram e que não gostaram.

Quanto à manutenção de um corpo saudável, para a maioria das profissionais do sexo, o uso de drogas e bebidas alcoólicas constitui um problema: a maioria das entrevistadas diz não consumir drogas ou bebida alcoólica. Entretanto, na pesquisa realizada pelo Projeto Flor de Pequi, verificou-se que cerca de 51% das mulheres consomem álcool ou droga diariamente. Eu mesmo pude constatar, por meio de conversas informais e entrevistas, que as drogas mais comuns são a merla e a maconha.

Outro fator ligado ao corpo da profissional do sexo está relacionado a aspectos como beleza e estética, e mesmo que estes sejam colocados em segundo plano, por ser a concepção utilitarista do corpo a mais recorrente. Nas entrevistas, ao serem questionadas

sobre a importância da estética no ato de atrair um cliente para o programa, algumas entrevistadas dizem que os cuidados estéticos com o corpo, assim com a vestimenta são importantes no jogo da sedução. Como se pode observar na fala de uma entrevistada:

O cuidado com o meu corpo tem 80% de importância no meu trabalho. O homem vê muito isso, sabe? Eu sempre procurei manter bem o corpo, porque... Olha! Eu não sei as outras, mas comigo o que vale é o corpo. Eu não sou de fazer academia, porque eu não tenho tempo. Mas eu procuro diminuir na massa, se eu comer arroz eu não como macarrão, e assim vice-versa, tudo que você pensar eu como, só que com moderação, se eu tomar sorvete hoje, eu fico um mês sem tomar sorvete, se eu tomar coca-cola hoje, eu não tomo por uma semana, assim eu vou controlando, e toda a vida eu mantenho o mesmo corpo.

Já em relação à vestimenta e outros artifícios como salto alto e maquiagem, a mesma entrevistada me relatou que prefere usar roupas mais sensuais como saias bastante curtas, calças coladas ao corpo e blusas também bastante curtas. Justifica que os homens, de um modo geral, gostam de ver pernas bonitas e nádegas bem feitas e o uso de roupas mais provocantes e que expõem partes do corpo são atrativos para eles. Dá ênfase, também, para o uso do salto alto, “Já o salto alto, eu acho que toda mulher deveria usar salto alto, não é nem tanto em serviço, sei lá, é uma elegância, não sei se é porque eu me sinto tão bem em cima do onze”. Sobre o uso de maquiagem a entrevistada diz não gostar. Outra entrevistada, mesmo colocando a estética em segundo plano, avalia que os cuidados estéticos em relação ao corpo são importantes. Na sua concepção, o principal cuidado que a profissional do sexo deve ter é com o uso do preservativo, “o primeiro cuidado que eu tenho a partir do momento que eu entro com aquele homem pra dentro do quarto e exigir a camisinha”. Outra preocupação que ela tem é com sua aparência física, “o outro cuidado que eu tenho também, e quando eu fico em casa, aí eu vou bronzear, às vezes eu vou pintar o cabelo, tirar a sobrancelha, ficar diferente, porque o homem gosta de mulher diferente”. Ao ser questionada sobre o que viria ser uma mulher diferente, a entrevistada responde que:

Mulher diferente não é aquela mulher que vem aqui, e fica um ano aqui com a mesma cara. Tem que mudar! Tem que cortar o cabelo! O meu cabelo era grande! Aí eu cortei, às vezes eu faço escovinha. Aí ela se torna uma mulher diferente. Porque se você vir do mesmo jeito, ficar um ano num lugar com a mesma cara, com o mesmo modo de roupa. Aí não tem jeito. Então é por isso que você tem sempre que ficar bonita, pintar o cabelo, fazer a sobrancelha, fazer unha, comprar roupa nova, pra incentivar o homem, porque já tá na rua com umas duzentas mulheres! Porque já tem várias mulheres aí né? Arrumadinha, bonitinha, aí você vem sem

maquiagem, sem escovinha, com cabelo bagunçado, unha bagunçada, aí você não consegue nada. Você vai ficar andando o dia inteirinho nessa rua à toa.

Entretanto os cuidados com a vestimenta e com a aparência, de um modo geral, não se constituem uma regra entre as mulheres que se prostituem no Dergo. A maioria dessas mulheres se veste de forma muito simples, sem se preocupar muito com a aparência. É comum encontrarmos mulheres usando apenas um Short com uma camiseta e uma sandália havaiana e sem nenhum vestígio de maquiagem ou qualquer outro artifício de sedução. No entanto, deve-se considerar que essas mulheres são pertencentes a classes populares, nas quais as percepções em relação aos usos e representações do corpo, assumem caráter mais utilitarista, no qual aspectos relacionados à saúde e à possibilidade de ter um corpo apto ao trabalho e à subsistência assumem importância maior diante de outros fatores com a estética e a beleza.

3.1 Contextos Identitários

Nos trabalhos que se propõem a compreender a prostituição, é recorrente a tentativa de entender como se constrói a identidade dos indivíduos que se dedicam ao ofício de prostituir-se. Alguns trabalhos, como o de Espinheira (1984), fazem um estudo da prostituição e, em particular, dos indivíduos que se prostituem, a partir da perspectiva do estigma, compreendendo que seu comportamento, visto como desviante, tem um grande peso e um caráter totalizador, que se sobrepõe aos demais papéis, contaminando as outras esferas da vida pessoal de seus praticantes. Porém, vários estudos sobre a prostituição²⁸ refletem a preocupação com esse aspecto totalizador da atividade, o qual, de fato, tem ampla repercussão na definição da identidade dos seus agentes. Entretanto esse aspecto totalizador da identidade do indivíduo estigmatizado pode ser entendido dentro de um contexto menos essencialista, pois, no processo de construção da identidade da profissional do sexo, ocorre uma forte tensão

²⁸ Sobre a construção da identidade dos profissionais do sexo em diversas categorias como mulheres, homens e travestis ver o trabalho de Fabregas-Martínez, Ana Isabel; Benedetti, Marcos Renato (2000).

entre esse aspecto totalizador da sua identidade e um espaço razoável para a negociação sobre este papel e todos os outros desempenhados.

Assim, quando busco compreender de que modo as profissionais do sexo do Dergo constroem suas identidades, tomo como perspectiva um contexto relacional no qual estas são negociadas cotidianamente. Dentro dessa mesma perspectiva, alguns trabalhos como os de Gaspar (1985) e Freitas (1985), apresentam algumas reflexões para o entendimento da construção da identidade da mulher profissional do sexo, tomando-se como base um contexto relacional entre os atores presentes no universo da prostituição.

Em seu estudo, Gaspar (1985) analisa a construção da identidade de uma profissional do sexo, tendo como foco o jogo de atributos que são postos na interação estabelecida entre ela e os clientes. A autora estrutura sua análise em duas direções: a investigação da identidade da profissional do sexo, a partir das representações dos clientes, ou seja, como as profissionais do sexo são percebidas por eles; e a auto-representação delas, enfocando, em particular, suas manipulações e racionalizações perante os preconceitos que envolvem sua atividade. Analisa, também, a figura do cliente e de que forma ele é visto pelas profissionais, pois tais reflexões, na avaliação da autora, são um caminho para o entendimento da auto-definição da profissional do sexo.

Já Freitas (1985) trabalha com outra perspectiva, a de que a identidade da profissional do sexo pode ser compreendida através do estudo da auto-concepção das prostitutas, gerada em função do contexto de exercício da atividade; e dos padrões de interação que se estabelecem entre elas e os atores significativos de seu ambiente como colegas, clientes, cafetinas, rufiões e familiares. Isso permite a distinção de três dimensões da identidade da prostituta: uma primeira construída através de um critério físico (prostitutas de bordel ou de “rua”); uma segunda construída através de um critério moral (padrões de conduta da prostituta); e uma última construída através de um critério afetivo (negociação de um

padrão de afetividade com clientes, colegas, rufiões, cafetina e a família).

Em um contexto mais amplo para o entendimento da construção da identidade do indivíduo contemporâneo, Hall (2002) trabalha com a perspectiva de que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, estão sendo deslocadas e fragmentadas. Na avaliação do autor, o sujeito está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. O próprio processo de identificação através do qual ele projeta suas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, 2002, p.12-13).

Uma outra autora que trabalha também com a perspectiva de que as identidades são fragmentadas é Woodward (2000), ao operar com a idéia de que a identidade se constrói pela diferença. Para a autora, a primeira perspectiva que se deve ter é a de que a identidade é relacional, ou seja, a identidade para existir depende de algo fora dela, ou seja, de uma identidade que ela não é, mas que, entretanto, fornece condições para que ela exista. Sendo assim, a identidade é marcada pela diferença, que é sustentada pela exclusão: se o indivíduo é uma coisa, não pode ser outra. Acrescenta ainda que a identidade pode ser entendida em duas dimensões: as perspectivas essencialistas e não-essencialistas. Uma definição essencialista da identidade de um grupo sugeriria que existe um conjunto autêntico de características que todos do grupo partilham e que não se altera ao longo do tempo. Uma definição não-essencialista focaliza as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas, tanto entre os próprios membros do grupo quanto entre os membros de outros grupos. E, como síntese da sua formulação, a autora aponta ainda dez dimensões que serão expostas a seguir para o entendimento do processo de construção da identidade, as quais utilizo para a

compreensão do processo de construção da identidade da mulher profissional do sexo.

Segundo Woodward (2000), para que se compreenda como a identidade funciona, é preciso conceitualizá-la e dividi-la em suas diferentes dimensões. Com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário. A identidade, aí, é vista como fixa e imutável. Algumas vezes, essas reivindicações estão baseadas em aspectos concebidos como naturais como, por exemplo, a etnia, a raça e as relações de parentesco. A autora afirma ainda, que a identidade é relacional, e sua diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades. Para isso, cita as identidades nacionais, nas quais os sistemas representacionais que marcam a diferença podem se materializar por meio de um uniforme, uma bandeira nacional ou até mesmo pelo o tipo de produto que se consome em determinado país. Nesse sentido, a identidade social está vinculada também a condições sociais e materiais, como o hábito de consumir determinado produto. O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, embora cada um deles seja necessário para a construção e manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual se atribui sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferença social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais.

Outra questão levantada por Woodward (2000) é a de que a conceitualização da identidade envolve o exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas como, por exemplo, a oposição entre o “nós” e o “eles”. No processo de construção de identidades, algumas diferenças são marcadas, mas outras podem ser obscurecidas: por exemplo, a identidade nacional pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero. A autora observa que as identidades não são unificadas, pode haver contradições no seu interior que devem ser negociadas. Por exemplo, um indivíduo pode se ver em uma difícil negociação ao dizer que todos no grupo são iguais, mas ao mesmo tempo

fundamentalmente diferentes. E, por fim, para o entendimento do processo de construção da identidade, deve-se também levar em conta o nível psíquico, pois, trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade.

Desse modo, quando se reflete sobre o processo de construção da identidade da profissional do sexo, verifica-se que, de um modo geral, ela é essencializada. Como observa Gaspar (1985), quando descritas pelos clientes, as profissionais do sexo são classificadas como sendo todas iguais, os clientes as vêem como perigosas, sedutoras, escandalosas e violentas, atributos que consideram inerentes a toda e qualquer prostituta e que conferem a esse grupo um conjunto preciso de características que são partilhadas por todos do grupo e que não se alteram. Entretanto, partindo-se de uma perspectiva não-essencialista e relacional, pode-se verificar que:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro (Woodward, 2000, p.39-40).

Neste sentido, ao estudar o processo de construção da identidade das profissionais do sexo que se prostituem na região do Dergo, pude observar que seus discursos operam no sentido de marcar uma diferença que, para ser construída, se torna relacional. Entre elas há uma intencionalidade em fazer uma distinção clara entre o “eu” e o “outro”, que se expressa nas falas por meio de demarcações do tipo: “eu e elas” ou “eu não sou como elas, eu sou diferente”. Entre as mulheres que se prostituem no local, há normalmente uma noção de diferenciação que se apóia em formas de conduta e atitudes que, acreditam elas, as diferenciam das mulheres que ali estão. Nesse sentido, a identidade dessas mulheres se torna relacional a medida em que, para ser construída, depende de algo fora dela, ou seja, para que a mulher crie uma auto-representação se si mesma, é necessário que exista uma identidade que ela não é, ou seja, o outro.

Desse modo, caso se tome como eixo norteador para entendimento dessas identidades a perspectiva de que a identidade é marcada pela diferença e que as diferenças são marcadas por sistemas simbólicos, sendo que estes, por sua vez, podem ser visualizados e entendidos por meio de um sistema classificatório, pode-se verificar que entre as profissionais do sexo do Dergo há um sistema classificatório no qual há duas categorias distintas de diferenciação. Essa classificação, como foi visto anteriormente, leva em consideração alguns aspectos como a conduta, hábitos e posturas em relação às mulheres que se prostituem no local, o que resulta em dois grupos de mulheres, as chamadas *nóiadas*, termo pejorativo referente às mulheres profissionais do sexo que são usuárias de drogas, classificadas como as “outras”, e “nós” as *garotas de programa* ou *profissionais do sexo*. No sistema classificatório dessas mulheres há uma hierarquia na qual as chamadas *nóiadas* são vistas como as mulheres que menos valor possuem, pois fazem sexo sem preservativo e a elas são atribuídos adjetivos como *ladra, drogada e bagunceira*.

Para que eu pudesse entender de que forma se estrutura esse sistema nativo de classificação, nas entrevistas realizadas durante a pesquisa, a primeira questão colocada era: Como você se define e como também define suas colegas de trabalho? Foram apresentados para a entrevistada termos como prostitua, garota de programa, profissional do sexo ou trabalhadora do sexo. Embora muitas mulheres considerem que não há diferença entre um termo ou outro, na fala das entrevistadas verifica-se uma certa contradição: “São mais esses termos, garota de programa, prostituta, tem umas que fala prostituta, outras fala garota de programa. Não tem diferença não”. Entretanto quando lhe perguntei se há diferença entre garota de programa e prostitua e com qual termo ela se identifica, houve a intenção por parte dela de fazer uma diferenciação, pois, ela se diz garota de programa, atribuindo ao termo prostituta um valor semântico negativo que envolve uma conduta e uma postura reprovável da mulher. Desse modo, pude observar que, no processo de representação da identidade, pode

haver contradições, pois, assim como aponta Woodward (2000), as identidades não são unificadas e no processo de sua construção, devem ser negociadas. Um indivíduo pode, em determinadas circunstâncias, se ver em uma difícil situação ao dizer que todos no grupo são iguais, mas ao mesmo tempo diferentes:

Eu acho que tem muita diferença entre garota de programa e prostituta. Certo? A prostituta, geralmente ela não tem família, você pode olhar que o pouco que ela ganha ela consome tudo em droga! Ela não tá nem aí pros filhos! Agora a garota de programa, ela visa muito o campo profissional, o dinheiro, ela pensa mais na família. Ela trabalha pra ter um estatuto melhor, você tá entendendo? Nesse caso eu me considero uma garota de programa, por esta entrevista com outras mulheres você vai ver o nível, até a qualidade do português, presta atenção no que eu tô te falando! É bem diferente! A prostituta é muito vulgar e a garota de programa não, ela é mais recatada, o campo dela é mais o financeiro. A outra é vândalo, não tá nem aí pra nada. E pelas entrevistas, você vai ver quem é a garota de programa e quem é a prostituta.

Como se pode observar, a marcação da diferença entre as mulheres profissionais do sexo do Dergo é representada por um sistema classificatório embasado numa hierarquia em que as ditas *prostitutas* estariam em posição inferior em relação às chamadas *garotas de programa*. Observei que, entre todas as mulheres com quem pude conversar ou entrevistar, há um consenso sobre a conotação pejorativa do termo prostituta:

Olha! Prostituta é a mesma coisa que profissional do sexo, só que eu acho um termo muito forte. Então puta pra mim são aquelas que dão sem preservativo e por amor. Entendeu? Aquelas lá são as putinhas. Dá pior do que chuchu na serra, ainda sem camisinha. Então prostituta é a mesma coisa de profissional do sexo, só que eu acho um nome muito forte. É pesado. Nós já não temos quase nenhum valor, se chamar de prostituta fica muito pesado.

Esse nome, prostituta, é muito doído! Garota de programa é melhor. Prostituta é muito doído, prostituta! Agora eu acho que o termo garota de programa é bem melhor do que prostituta. O nome prostituta é feio. Então garota de programa eu acho que fica melhor.

Entretanto, ao mesmo tempo em que o termo prostituta serve para marcar uma diferença de hierarquia entre os membros do grupo, ele pode ser apropriado quando se enfocam as características comuns ou partilhadas por membros de grupo diferentes, pois o termo prostituta, na avaliação de algumas profissionais do sexo, pode ser atribuído às mulheres de um modo geral, não se restringindo necessariamente às profissionais do sexo:

Porque prostituta, se a gente for no geral toda mulher ela é, toda! Sem exceção de nenhuma, pode ser a casada, a solteira, a amante, a namorada, toda ela é a prostituta do homem, porque todas vão pra cama e abre as pernas. Ela é uma prostituta, porque sem dinheiro ou por dinheiro ela tá se abrindo. Ela tá indo pra cama com o cara, ela tá fazendo sexo. Mesmo com o marido! Ela tá sendo a prostituta dele, ela tá sendo a puta daquele cara. Então prostituta é em relação a todas as mulheres se elas pensassem dessa forma. Porque pra mim não ser uma prostitua é

aquela que ainda é virgem, aquela que ainda não se deitou com homem nenhum, homem nenhum transou com ela.

Nesse sentido, pude observar que nenhuma mulher profissional do sexo que se prostitui no Dergo, independente da colocação que lhe seja atribuída no sistema classificatório e de estratificação, como as usuárias de droga, por exemplo, se define como uma prostituta, mas utiliza termos como garota de programa ou profissional do sexo para fazer referência a si mesma. Entretanto ao aprofundar minhas interpretações sobre a relação que elas estabelecem entre a prostituição como profissão, ou a ligação dessa atividade com o processo de construção de uma identidade, surge uma contradição nas falas das entrevistadas. Ao mesmo tempo em que utilizam expressões do tipo “aqui no meu trabalho” ou “as minhas companheiras de trabalho”, a maioria não reconhece o ofício da prostituição como uma ocupação legítima.

Pode-se refletir, assim, sobre os aspectos legítimos e legais da prostituição no Brasil. Para isso, utilizo as reflexões de Rios (2000), ao analisar o discurso jurídico sobre a prostituição no país. Em sua pesquisa, o autor aponta as contradições existentes na legislação brasileira em relação a essa atividade, partindo de uma perspectiva do que é moralmente reprovado pela sociedade e o que é juridicamente aceito. Pela legislação brasileira, a prática da prostituição não é considerada ato ilícito penal no direito nacional, pois os artigos 227 e 232 punem não a pessoa que comercializa seu próprio corpo sexualmente, mas aqueles mediadores ou aproveitadores da prostituição (cuja atividade é designada como lenocínio). Neste sentido, o autor aponta que a proibição do lenocínio e a permissão da prostituição soam, efetivamente, contraditórias. Para fundamentar sua análise, o autor reporta-se a alguns penalistas clássicos do direito brasileiro e os critérios que estes utilizam para formular esta dupla regulação, proibitiva do lenocínio e permissiva da prostituição. Desta forma, mais uma vez, a prostituição é justificada como “um mal necessário”, pois, aos olhos da legislação penal, ela seria tolerada em virtude da função social que desempenha:

Satisfazer os instintos masculinos e preservar a moralidade doméstica, irremediavelmente ameaçada se a pressão do irrecusável instinto, que jamais se apaziguou na formula social da monogamia vazasse dentro dos lares familiares. (Rios, 2000, p.90)

O que se observa é que a legislação brasileira não condena a prostituição em si, mas cabe pena de crime a todos os atos e aspectos que a norteiam como a manutenção de uma casa de prostituição ou qualquer atividade que se favoreça da mesma. Outra questão colocada em discussão sobre os aspectos legítimos e legais da prostituição refere-se à sua compreensão enquanto uma ocupação profissional. A prostituição é legalmente reconhecida de acordo com a portaria nº 397, de 09 de outubro de 2002, que aprova a classificação brasileira de ocupações (CBO), documento que reconhece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. Em sua última versão, pode-se encontrar como ocupação reconhecida a atividade de profissional do sexo procedida dos termos: Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Puta, Quenga, Rapariga, Trabalhador do sexo, Transexual (profissional do sexo), Travesti (profissional do sexo). A última atualização desse documento teve como justificativa as profundas mudanças ocorridas no cenário cultural, econômico e social no país nos últimos anos. Entretanto, mesmo que a atividade de profissional do sexo seja reconhecida como uma ocupação pela CBO, ela ainda se encontra desprovida dos direitos trabalhistas.

O que pude observar entre as mulheres profissionais do sexo pesquisadas é que a ocupação da prostituição não é percebida por elas como uma atividade profissional legítima ou reconhecida socialmente, o que torna suas representações sobre o exercício da atividade de prostituir-se contraditórias. No discurso dessas mulheres, há uma alternância de falas que se contradizem, pois, ao mesmo tempo que a mulher utiliza frases como “aqui no meu trabalho” ou “o trabalho que eu faço aqui”, outras frases contrapõem-se a essas, como “quando eu sair daqui é arrumar um emprego” ou “quando eu voltar a trabalhar”. Desse modo, pode-se verificar que a atividade de prostituir-se assume, em um primeiro momento, a noção de uma ocupação profissional, mas, numa segunda avaliação, aproxima-se do consenso que há em

nossa sociedade de que a ocupação da prostituição não é vista como uma atividade legítima ou moralmente aceita. E mesmo que termos como profissionais do sexo ou trabalhadoras do sexo já comecem a ser utilizados pelas mulheres como expressões para sua auto-definição, a percepção que as elas têm em relação ao ofício que exercem ainda é contraditória.

A maioria dos trabalhos que enfocam a construção da identidade da profissional do sexo se orientam pela perspectiva do interacionismo simbólico como suporte teórico, ainda que privilegiando os aspectos dessa teoria relacionados à questão do estigma, principalmente aqueles que implicam em acusação. O tema apresenta-se, assim, como uma área de investigação na qual estão bastante explícitas as dimensões que constituem a identidade do indivíduo como: o desempenho de papéis, a situação de status e, principalmente, o que Goffman (1988) chama de manipulação da identidade.

Como aponta Gaspar (1985), a partir da leitura dos trabalhos de Goffman, observa-se que o comportamento desviante tem um grande peso e um caráter totalizador, que se sobrepõe aos demais papéis, contaminando as outras esferas da vida pessoal de seus praticantes. Vários estudos sobre prostituição refletem a preocupação com esse aspecto totalizador dos comportamentos desviantes que, de fato, têm ampla repercussão na definição da identidade dos seus agentes. Em contraste com outras ocupações que, ao estipular um papel para o indivíduo, deixam margem para outras definições de sua identidade, a prostituição, devido às suas implicações morais, contamina os demais papéis. Nesse sentido, considero que o exercício da prostituição, entendido como um comportamento desviante, assume esse caráter totalizador na vida das mulheres que se prostituem no Dergo, o que, de certo modo, contaminaria as outras esferas da vida pessoal dessas mulheres como a relação com a família e amigos.

Ao se refletir sobre o modo como a identidade da mulher profissional do sexo está relacionada a outras esferas da vida social como a família, constata-se que essa mulher

empenha-se constantemente em manipular ou acobertar a sua identidade de profissional do sexo, vista por ela como uma identidade deteriorada. Sendo assim, essa identidade precisa ser acobertada para que não contamine ou prejudique o desempenho de outros papéis sociais como o de mãe, filha ou esposa.

Goffman (1988), ao refletir sobre a identidade social do indivíduo, afirma que há uma discrepância entre a identidade social real de um indivíduo, relativa aos atributos que a pessoa realmente possui e sua identidade virtual, que está relacionada com características potenciais ou expectativas que um indivíduo faz em relação a outro. Nesse sentido, a pessoa estigmatizada seria desacreditada, pois a ela seria atribuída uma identidade vista como real. Entretanto, quando não apresenta um estigma imediatamente aparente ou, pelo menos, não sabe que os outros os conhecem, ela torna-se uma pessoa desacreditável, e não desacreditada. O autor aponta, ainda, que no estudo do estigma é preciso se ater ao que ele chama de informação social. Essa informação social, assim como o signo que ela transmite é reflexiva e corporificada, ou seja, é transmitida pela própria pessoa a quem se refere. Alguns signos que transmitem informação social podem ser acessíveis de forma freqüente e regular e, se buscados e recebidos habitualmente podem ser chamados de símbolos. Alguns símbolos podem automaticamente associar um indivíduo a seu *status* social como um distintivo militar na lapela ou uma aliança na mão esquerda. Esses mesmos símbolos, no caso da prostituição, podem associar uma mulher a tal atividade de acordo com a maneira como ela se veste ou se comporta.

Entretanto, ao tomar-se os símbolos como marcas de estigma, deve-se levar em conta a sua visibilidade, pois, segundo Goffman (1988, p. 58-59):

Tradicionalmente, a questão do encobrimento levantou o problema da “visibilidade” de um estigma particular, ou seja, até que ponto o estigma está adaptado para fornecer meios de comunicar que um indivíduo o possui. A visibilidade é, obviamente, um fator crucial. Já que é através da nossa visão que o estigma dos outros se torna evidente com maior freqüência, talvez o termo visibilidade não crie muita distorção. Na verdade, o termo mais geral “perceptividade” seria mais preciso e “evidenciabilidade” mais preciso ainda.

Contudo, deve-se considerar que nem todos os símbolos de estigma possuem uma perceptividade ou uma evidenciabilidade imediata como os de ordem congênita – cor da pele – ou permanentes – uma cicatriz por mutilação, sendo possível, nesse caso, iniciar um processo de encobrimento do estigma. Ainda segundo Goffman (1988), o processo de encobrimento da identidade estigmatizada torna-se um ciclo que pode começar com um encobrimento inconsciente que o interessado pode não descobrir nunca; daí passa-se a um encobrimento involuntário que o encobridor percebe, com surpresa, no meio do caminho; em seguida, há o encobrimento “de brincadeira”, o encobrimento nos momentos não rotineiros da vida social, como férias em viagens; a seguir, vem o encobrimento em ocasiões rotineiras da vida diária, como no trabalho e em instituições de serviço; finalmente, há o desaparecimento, o encobrimento completo em todas as áreas da vida, segredo que só é conhecido pelo encobridor.

Além disso, para Goffman (1988), o indivíduo que tem um atributo diferencial secreto se encontra durante a sua rotina diária em três tipos de lugar: lugares proibidos ou inacessíveis, onde pessoas de sua situação estão proibidas de ir e onde a exposição significa expulsão; lugares públicos, nos quais pessoas desse tipo são tratadas cuidadosamente e, às vezes, pensosamente, como se não estivessem desqualificadas para uma aceitação rotineira quando, na verdade, de uma maneira ou de outra estão; e por fim, há lugares retirados onde pessoas desse tipo podem se expor e perceber que não precisam esconder o seu estigma. Desse modo, o mundo espacial do indivíduo estará dividido em várias regiões, segundo as contingências nelas contidas para a manipulação da identidade social e pessoal.

Para que se entenda como se manipula uma identidade estigmatizada, é preciso focalizar a rotina diária do indivíduo, pois é ela que vincula as diversas situações sociais que ele vivencia. Ao pesquisar a vida diária das profissionais do sexo do Dergo, é possível visualizar como suas identidades são manipuladas ou acobertadas nas relações estabelecidas

diariamente. Uma maneira de acobertar essa identidade é eliminar alguns signos que possam se tornar símbolos do estigma. A primeira estratégia é a mudança do nome verdadeiro. Poucas mulheres que se prostituem no Dergo assumem os seus verdadeiros nomes, a maioria utiliza nomes fictícios junto ao grupo e somente com o tempo esses verdadeiros nomes são revelados e, mesmo quando isso ocorre, o nome fictício torna-se o usado nas relações. Por parte das mulheres, há sempre uma preocupação em esconder a sua verdadeira ocupação, principalmente em relação aos vizinhos, já que com a família, principalmente pais e irmãos, a manipulação da identidade se torna mais difícil. Contudo, existem mulheres que conseguem omitir dos familiares sua verdadeira ocupação:

Da minha família só a minha mãe sabe, as minhas filhas ainda não têm idade pra saber. Eu não gosto muito de ficar assim...na casa de parentes, eu gosto da minha mãe, mas não gosto muito de ir na casa dela, eu gosto de ficar mais na minha, né? Eu gosto mais de ficar no meu canto sozinha.

Na perspectiva de Goffman (1988), à medida que as pessoas relacionam-se mais intimamente, como no caso da família, a aproximação categórica cede, pouco a pouco, à compreensão e a avaliação realística de qualidades pessoais. Entretanto, a despeito dessa crença sobre o estigma e a familiaridade, deve-se ressaltar que, quanto maior o grau de intimidade entre as pessoas, mais estas se preocuparão em esconder algo que possa ser vergonhoso. Um exemplo disso são as profissionais do sexo que omitem da família sua verdadeira ocupação.

Outra forma de acobertar a identidade e os possíveis símbolos que associam a mulher profissional do sexo a sua verdadeira ocupação está nas roupas e no comportamento, o que faz com que elas criem divisões entre dois espaços: o da casa e o da rua. Segundo DaMatta (1987), a sociedade brasileira se singulariza pelo fato de ter muitos espaços e muitas temporalidades que convivem simultaneamente. Para o autor, estes espaços constituem-se em esferas de significação social – casa, rua e outro mundo – que fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes, pois contêm visões de mundo ou éticas específicas:

Qualquer evento pode ser sempre “lido” (ou interpretado) por meio do código da casa e da família (que é avesso à mudança e à história, à economia, ao individualismo e ao progresso), pelo código da rua (que está aberto ao legalismo jurídico, ao mercado, à história linear e ao progresso individualista) e por um código do outro mundo (que focaliza a idéia de renúncia do mundo com suas dores e ilusões e, assim fazendo, tenta sintetizar os outros dois). Os três códigos são diferenciados, mas nenhum deles é exclusivo ou hegemônico, em teoria. (DaMatta, 1987, p.52)

Nesse sentido, o normal, o esperado e o legitimado é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos e papéis sociais para todos os membros de nossa sociedade. Desse modo, o comportamento do indivíduo se diferencia de acordo com o ponto de vista de cada uma dessas esferas de significação. O que pude observar entre as profissionais do sexo do Dergo, é que as representações que elas fazem da casa e da rua é o que determina suas atitudes, gestos, vestimenta e papéis sociais. Nas falas dessas mulheres, há sempre uma intenção de demarcar uma fronteira simbólica entre esses dois espaços. Em relação aos gestos e atitudes, elas afirmam que o comportamento que elas têm no Dergo ou, parafraseando, no “ambiente de trabalho” é muito diferente do que têm em casa. Quando estão no Dergo, seu comportamento visa à interação com os atores presentes no ambiente, seus pares sociais, as profissionais do sexo e, principalmente, o cliente, sendo que a interação com esse último dá-se através de um jogo de sedução que implica numa *performance* composta de gestos, falas e atitudes para atrair o cliente. Ao se reportarem às atitudes que têm em suas casas ou no ambiente familiar, elas enfatizam o decoro e o recato, utilizando um discurso embasado na conduta moral convencional:

Eu nunca levei um homem pra dormir na minha casa, eu acho super errado. A minha menina tem dezoito anos, às vezes vai pra festa com o namorado dela e umas duas vezes ele dormiu lá em casa, eu falei pra ela - não! Você já viu eu trazer um homem pra dormir aqui? Ela falou: - não. Isso é pra você também não trazer. Então não vamos misturar as coisas! Cada coisa no seu lugar! É ou não é? E assim eu vou levando a vida.

O que se observa é que as mulheres criam uma barreira simbólica entre o comportamento que têm na rua, neste caso, o lócus de trabalho, que é o Dergo, e aquele assumido no ambiente familiar, onde se pautam por valores morais tradicionais da nossa sociedade. Outra questão que influencia a visão de mundo dessas mulheres em relação a estes dois espaços simbólicos - casa/rua - está associada a símbolos de estigma, como a forma de se

vestirem ou até mesmo a maquiagem, o que remete, mais uma vez, à questão da representação do corpo. Na avaliação das entrevistadas, há uma diferenciação na forma como se vestem quando estão se prostituindo e quando estão em outros ambientes. Elas preocupam-se também em não manter, até mesmo no Dergo, uma aparência muito extravagante:

Na maquiagem, eu acho que eu não preciso ficar com o rosto fantasiado pra me mostrar, pra me aparecer. Eu acho que se você colocar uma pintura muito exagerada, você fica muito vulgar, muito cheguei! Muito escrito na sua cara, eu sou uma puta! Já nas roupas, eu uso umas roupas mais assim no Dergo²⁹. Porque eu acho assim, vamos supor, com essa blusa aqui, até que não é muito escandalosa pra entrar em qualquer lugar e sair. Mas com essa saia, se eu tiver que sair pra outro lugar eu coloco uma blusa mais discreta. Quando eu vou sair eu coloco uma blusa e um batom e só, assim eu posso entrar e sair de qualquer lugar, entendeu? Agora se você tá com uma roupa muito vulgar, com uma maquiagem muito vulgar, todo mundo te repara, todo mundo te olha, todo mundo comenta. Então eu acredito assim, a pessoa na simplicidade ela entra em qualquer lugar.

Para que se possa entender como se dá o processo de construção da identidade dessas mulheres, é preciso compreender o que elas fazem quando não estão se prostituindo, ou seja, descobrir como é sua vida cotidiana fora do local de trabalho. O que se percebe é que a maioria dos trabalhos sobre a prostituição estão voltados quase sempre para o entendimento das dinâmicas, das relações e das representações presentes neste universo, deixando de ressaltar que a mulher profissional do sexo possui uma vida que não se resume apenas à prostituição, pois negocia constantemente com outras esferas e papéis que não se restringem apenas ao ambiente da prostituição e ao ofício de prostituir-se.

Há uma idéia generalizada de que as mulheres que se prostituem levam uma vida desregrada, promíscua, sem responsabilidades e sem vínculos familiares e afetivos. No entanto, ao focalizar a rotina de suas vidas, pude perceber que, quando não estão trabalhando, suas atenções voltam-se para a casa e os filhos. Ao serem questionadas em entrevistas sobre o que fazem quando não estão no Dergo, todas as entrevistadas me disseram que ficam em casa cuidando dos filhos e envolvidas com os afazeres domésticos. Como pode ser observado na fala de uma entrevistada: “Quando não estou aqui eu fico em casa, ajudo menino a fazer tarefa, quando eu não venho pra cá eu levo as minhas meninas no colégio, eu pego elas,

²⁹ No momento da entrevista ela estava vestida com uma blusa bem curta que ressaltava os seios e uma mini-saia também bastante curta.

ensino elas a fazer tarefa, faço almoço, faço janta, aquela rotina”. O que demonstra que a rotina de uma mulher profissional do sexo não difere da rotina diária de qualquer dona de casa que trabalhe fora, desmistificando a idéia de que a mulher que se prostitui leva uma vida desregrada e sem compromissos.

Outra atividade de lazer bastante recorrente entre as mulheres do Dergo é ir a clubes em companhia dos filhos. Em nenhuma das entrevistas, foram mencionadas, como forma de lazer, atividades como ir a bares ou a boates. Eventualmente, elas vão a festas nas casas de familiares ou amigos. Um dado que me chamou atenção nos depoimentos foi o de que é bastante comum entre elas freqüentar alguma igreja pelo menos uma vez por semana, sendo as igrejas evangélicas as mais procuradas. A representação que elas fazem do ato de freqüentar uma igreja está embasada na justificativa em uma crença, em algo sagrado ou divino:

Tem mais ou menos uns seis meses que eu freqüento uma igreja. Porque eu acho assim, já tá difícil a gente aqui nesta rua, ainda mais sem uma religião, aí não tem como. Você sabe o que é isso aqui? Isso aqui é um encosto e você tem que lutar! Você tem que lutar! Pra Deus te tirar desse encosto e você se livrar dessa prostituição! Você tem que buscar a Deus pra você se libertar disso aqui. É o que eu mais quero! É o que eu mais peço! Eu chego na igreja e eu oro! Eu peço! Eu peço pra me tirar daquele lugar! Me tira daquele lugar! E eu sei que tá perto deus sair disso aqui!

Para o entendimento do que representa para essas mulheres o espaço da igreja, reporto-me a DaMatta (1987), que entende a casa, a rua e o outro mundo como esferas de significação social. Dentro dessa perspectiva, faço uma analogia entre a igreja e a chamada esfera do outro mundo, pois, na concepção do autor, caso pudesse existir uma zona neutra entre a casa e a rua ela seria proporcionada por essa última, que na sua concepção, simplesmente abre as portas para a renúncia ritualizada deste mundo com suas contradições, dores e ilusões. O que pude observar é que, entre as mulheres pesquisadas, o espaço da igreja representaria essa zona neutra, pois estaria entre o mundo da casa e o mundo da rua, sendo buscado como um refúgio momentâneo para angústias diárias.

Outra questão abordada na pesquisa com essas mulheres está relacionada às

suas expectativas ou planos para o futuro. Ao serem questionadas sobre isso, as entrevistadas afirmam a vontade de sair da prostituição, sendo recorrente entre elas a fixação de uma data precisa para deixarem de se prostituir. Na maioria dos casos, são datas muito próximas, tendo como limite apenas o prazo de alguns meses. Embora no grupo pesquisado a prostituição seja encarada como uma atividade provisória ou momentânea, o tempo de prostituição das mulheres com quem pude conversar ou entrevistar é entre quatro e vinte anos. O que se pode observar é que, mesmo tendo plena consciência de que o desejo de saírem da prostituição raramente se concretiza, a fixação utópica de um prazo torna suportável para elas o desempenho cotidiano de um ofício estigmatizado.

CONCLUSÃO

O trabalho aqui apresentado concentrou-se na compreensão de um grupo de mulheres que se dedicam à prática do *trottoir* em uma região de Goiânia denominada Dergo. No entanto, no decorrer da pesquisa, pude realizar minhas interpretações sobre outras modalidades de prostituição e categorias de profissionais do sexo existentes na cidade, como os michês e as travestis. Sobre as modalidades de prostituição existentes em Goiânia, pude constatar, em minha pesquisa, que, mesmo que ainda exista um tipo clássico de prostituição, como os bordéis pesquisados por Espinheira (1984) e Freitas (1985), a prostituição atualmente assume um caráter fluido e dinâmico, no qual cada modalidade encontrada apresenta singularidades visíveis na ocupação espacial e nas formas de auto-anúncio que geram mudanças entre profissionais, clientes e intermediários.

O atual comércio da prostituição oferece uma fluidez e uma autonomia maior para o profissional do sexo. Com o advento do telefone celular e da própria internet, a exposição se dá de outro modo, sem que haja necessariamente a figura de um intermediário entre o profissional do sexo e o cliente. Desse modo, considero que a prostituição, como parte integrante da nossa cultura, acompanha as mudanças sociais e tecnológicas de nossa sociedade e que, por se constituir num comércio lucrativo, incorporou até mesmo os avanços tecnológicos dos últimos anos.

No que se refere às categorias de profissionais do sexo que se dedicam à prática do *trottoir*, como os michês e as travestis, pude verificar que, dentre os profissionais que se prostituem nas ruas de Goiânia, os michês formam o grupo mais flutuante em virtude do fluxo constante de rapazes que não permanecem por muito tempo em um mesmo ponto, nem em uma mesma cidade. Outra questão que merece destaque é a autonomia que esses indivíduos possuem, não sendo verificado, assim como entre as travestis, a existência de um cafetão ou cafetina que os controle nas ruas.

É importante ressaltar que os integrantes dos projetos desenvolvidos junto aos michês têm, destes, uma imagem estigmatizada em decorrência do comportamento e da atitude dos michês quando abordados nas ruas pelos agentes de saúde. O fato de serem vistos como sendo “todos iguais”, isto é, fechados e agressivos, oferece uma situação clara para entendimento de como se constroem socialmente os atributos estigmatizadores. Para Goffman (1988), o entendimento do processo de construção de identidades estigmatizadas pode ser visualizado pelo que ele chama de informação social, transmitida pela própria pessoa através da expressão corporal na presença imediata daqueles que a recebem. Desse modo, o estigma imputado a esses profissionais se manifesta num jogo de atributos e estereótipos que é generalizado para todos os membros do grupo, como se a identidade do michê fosse essencializada.

Entretanto, além desse jogo de atributos e estereótipos que resultam no estigma, reflito também sobre o processo de construção da identidade do michê através dos conceitos de gênero e sexualidade. A questão da identidade sexual do michê pôde ser entendida através estudo de Perlongher (1987), que mostra como essa identidade pode ser complexa. Nesse estudo, o autor demonstra que os michês encaram sua prática como provisória, descarregando sobre seus parceiros homossexuais o peso social do estigma. Isso se torna possível em virtude de não abandonarem a cadeia gestual e discursiva da virilidade que

lhes proporcionaria um *status* na hierarquia que se estabelece entre eles (os machos) e seus clientes (as bichas) e das representações que têm das noções de ativo e passivo. As mesmas observações de Perlongher (1987) foram verificadas por mim entre os michês de Goiânia.

Outra perspectiva para entendimento da identidade do michê é o estudo de Fabregas-Martinez (2000), que a concebe em um contexto relacional no qual categorias como homossexual, heterossexual e bissexual ganham espaço nas narrativas dos sujeitos pesquisados. Acrescenta, ainda, que a homossexualidade adota, no universo da prostituição masculina, formas e significados diferenciados. Um “estar homossexual”, característico dos michês é distinto de um “ser homossexual” que, na lógica desses profissionais, caracteriza as bichas e os clientes. Entretanto essas novas representações em torno da chamada “prostituição viril” não puderam ser abordadas com maior profundidade neste trabalho, mas serão retomadas futuramente.

Em relação às travestis, um aspecto que chama atenção está na ocupação do espaço por esse grupo de profissionais. Como pôde ser observado, entre as travestis, o controle sobre o território se dá de forma ostensiva em um conjunto de ruas ou em uma determinada área. Tanto na região central, como nas regiões de Campinas e do Dergo, há uma demarcação de fronteiras entre as ruas e avenidas, estabelecida através da reivindicação de posse sobre estes espaços, tornando-os territórios desse grupo. Um aspecto relacionado a essa noção de controle e posse sobre o território está no esquema de cafetinagem de travestis existente em Goiânia. Esse controle pode ser compreendido não somente pela posse de um território, mas também pelo controle que as chamadas cafetinas exercem sobre as travestis que vivem sob sua tutela e que se manifesta por meio de coerções e regras claramente definidas nas relações que se estabelecem entre elas.

Outro aspecto abordado na pesquisa junto às travestis são as relações entre elas e os clientes. Devo ressaltar, aqui, a classificação estratificada dos clientes, cuja representação

se traduz em tipos e perfis que elas elaboram e que resultam nos denominados “mariconas” “boys” e “malas”. Dessa classificação, surgem as formas de interação que serão estabelecidas com cada categoria de clientes e que se manifestam nos programas e nos estereótipos que elas atribuem a cada categoria. Outra situação recorrente entre elas é a violência e as situações de conflito decorrentes, na maioria dos casos, pela prática dos assaltos contra os clientes. Entretanto a maior violência cometida contra as travestis está, em um âmbito geral, relacionada à homofobia e ao processo de estigmatização por que passam cotidianamente.

Em relação ao estigma, pude verificar que a travesti carrega a imagem mais depreciativa dentre os profissionais do sexo em Goiânia, pois é percebida como despudorada, escandalosa e com freqüentes envolvimento em confusões com clientes e policiais, estereótipos pensados como inerentes à travesti. Assim como no caso dos michês, percebe-se que a identidade da travesti é percebida a partir de uma perspectiva essencialista. Ainda sobre a compreensão da identidade das travestis, um aspecto que se torna importante é o uso do silicone, que não somente está relacionado à construção de um novo corpo, mas também à própria dinâmica da prostituição, o que envolve aspectos ligados ao jogo de sedução e à *performance* com os clientes. Para as travestis a elaboração de uma nova identidade está condicionada ao uso do silicone, o qual também amplia, na visão delas, suas possibilidades de faturamento.

Com as mulheres profissionais do sexo do Dergo, pude perceber aspectos interessantes do seu cotidiano como os turnos de trabalho, os locais utilizados para a prática dos programas e as relações que se estabelecem entre elas, o que me proporcionou uma compreensão de que esse pode ser entendido e normalizado como qualquer outro ambiente de trabalho. Sobre as relações que se configuram entre elas, pude observar que, assim como em qualquer outro ambiente, intrigas, rivalidades e afinidades são vivenciadas cotidianamente. Já com os clientes, minhas observações concentraram-se na compreensão do programa e de todos os aspectos

decorrentes do mesmo, como as formas de abordagem, os serviços sexuais oferecidos, tabela de pagamentos e as restrições que cada profissional impõe para cada programa.

No que se refere às formas de abordagem para o programa, não há regras, isso depende do contexto de interação entre a profissional do sexo e o cliente que ora a aborda ora é abordado. Sobre as táticas de sedução, cada mulher utiliza artifícios particulares para atrair o cliente como a *performance* corporal - formas de andar, gestos e olhares - sendo o diálogo a tática mais recorrente entre elas no jogo da sedução. Após o passo inicial da abordagem, pude notar que a negociação do valor monetário do programa e dos serviços sexuais constitui outra etapa importante na interação da profissional do sexo com o cliente. Os valores cobrados pela profissional dependem tanto da sua necessidade financeira imediata quanto da natureza dos serviços sexuais solicitados pelo cliente. Sobre a demanda desses serviços, um dado interessante na fala das mulheres é o surgimento, nos últimos anos, de clientes que demandam serem artificialmente penetrados por elas, o que indica novas possibilidades de pesquisa sobre práticas sexuais não convencionais.

Outra situação recorrente no cotidiano das mulheres que se prostituem no Dergo é a violência. Conforme foi observado, as profissionais do sexo, com o passar do tempo, criam mecanismos e estratégias de segurança para a realização dos programas, a partir da leitura que elas elaboram de cada cliente e situação. Além da violência infligida à profissional do sexo pelo cliente, outro aspecto observado é o relacionamento que elas mantêm com os chamados companheiros e que, na maioria dos casos, configura-se como uma relação conflituosa e permeada de violência, drogas e alcoolismo. Contudo mesmo que na maioria dos casos esta relação seja de conflito, a maioria das mulheres reporta-se aos seus companheiros como pessoas que as ajudam financeiramente, sendo também uma referência de afeto e carinho. Desse modo, considero que independente do papel desempenhado por esse homem, seja ele de cafetão, gigolô ou marido, a figura masculina para a profissional do sexo

torna-se desejável e assume uma funcionalidade.

Ao tomar o corpo da profissional do sexo como um objeto cognitivo, pude perceber que a representação deste corpo está relacionada, de certo modo, a sua ocupação, ou seja, ao ofício de se prostituir. Nessa perspectiva, utilizei as noções de aspectos instrumentais e expressivos do corpo elaborados por Rodrigues (1979), e o conceito de técnica corporal elaborada por Mauss (1974). Desse modo, pude constatar que, em relação às técnicas corporais - entendidas como o processo de treinamento por que passa o corpo visando um rendimento - a profissional do sexo realiza uma dissociação entre corpo e prazer e corpo e sentimento. No primeiro caso, a dissociação entre corpo e prazer se manifesta na idéia de que, com o cliente, o prazer é encarado como algo mecânico e que raramente ocorre; já no segundo caso, ou seja, a dissociação entre corpo e sentimento, observa-se que essas mulheres criam barreiras simbólicas, como o fato de não beijarem e nem se deixarem ser beijadas pelos clientes, pois o beijo está associado às noções de afeto e carinho, sentimentos interditados na relação com o cliente.

Estas barreiras ou divisões simbólicas entre sexo, prazer e sentimento estão relacionadas a duas categorias de homens, os clientes e os companheiros, o que é exemplificado pelo uso do preservativo. Na concepção da profissional do sexo, o uso do preservativo está associado ao cliente, ou seja, à pessoa com quem se deve tomar precauções, não vendo risco e necessidade de usá-lo com o parceiro, por acreditar que, com este, ela está segura. Desse modo, pude verificar que há dois aspectos que norteiam a separação simbólica entre sexo e sentimento: o beijo na boca e o uso do preservativo. Com os clientes, é sempre enfatizada a idéia do sexo sem sentimento, do não beijo na boca e o constante uso do preservativo. Já com o companheiro, o sexo está associado ao carinho, ao afeto e, conseqüentemente, ao beijo na boca e o não uso do preservativo. Desse modo, as profissionais do sexo criam, no ato de dissociarem corpo e sentimento, formas de representação singulares

que se manifestam em atitudes e comportamentos claramente definidos.

Outra dimensão para o entendimento do corpo da profissional do sexo está na percepção utilitarista que elas possuem do próprio corpo. O que se pôde perceber é que, embora a questão da estética e da sensualidade não deixe de ser mencionada, ela é colocada em segundo plano, sendo o corpo percebido como um instrumento de trabalho que exige manutenção para um bom funcionamento.

Em relação ao processo de construção da identidade da profissional do sexo, adoto como perspectiva o contexto relacional no qual estas são negociadas cotidianamente. Para isso, tomo como suporte para entendimento alguns autores como Hall (2002); Woodward (2000); Silva (2000) e Goffman (1988). Desse modo, a identidade dessas mulheres, concebida neste trabalho como estigmatizada, pôde ser compreendida por sua rotina diária e pelas diversas situações sociais que são vivenciadas por elas, como o acobertamento de sua identidade nas relações que são estabelecidas diariamente.

Além disso, ao tomar a perspectiva de que a identidade é relacional e construída pela marcação da diferença que define critérios de inclusão e exclusão e que essa marcação simbólica é o meio pelo qual se atribui sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído, pude verificar, também, entre as profissionais do sexo do Dergo, que marcadores da diferença são elaborados tendo por base condutas, hábitos, posturas e atitudes através das quais elas se diferenciam entre si. Desse modo, pude verificar que entre elas há um sistema classificatório, no qual há duas categorias distintas de mulheres: “nós” *as garotas de programa ou profissionais do sexo* e as chamadas *nóiadas*, classificadas como as “outras”.

Essa compreensão da identidade da profissional do sexo, além dos aspectos relacionados ao estigma e a perspectiva relacional da identidade, pode ser compreendida também pelas representações que elas possuem da casa e da rua, que para DaMatta (1987),

constituem espaços de significação social, que fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes, pois contêm visões de mundo ou éticas específicas. O que se pode observar é que as representações que as profissionais do sexo possuem do espaço da casa e do espaço da rua conformam suas atitudes, gestos, vestimentas e papéis sociais, sendo o que demarca uma fronteira simbólica entre esses dois espaços.

Essas são algumas das questões suscitadas pela pesquisa e discutidas nesse trabalho. E, como todo trabalho de pesquisa, muitas questões não puderam ser tratadas dada à exigüidade do tempo disponível para o trabalho de campo e também a delimitação do tema. No entanto, algumas questões serão retomadas por mim futuramente e outros pesquisadores virão, sem dúvida, se somar ao estudo da prostituição em Goiás.

REFERÊNCIAS

ARAIS, Tadeu Pereira Alencar. Goiânia: as imagens da cidade e a produção do urbano. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (Org.). *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano em Goiânia*. Goiânia: Alternativa, 2001.

ALMEIDA, Miguel V. de. Sangue, suor e sêmem. In: _____. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

BARROS, Myrian M. Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na Velhice. In: _____. *Perspectivas antropológicas da mulher*. v. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BENEDETTI, Marcos Renato. Hormonizada! Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis que se prostituem em Porto Alegre. In: FABREGAS-MARTÍNEZ, Ana Isabel; BENEDETTI, Marcos Renato (Org.) *Na batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa Palmaria, 2000.

BENTO, Berenice. *A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na identidade transexual*. Tese (Doutorado). Departamento de Sociologia/Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

BERREMAN, Gerald D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS / Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e AIDS*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CARDOSO, Ruth C. L. (Org.). *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho antropológico: olhar, ouvir e escrever*. Revista de Antropologia. São Paulo, v.39, n. 1, p.13-37, 1996.

_____, Os (des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo:

v. 15, n.42, 2000.

CARVALHO, Janaína de Cássia. *Corpo feminino e mutilação: um estudo antropológico*. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Uma geografia da cidade: elementos para produção do espaço urbano. In: _____. (Org). *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano em Goiânia*. Goiânia: Alternativa, 2001.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakanovistas do narcisismo: body-building e o puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise B. de (Org). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987a.

_____. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987b.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Meninas da noite*. São Paulo: Ática, 1993.

DOS ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiane. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício*. 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UnB, Brasília, 1980.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1966.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1995.

ESPINHEIRA, Gey. *Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do maciel*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

FABREGAS-MARTÍNEZ, Ana Isabel; BENEDETTI, Marcos Renato (Org.). *Na batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa Palmaria, 2000.

FABREGAS-MARTÍNEZ, Ana Isabel. Traçando a batalha: breve perfil da prostituição em espaços privados de Porto Alegre. In: _____.; BENEDETTI, Marcos Renato (Org.). *Na batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa Palmaria, 2000.

_____. A identidade masculina entre os michês de Porto alegre. In: _____.; BENEDETTI, Marcos Renato (Org.) *Na Batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa Palmaria, 2000.

FERREIRA, Armando. *Prostituição: uma visão global*. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

FERREIRA, Jakeline. O corpo signo. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de

- S. (Org). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1994.
- FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- FREITAS, Renan Springer de. *Bordel, bordéis: negociando identidades*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. (Org). *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC S.A., 1988.
- GOLDENBERG, Mirian. Homem/mulher: o que existe de novo? In: RIBEIRO, Marcos (Org.). *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde*. v.1. São Paulo: Gente, 1999.
- GROSSI, Miriam Pillar. *Trabalho de campo & subjetividade*. Publicação do Grupo de Estudos de Gênero e Subjetividade. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HEILBORN, Maria Luiza. Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In: VELHO, Gilberto. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- JARDIM, Denise Fagundes. Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos. In: LEAL, Ondina Fachel. *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: UFRG, 2001.
- LEAL, Ondina Fachel. (Org.). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- LEAL, Ondina Fachel. Sangue, fertilidade e práticas contraceptivas. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- LECZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcas de masculinidade entre os guris de rua. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, número especial, 1995.

- LEITE, Gabriela Silva. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: Record, 1992.
- MALINOWSKI, B. K. Introdução: tema, método e objeto da pesquisa. In: _____. *Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril, 1978. (Os Pensadores).
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia*. v.2. São Paulo: EPU, 1974.
- MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- MOTT, Luiz. Os homossexuais: as vítimas principais da violência. In: VELHO, Gilberto; AVITO, Marcos (Org.). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- MOTTA-MAUÉS, M. Angélica. Lugar de mulher: representações sobre os sexos e práticas médicas na Amazônia. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- NARDI, Henrique Caetano. O ethos masculino e o adoecimento relacionado ao trabalho. In: DUARTE, Luiz F. Dias; LEAL, Ondina Fachel (Org.). *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- NOLASCO, Sócrates. (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- _____. Cultura brasileira: patriarcado e gênero. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde*. v.1. São Paulo: Gente, 1999.
- OLIVEN, George Ruben. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PAIM, Heloísa H. S. Marcas no corpo: gravidez e maternidade em grupos populares. In: DUARTE, Luiz F. Dias; LEAL, Ondina Fachel (Org.). *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- PARK, Robert E. A. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Guilherme Otávio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- PEIRANO, Mariza G. S. *A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil*. Brasília: Departamento de Antropologia da UnB, 1999. (Série Antropologia. Brasil, nº 255).
- PERLONGHER, Nestor Osvaldo. *O negocio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983. (Coleção Textos, n. 4).

QUEIROS JÚNIOR, Teófilo de. Beleza da mulher e literatura brasileira. In: QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

RANGEL, Maria Lígia. Saúde do Trabalhador: identidade dos sujeitos e representações dos riscos na indústria petroquímica. In: *Cadernos de Saúde Pública*, v.9, n.3, Jul. - Set. 1993.

RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres. (Org.). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

RIBEIRO, Marcos (Org.). *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde*. v.1. São Paulo: Gente, 1999.

RIBEIRO, Miguel Ângelo (Org.). *Território e prostituição na metrópole carioca*. Rio de Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2002.

RIOS, Roger Raupp. *Prostitutas, michês e travestis: uma análise crítica do discurso jurídico sobre a prostituição e de suas conseqüências práticas*. In: FABREGAS-MARTÍNEZ, Ana Isabel; BENEDETTI, Marcos Renato (Org.). *Na batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa Palmaria, 2000.

RODRIGUES, José Carlos. Corpo Liberado? In: _____. *Antropologia do Poder*. Rio de Janeiro: Terra Nova, 1992.

_____. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. A mulher, a cultura e a sociedade. In: _____. e LAMPHERE, Luise (Org.). *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidados de si e embelezamento: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: _____. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará: ISER, 1993.

SILVA, Jean Carlos da. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo (Org.). *Território e prostituição na metrópole carioca*. Rio de Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2002.

SILVA, Telma Camargo da. Relações de gênero e noções de poder: uma relação dinâmica nas sociedades da Melanésia. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia: v. 2, n.1, 1998.

_____. Soldado é superior ao tempo: da ordem militar à experiência do corpo como lócus de resistência. *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: UFRS, ano 4; n 9. 1998 b.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003.

TOLEDO, Regina Antônia G. de. *A dominação da mulher: os papéis sexuais na educação*.

Petrópolis: Vozes, 1985.

VAZ, Samuel Campos. *A prostituição na década de 60 e sua configuração atual*. (Monografia de final de curso) - Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, UFG, Goiânia, 1997.

VELHO, Gilberto; AVITO, Marcos. (Org.). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: _____. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. (Org.). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

VELHO, Guilherme Otávio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Artigos (on-line)

ALMEIDA, Mariana Caldeira Brandt; DAHER, Frederico. *As características da prostituição feminina na rua augusta e sua implicação no turismo*. Disponível em: www.puc-campinas.edu.br/pesquisa/i_semana_cientifica

DAMÁSIO, Celuy Roberta Hundzinski. *Prostituição: problema ou solução?* Revista espaço acadêmico – ano II nº 15 – agosto de 2002 –mensal. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/015/15celuy.htm>

MARTIN, Denise. *Riscos na prostituição: um olhar antropológico*. Disponível em: <http://www.fmrp.usp.br/rms/congresso/pagina/Programa/Denise%2015%2030.ppt>

PETRÓ, Vanessa. *Profissionais do Sexo: uma perspectiva antropológica do estigma na prostituição*. Disponível em: www.antropologia.com.br/divu/colab/d10-vpeto.pdf

É com carteira assinada. Disponível em: http://cadernodigital.uol.com.br/guiadosexo/noticias/com_carteira_assinada.htm

Países ricos decidem legalizar a prostituição. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/imprescindivel/semana/gd210703a270703.htm>

A profissão mais antiga na capital mais jovem. Disponível em: <http://www.ogirassol.com.br/edicoes-especiais/prostituicao.htm>

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

MULHERES DA VIDA?

UM ESTUDO SOBRE PROSTITUIÇÃO FEMININA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

**ORIENTADORA: CUSTÓDIA SELMA SENA DO AMARAL
AUTOR: ROGÉRIO ARAÚJO DA SILVA**

**GOIÂNIA
OUTUBRO DE 2004**